

REVISTA DA SEMANA

Ano XLV -- N.º 16-- Cr\$ 1,50 em todo o Brasil -- 15 de Abril de 1944



AS DONAS DE CASA

(NO TEXTO)

E O SEU DRAMA ATUAL

Parada de Elegância

Num belo desfile

de modelos vivos,

ETAM

apresenta criações inéditas



TIVERAM GRANDE REPERCUSSÃO SOCIAL OS DESFILES DE MODAS COM MODELOS VIVOS QUE REALIZOU A "CASA ETAM", EM SUA FILIAL DA RUA DO OUVIDOR E NO HOTEL QUITANDINHA EM PETRÓPOLIS. O ACONTECIMENTO REVESTIU-SE DE GRANDE INTERESSE MUNDANO: ETAM APRESENTOU MODELOS INÉDITOS E RICAS "TOILETTES" PARA A PRÓXIMA ESTAÇÃO, TENDO A NOSSA SOCIEDADE APLAUDIDO SEM RESERVAS ESSA PARADA DE ELEGÂNCIA. DAMOS ACIMA UM INSTANTÂNEO DOS MODELOS VIVOS QUE DESFILARAM.

beleza perfeita

para a pele seca!

Helena Rubinstein afirma:
Uma pele seca cuidadosamente tratada, atinge a uma beleza perfeita. Com este fim ela criou um conjunto de produtos admiravelmente sincronizados tendo cada um seu papel determinado.



O Creme pasteurizado - para pele seca, limpa e elimina todas as impurezas, acalma e refresca a cutis mais sensível. Cr\$ 20,00

O Creme Novena - para a noite nutre e vivifica as células empobrecidas, impede o ressecamento e conserva a maciez dos tecidos. Cr\$ 50,00

A Loção Tônica - especial revigoriza a pele, fecha os poros, imprime ao rosto uma suave frescura. Cr\$ 30,00

O Creme Cidade e Campo base de maquiagem. O pó de Arroz, **Lirio Aquático**, ambos especiais para pele seca ocultam imperfeições e mantêm o maquiagem encantador durante muitas horas.

Helena Rubinstein

SALÃO NO RIO: EDIFÍCIO BRÁSILIA
Avenida Rio Branco, 311, Telefone 42-1442

Convite de helena rubinstein

Para receber gratuitamente, um folheto com valiosos conselhos sobre a conservação de sua beleza e mocidade, preencha o cupão ao lado. Se, na sua localidade, a Sra. não pôde adquirir os preparados de HELENA RUBINSTEIN, utilize também o cupão, declarando o produto ou produtos que deseja receber.

Ao SALÃO HELENA RUBINSTEIN
Ed. Brasília - Av. Rio Branco, 311

Queiram enviar-me.....

Nome.....

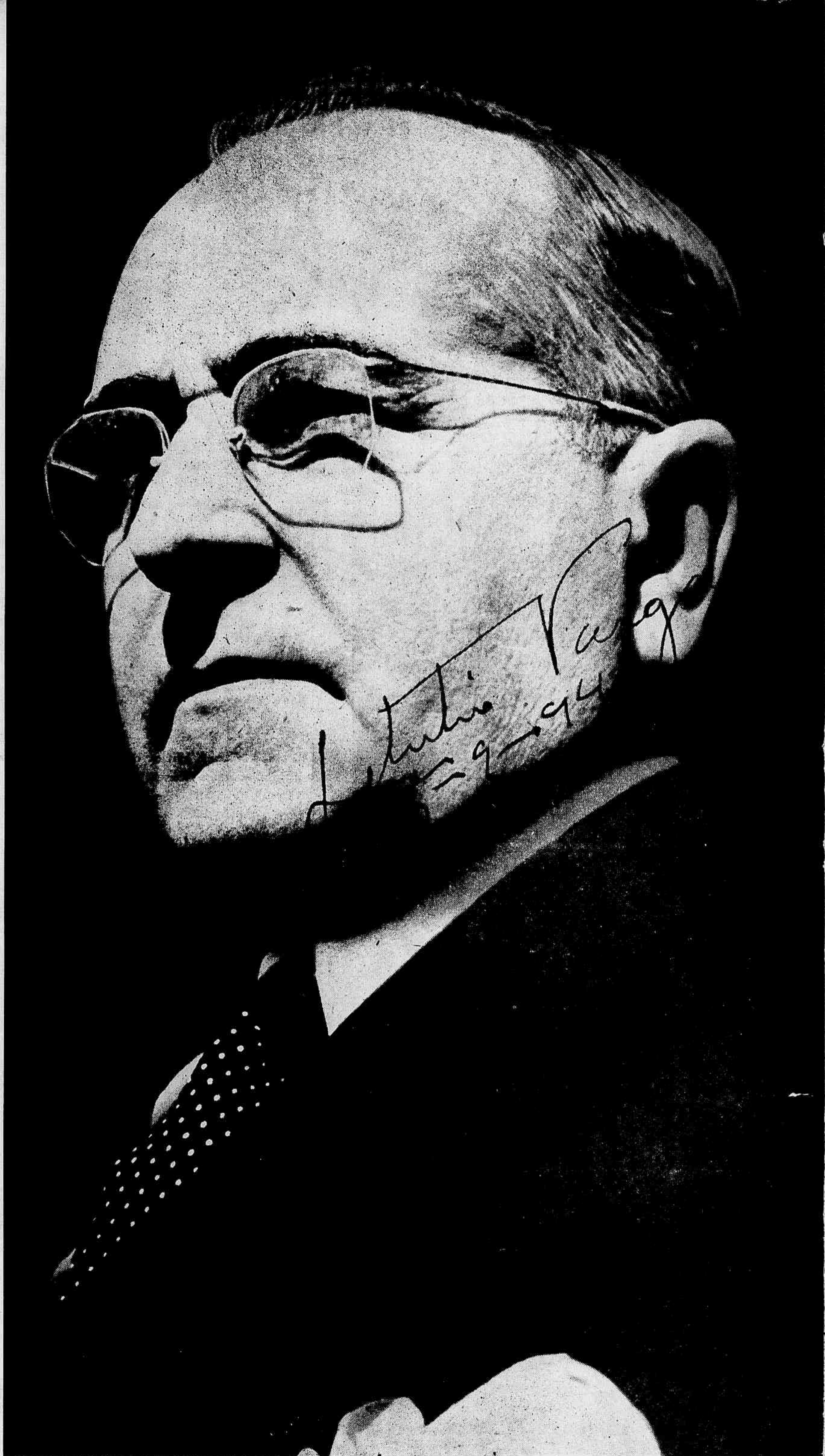
Rua.....

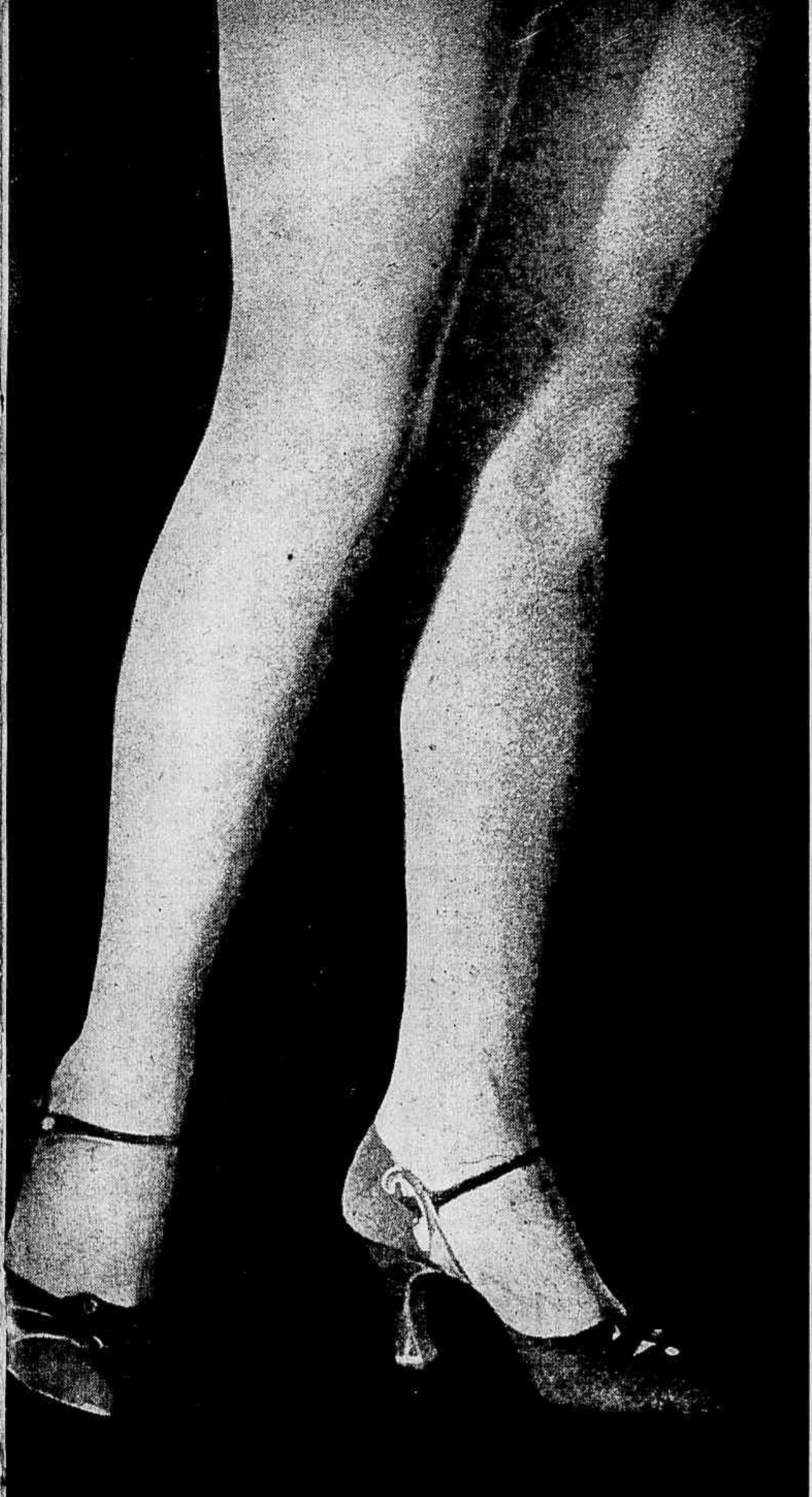
Cidade..... Estado.....



PRESIDENTE GETULIO VARGAS

ASSOCIANDO SE A'S FESTIVIDADES COMEMORATIVAS DA DATA NATALICIA DO CHEFE DA NAÇÃO, A TRANSCORRER DIA 19, QUARTA FEIRA PROXIMA, A "REVISTA DA SEMANA" PRESTA SINCERA HOMENAGEM AO ILUSTRE BRASILEIRO, NESTA HORA EM QUE O BRASIL TANTO CARECE DA SUA AÇÃO CIVICA E TOCADA DO MAIS ALTO PATRIOTISMO.





A PEQUENA Vida...

ALVARO MOREYRA escreveu

— Heil Hitler! Heil Hitler! Heil Hitler!

Em vez do *God save the King*, era o que Chamberlain repetia. Era o que Daladier cantava, em vez da Marselhesa. Pessoas de memória iam espalhando que Hitler era o Anti-Cristo. Não era; outras pessoas, desmemoriadas, descobriram que Hitler estava justamente defendendo a civilização cristã... Na guerra da Espanha, a razão do ataque veio daí. Abafaram os espanhóis, e os fascistas de várias pronúncias agiram à vontade na terra inocente, contra o povo que não queria voltar aos tempos da Inquisição. Certa manhã, o marechal Pétain, representante do governo de Paris junto ao governo de Burgos, distribuía pão aos famintos. Falangistas rodearam o antigo soldado, e gritaram: "Viva Pétain! Morra a França!" Vichy, antes, curava os fígados. Depois nem o fígado de Prometeu, apesar da prática lhe resistiria. O conde de Brinon, delegado dessa cidade de águas deterioradas, em Paris, visitou a frente oriental. De regresso, disse:

— Os únicos objetivos de Hitler são: acabar com o bolchevismo e conservar as perdas humanas no nível mais baixo possível.

Sim... nada além de uns cem milhões... Mas, no momento, Hitler declarava que o inimigo era o capitalismo, e que os mortos, fossem quantos fossem, seriam os heróis da nova Alemanha...

Ah! mundol... mundol... Também o poeta Alfred de Musset se consolou com o perfume das rosas guardado nas mãos que as desfo-

ESTA FOI MONNA DELZA.

O QUE SOBROU DO ESPIRITO DE MISTINGUETT...

UM dia, lá no século 19, o poeta Alfred de Musset exclamou:
— Fujo, tremendo, da realidade!

Parece que não fugiu. Agora, tremendo ou não, tinha que fugir mesmo. Isso é realidade que se suporta?

Aqui, está claro, temos a boa vizinhança. Todo o Continente faz como quem mora na mesma rua:

- Bom dia!
- Como passou a noite?
- As crianças vão bem?
- Que chuva!
- Foi o calor.

Etc. Entretanto, de janela fechada, é na Europa que se pensa. Pobre Europa! Que longo o teu suplício! Nossa França... nossa Itália... nossa Bélgica... O' Viena! O' Copenhague! O' Håia, que tanto cuidaste da paz! Que fizeram de você, Alemanha? Obrigado, Inglaterra! nas suas mãos, ao menos, o nosso triste coração descança.... Deus te proteja, Rússia, que ensinaste à força bruta quanto é maior a força da inteligência...

O mundo andava, na verdade, ruim. O mundo se embeveceu diante de Hitler. Hitler mentiu sempre. Começou com a forma humana, não se deteve mais: mentiu, mentiu, mentiu... Criação da matéria, odiava o espírito. Incapaz de amar, odiava o amor. Caricatura ambulante, odiava a beleza. Só podendo se manter no delírio, destruía as horas serenas, as horas que até na Idade-Média os relógios de sol marcavam... E o mundo, abobalhado, punha os braços no ar, aos berros:





POLAIRE, QUE ERA PARTIDA NO MEIO PELA CINTURA
MAIS CÉLEBRE DE ANTES DA GUERRA

lharam... Porém eu desejo que chegue a hora de falar como um companheiro próximo, Paul Eluard:

— Em cima da casa do riso, um pássaro ri nas suas asas. O mundo está tão leve que saiu do lugar; e tão alegre que não sente falta de nada...

E' preciso gostar da vida. A vida arranja tudo pelo melhor. A's vezes na realidade. A's vezes na imaginação, que é uma realidade de uso interno. Agite-se antes de usar.

Numa velha gaveta, uns velhos retratos de Monna Delza. Ela morreu assim. Era mais do que uma transeunte da vida. Na beleza de Monna Delza havia qualquer coisa de longe do mundo, qualquer coisa que lhe dava uma ascendência remota, um passado distante, perdido entre as fontes e as árvores, nas florestas cheias de luz, nos bosques cheios de música. Os olhos que a viram hão de envelhecer contentes. Monna Delza ficou no fundo deles...

E então me lembro das mulheres que encantaram a minha juventude: todas morreram moças, menos a mais bonita: Napierkovska; e a mais feia: Mistinguett; — menos Polaire, que se matou por miséria, e Eve Lavallière,

LAVALLIERE AINDA SEM VOCAÇÃO...



que foi para um convento. Elas voltam da primavera: Lantelme, Régine Flory, Nine Pinson, tantas... Hein, Olegário Marianno? Hein, Rodrigo Octavio Filho? A carne era alegre... não suspirávamos: ai de nós!... tínhamos todos os livros para ler... Contudo, que vontade de fugir!... "Fugir para bem longe! fugir"! "Os pássaros bebidos" eramos nós, "entre a espuma desconhecida e os céus" — ó Mallarmé! ó velha juventude!

Barbara Stanwyck, Paulete Goddard, Veronica Lake, minhas filhas... desculpem... vocês não valem aquelas... Faltam em vocês os nossos vinte anos...

...E OUTRAS VIDAS

Deante da janela, pela qual, às vezes, alongo os olhos, meio nostálgicos, há uma palmeira, uma velha palmeira risonha, que balança ao vento as suas folhas... Quantos anos, terá ela? Muitos. Mas tão feliz se mostra, tão indiferente ao que se mexe em baixo, na repetição de todos os dias, que me parece, quando a espio, a imagem entre o céu e a terra consoladora: "Je m'en fiche"...

Era linda e pequenina, do tamanho de uma grande boneca. Trazia um chapéu vermelho escondendo os cabelos negros. Tinha a boca da côr do chapéu e os olhos da côr dos cabelos. Dizia que se chamava Nilza. Mas um senhor de Minas Gerais, que nos encontrou juntos, veio informar-me (não sei porque...) que o verdadeiro nome dela não era Nilza. Nem me lembro já do verdadeiro nome dela. Há tanto tempo que isso aconteceu. Não me esqueci, entretanto, de uma chusma de tolices que fizemos. Coisas de creanças sem maldade. Houve até um silencio longo entre nós dois... Foi a nossa tolice maior, naquê dia. Depois, ficámos a esperar... E não sabíamos o que esperávamos... Eu murmurei por fim: "Até amanhã". Ela respondeu: "Se Deus quizer"...

Deus não quiz... Estou errado?...

A dôr é util! — assegurou-me, há dias, um filósofo que foi dentista e enriqueceu.

As mulheres feias acham sempre as modas exageradas...

O meu jardineiro teima em chamar aos lírios "copo de leite". Tentei, varias vezes, revelar-lhe, incutir-lhe a verdade, a pequena verdade. Ele respondeu que toda a gente diz que é "copo de leite" o nome daquela flôr. Aí está a razão porque não há lírios neste país...

Não convém contrariar ninguém...

Só as pessoas que não gostam de nós, sabem, na verdade, como somos. As outras andam sempre a descobrir defeitos que ainda não temos.

Uma das mais teimosas preocupações da humanidade moderna é a fotografia em jornais e revistas: o retrato, espalhado, visto por muita gente, no bonde, nos cafés, dentro de casa... Mulheres, homens, velhos e creanças, todos querem aparecer. Há quem se mate para realizar, assim, o desejo da vida inteira. Inumeras pessoas só casam para isso. Agora mesmo, acabo de vê-lo, numa folha diária, o "cliché" de um cavalheiro, ferido pela amante, com cinco tiros ferozes. Deitado na maca da Assistência, ele já tem um dos olhos fechados pela morte; mas, com o outro, ainda vagamente aberto, fixa, enternecido, um ponto no espaço posando para o fotografo...



NAPIERKOWSKA 1913.

Pentear, para as mulheres, é um verbo importante, tão importante que o substantivo vindo dele faz parte das vitórias femininas. o penteado, na ofensiva da paixão, ficou sendo a grande arma irresistível. E' o penteado que dá á fisionomia "aquele não sei quê" logo transformado pelos homens em sentimento, nas suas almas sempre abertas. A imagem que os homens guardam das mulheres é a imagem de um penteado...

MISTINGUETT QUANDO NÃO PENSAVA EM
SER COLABORACIONISTA.



O JOCKEY CLUB MUNDANO



As corridas de domingo, como sempre, levaram ao prado da Gávea os elementos mais representativos da elite carioca. A "pelousa" enfeitou-se com a graça e a elegância de numerosas "tu-fwomen" tendo o nosso fotógrafo conseguido apanhar ali os sugestivos instantâneos que ilustram esta página.

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 e qualquer parte do país o número atrasado Cr\$ 2,00

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia.

Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal

434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo

Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PÁGINAS

ANO XLV --- 15-4-1944 --- N. 16

sumário:

LITERATURA:

A Pequena Vida (Alvaro Moreyra).....	4
Livros Novos.....	10
A Literatura dos Gatos.....	12
O Cuscús (Aluizio Azevedo).....	15
Morte em Shanghai.....	29
Cilada de Cupido (Claire e Line Drezel).....	33
Escragnolle Doria.....	34

REPORTAGENS:

Por que se candidatou á Academia? (Raul Machado).....	8
Soldados do Brasil.....	22
As Donas de Casa e o seu drama atual.....	25
Aconteceu no Rio.....	39

FOTOGRAFICAS:

Presidente Getulio Vargas.....	5
J. quei Clube.....	6
Até á volta.....	14
Sorrisos de Mulher.....	18

CINEMA:

As Novidades de Hollywood.....	36
--------------------------------	----

FEMININAS:

M del's de Alina.....	17
Nos Bastidores Femininos e outros assuntos a começar da página.....	35

AVULSAS:

Noticiário Elegante.....	43
A Guerra em Marcha.....	19
Falta Potencial Humano á Alemanha?.....	20
Poderá ser restaurada a arte européia?.....	30
Ainda os 40 anos da Avenida Central.....	32
De Teatro.....	46
De Rádio.....	47

CARICATURAS:

De B m Humôr.....	38
"Charge" de Raul.....	50

O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

Informamos aos nossos leitores que em todo o território nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continua sendo Cr\$ 1,50. Qualquer alteração referente ao custo de venda no interior ou na capital da República constará na própria capa do número a que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o território nacional o preço da capa.

De quem é a culpa?

Si V. S. sofre de dor de cabeça, tonturas, peso, calor e mal-estar na cabeça, enpachamento, dores e outras perturbações do estômago, certas coceiras e irritações da pele, falta de apetite, preguiça e moleza geral, língua suja, quentura na garganta, mau gosto na boca, mal-estar depois de comer, indigestão, mau hálito, arrêtos, gases, dores, cólicas e outros desarranjos do ventre, azias, ânsias e vontade de vomitar, nervosismo e outras alterações da saúde provocadas pela prisão de ventre, a culpa é sua porque não se trata como deve.

Estas moléstias quasi sempre são causadas por impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas no estômago e intestinos, que invadem o sangue e prejudicam o organismo.

Para evitar e tratar estes sofrimentos, use **Ventre-Livre**.

Ventre-Livre limpa o estômago e intestinos das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosas doenças.

Use **Ventre-Livre**

* * *

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre

em casa **Ventre-Livre**

Números atrasados desta revista em São Paulo
Procurar á Rua D. José de Barros, 323 -- Tel. 47-866

A nossa capa



cer a elegancia feminina, para bem de nós outros, os homens. Sabe a mulher dividir-se entre seus afazeres diários, em casa ou no escritório, quando não servindo mais diretamente ao Exército ou à Marinha na condição de enfermeira, sem perder seus hábitos de bem vestir, de se enfeitar para alegria do seu companheiro de todas as horas e por quem ela tanto esta' morejando. Fazemos, pois, da nossa capa de hoje um hino á Mulher, eterno assunto, eterno problema, invariavel tema de todos os tempos e agora, tambem, a batalhadora anônima, no silencio do lar ou no borborinho da repartição, sofrendo as mesmas amarguras do homem viajando em pé, nos bondes e nos ônibus, marcando passo na fila, mas sempre com esse tóque de resignação e esperança tão proprio do seu sexo.

HUMBERTO DE CAMPOS — ESCRITOR DE ALÉM TUMULO

ETerno assunto, eterno problema, invariavel tema de todos os tempos a Mulher continua em ordem do dia. Na guerra e na paz, em dias calmos ou agitados, ela participa, direta ou indiretamente. Agora mesmo, a mulher dona de casa vive o seu drama angustioso, na retaguarda, servindo á causa da Vitoria no seu labôr cotidiano, enquanto o marido e os filhos, cu o noivo e os irmãos, dão conta do seu devêr militar. Neste mesmo numero, esse drama é amplamente focalizado em uma reportagem que se estende por varias paginas. E na capa é ainda, Eva que nos aparece, numa figura sedutora de Maria Montez, conhecida "estrêla" de cinema. Nem a guerra fêz desapare-

Queremos assinalar o sucesso alcançado pela edição anterior da REVISTA DA SEMANA, onde foi publicada a grande reportagem sobre Humberto de Campos, suas obras póstumas e outras curiosidades á margem do saudoso escritor maranhense. Em poucas horas, a tiragem desta revista, embora sensivelmente aumentada, esgotava-se e ainda assim éramos procurados por pessoas que não haviam conseguido o seu exemplar. Ao mesmo tempo, esclarecemos que o filho de Humberto de Campos, hoje casado, é o snr. Henrique de Campos, continuando solteiro o filho mais moço, snr. Humberto de Campos Filho.

POR QUE SE CANDIDATOU A' ACADEMIA?

"HÁ, NELA, UMA ATMOSFERA DE AFINIDADES QUE ME SEDUZ, E UM AMBIENTE DE NOBREZA DE ESPÍRITO ONDE TODOS OS HOMENS DE PENSAMENTO SE SENTIRÃO ELEVADOS NUMA COMUNHÃO DE GRANDEZA", RESPONDE O POETA RAUL MACHADO. — POETA E PARAIBANO, COMO PEREIRA DA SILVA — UMA POESIA TRADUZIDA EM ÁRABE — "NÃO SOU UM FEITICISTA DE FÓRMULAS" — A OBRA LITERÁRIA DO JURISTA DO TRIBUNAL DE SEGURANÇA E OUTRAS CURIOSIDADES

Não foi muito fácil encontrar Raul Machado, sempre ocupado nas suas múltiplas atividades. Muitas vezes o jurista não permitia ao poeta uma entrevista. Assim fomos adiando a reportagem até que pudemos encontrar em casa o candidato a' vaga de Pereira da Silva, que nos recebeu com a maior amabilidade no seu luxuoso gabinete de trabalho.

Raul Machado não é um homem risonho. As preocupações do alto posto que ocupa no Tribunal de Segurança não deixam ao poeta de "Passaro Morto" lazeres para explicar ao curioso repórter as razões da sua candidatura ao "Petit Trianon".

Ele tem o ar sério de quem deve cumprir alguma tarefa grave e urgente.

Entretanto o seu modo de falar é afável e simples, como o de todos aqueles que, tendo consciência do seu valor, não precisam afetar poses.

Falamos sobre diversas coisas antes de abordar o assunto que nos levava a procurar o nosso entrevistado. Sob aquela aparência de calma, percebemos logo o homem dinâmico mas metódico. Tudo ali, naquele ambiente, indicava essa atividade e a organização a ela imprimida.

Raul Machado, poeta, sociólogo, jurista, responde a' "enquête" da "Revista da Semana".

— Há espíritos que conseguem reunir aptidões tão diversas, em campos tão diferentes que nos deixam a pensar como podem atingir um nível elevado em todos esses setores sem que se prejudiquem uns aos outros. Raul Machado é um exemplo do que acabamos de afirmar. Poeta, sociólogo, ensaísta, jurista de mérito, tem ocupado os mais altos postos na magistratura e contribuído com obras de real valor. Basta dizer que já foi promotor na justiça, juiz togado da justiça militar, ministro do Conselho Su-

premo da Justiça Militar, ocupando atualmente o posto de auditor-corregedor da justiça militar e ministro do Tribunal de Segurança Nacional. Entre as muitas obras jurídicas com que enriqueceu a literatura do direito pátrio, citaremos: "A Culpa no Direito Penal Brasileiro", "Codigo Penal Militar da Alemanha", "Praxe do Processo Criminal Militar". Esta ultima foi adotada oficialmente no Exército e na Armada.

É um poeta sincero, com extraordinária força emocional. Embora ansiando libertar-se da forma, ele continua seu prisioneiro. Seu pensamento exaltado obedece aos "requintes da arte". Não é entretanto cesses que forcem vocações. Ainda com 17 anos, "um adolescente, um mocinho imberbe, a quem com propriedade se pode aplicar a chapa das dezoito primaveras..." como nesta época se referia ao poeta Duque Estrada, que prossegue ainda: "Medrou como planta rara, na acanhada estufa da Paraíba onde medra também o extravagante engenho de Augusto dos Anjos, outro poeta de futuro."

As palavras de Duque Estrada tiveram plena confirmação. O poeta de "Passaro Morto", "Azas Aflitas" e "Poesias" é bem o que prometia em 1919 o autor de "Águas de Castalia" e, anteriormente, "Cristais e Bronzes".

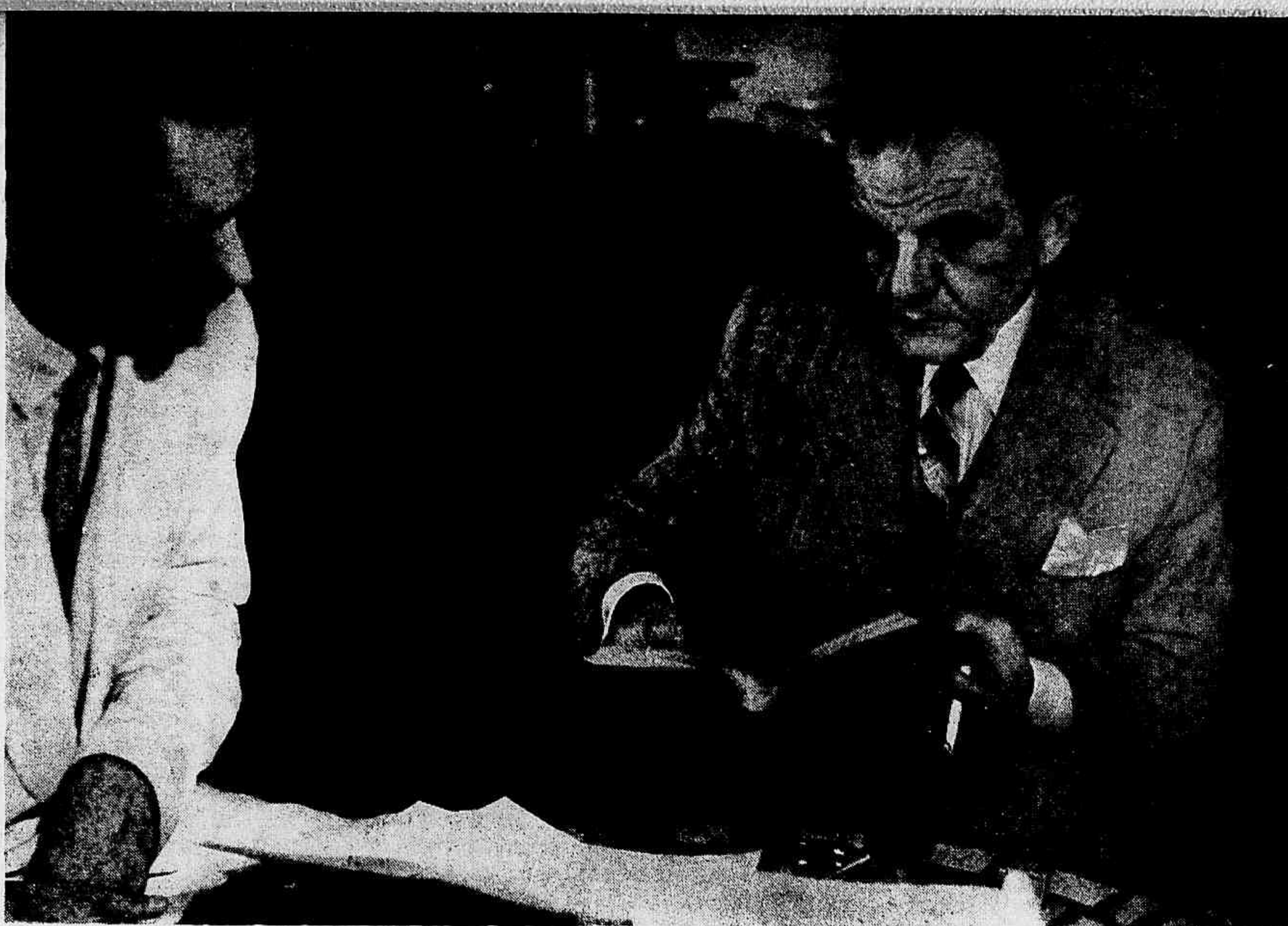
Raul Machado parece ter sido sempre um "filho querido" da critica, mesmo da critica severa da época em que começava a produzir.

Dele dizia Agripino Grieco: "Senhor de um feliz impressionismo descritivo, agradava pelo desenho e pelo colorido, igualmente seguros. Em algumas de suas produções havia um brilho envernizado das faianças mouriscas. Sabia orquestrar a musica dos ouros, dos azues e dos verdes sertanejos. Seus olhos não chegavam nunca a saciar-se de luz." E vai por ai afóra, no mesmo teor.

RAUL MACHADO EM SEU GABINETE DE ESTUDO PÔSA PARA A REVISTA DA SEMANA.



A "REVISTA DA SEMANA" PROMOVEU ESTA OPORTUNA "ENQUÊTE" JUNTO AOS CANDIDATOS DAS VAGAS EXISTENTES NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS — DE PEREIRA DA SILVA, FERNANDO DE MAGALHÃES E RODRIGO OTAVIO. EM NÚMEROS ANTERIORES, DEMOS A PALAVRA A BASTOS TIGRE, JORGE DE LIMA, LUIZ EDMUNDO, SILVIO JULIO, J. G. DE ARAUJO JORGE E TASSO DA SILVEIRA, ANUNCIANDO PARA HOJE A VÊZ DE PORTO DA SILVEIRA. POR MOTIVO DE SÚBITA ENFERMIDADE DO CONHECIDO ESCRITOR E JORNALISTA, ENTREVISTAMOS O POETA RAUL MACHADO, CUJAS OPINIÕES DEVIAM SAIR SÓ NO NÚMERO VINDOURO. OUTROS CANDIDATOS ESTÃO SENDO OUVIDOS PELA NOSSA REPORTAGEM. ENTRE ÊLES AFONSO DE CARVALHO E PORTO DA SILVEIRA, JÁ RESTABELECIDO.



— "ENTENDO, COMO SULLY-PRUDHOMME, QUE A ARTE TAMBÉM PODE SER LIVRE, DESDE QUE ESSA LIBERDADE LHE SIRVA PARA ALCANÇAR A BELEZA E TRANSMITIR-LA DE MODO NOVO..."

De José Vieira mereceu a seguinte apreciação:

"Depois de Raimundo Corrêa, só ao Sr. Raul Machado se poderia chamar poeta parnasiano na acepção em que o termo represente os característicos essenciais da Escola: classicismo, fundamento científico, impessoalidade, procura de perfeição. O poeta de "Água de Castalia" é um erudito, sendo dos nossos mais profundos conhecedores dos segredos e regras, os mais íntimos, da arte poética parnasiana.

Seria interminável a lista de louvores deste mesmo teor com que alguns dos nossos destacados críticos houveram por bem distingui-lo.

Todos esses são títulos que recomendam o poeta de "Passaro Morto", como candidato a' vaga de Pereira da Silva, de quem é aliás conterrâneo.

A' nossa pergunta: Por que se candidatou a' Academia?, respondeu-nos Raul Machado:

— "Formei o meu espirito na leitura de bons autores, nacionais e estrangeiros, apurando, quanto pude, a sensibilidade para a compreensão universal da beleza. Sempre tive, além disso, apreço a's tradições, que representam conquistas morais e intelectuais de um povo, forças de ideia e sentimento da raça; e que são os tesouros inalienáveis da nacionalidade.

Ora a Academia, por sua propria indole e finalidade, se constitui um luzido corpo de guarda da pureza da nossa lingua, uma teoria de deslumbrados pelo sol da beleza, e é um templo pagão onde se rememoram os vultos da nossa cultura.

Ha nela, portanto, uma atmosfera de afinidades, que me seduz, e um ambiente e nobreza de espirito onde todos os homens de pensamento se sentirão elevados numa comunhão de grandeza.

E prossegue:

— Aliam-se a essas razões de ordem intelectual, que me animaram a concorrer a' vaga de Pereira da Silva — paraibano e poeta — uma outra, de vida e de sentimento: como ele, nasci na Paraíba e, como ele, fiz versos, embora sem nenhum brilho. Substitui-lo seria um modo de conservar-lhe a cadeira em honra a' minha terra natal.

— Quais as correntes literarias que mais influíram na sua formação intelectual?

— Posso resumir a minha resposta afirmando que foram as classicas, entendidas como tais todas aquelas que sempre apresentaram as ideias e as imagens revestidas com a dignidade da forma. Não compreendo arte sem trabalho artistico, nem poesia destituída de feição estética ou de beleza emotiva.

Isso não obstante, não sou um feiticista de fórmulas, não me apego, intransigentemente a regras e processos técnicos prefixados em codigos.

Entendo, como Sully-Prudhomme, que a arte também pode ser livre, desde que essa liberdade lhe sirva, para alcançar a beleza e transmiti-la de modo novo, em novas orquestrações escritas sobre o tema abstrato do sentimento e o tema concreto da natureza.

Meu pensamento a respeito se acha nitidamente expresso na conferencia que realizei em Recife no ano de 1924, sobre o "Abolicionismo da Arte" e no pequeno estudo que inclui a proposito da "Agonia do verso" no livro "Dansa de Ideias".

— E quanto a' repercussão da sua obra no exterior?

— Sem intenção de fazer propaganda de mim mesmo, posso dizer que a minha obra tem sido bastante comentada e apreciada no exterior. Tenho versos traduzidos em diversos países da América do Sul, onde alguns poetas de renome me tem honrado. Assim é que varios sonetos e poesias têm sido traduzidas em francês, italiano e espanhol.

E agora, abrindo uma gaveta:

— Tenho mesmo aqui algumas apreciações de poetas e escritores estrangeiros, que lhe poderia mostrar. Veja esta, do poeta uruguaio Carlos Sabat Erasty:

Pudemos então ler no seu caderno: "Usted tiene en sus versos, no una fria perfeccion de diamante, sino una viva perfeccion de flor y, cuando el tema lo exige, una sbelta y armoniosa serenidad de arbol, en que se siente el movimiento y la respiracion

ancha de la vida. Pese a que el soneto fija demasiado el impetu de la inspiracion, he observado que Usted lo domina tan magistralmente que lo adapta a una prodigiosa riqueza de tonos interiores que transparentan la complejidad lirica de su alma."

E mais adiante, do poeta colombiano Miguel Rasch Isla: "Tiene Usted, em su obra, sonetos verdaderamente bellos por el sentido y por la ejecucion y, en especial, por esta ultima que, en mi sentir, es delicadissima.

... El soneto limiar bastaria, por si solo, si Usted no tuviera otros muchos de igual merito para acreditarlo como un artista lleno de originalidad, de decoro.

Voy a traducir algo de lo suyo, para enriquecer mi obra en preparacion "Alma Brasilenas".

Estes são trechos de cartas que os poetas escreveram a Raul Machado. Abstivemo-nos de prosseguir. O que lêamos era suficiente para atestar a repercussão da obra de Raul Machado, como poeta, fóra das fronteiras do seu país. Como vemos, a crítica estrangeira não é menos favoravel ao nosso entrevistado que a nacional.

— O mais interessante, prossegue o poeta, é que já tive uma poesia traduzida para o a'rabe por um poeta a'rabe."

— Seus versos já chegaram então a' Asia?

— Não, não foram tão longe. Eu explico: "Malba-Tahan recitou para Taufik Duoum, poeta a'rabe, domiciliado em São Paulo, um verso meu. Taufik parece ter gostado, pois pediu-me autorização para traduzi-lo para a sua lingua e publica-lo num jornal a'rabe que se publica na capital de São Paulo.

RECAPITULANDO

Raul Machado foi o nosso setimo entrevistado, na série de palestras que vimos mantendo com os candidatos a' Academia Brasileira de Letras. Depois de seis semanas, já podemos fazer uma ligeira análise da luta que empolga a opinião literaria do país, despertando o interesse, mesmo daqueles que se mantêm, por essa ou aquela razão, afastados do assunto.

Com essas reportagens visamos manter o publico ao par desse acontecimento de relevante importancia nas letras pátrias, procurando ao mesmo tempo estabelecer um contacto dos possiveis futuros imortais com os seus leitores.

Realmente, julgamos util facilitar esse traço de união entre aqueles que irão dirigir e representar as letras brasileiras e o publico que os conhece apenas de nome e que certamente se interessará pelas suas vidas e pelas particularidades da sua obra.

E' um contacto mais direto entre o escritor e o publico, em que ambos sairão lucrando.

Não pretendemos dar uma biografia completa, mas alguns traços biográficos suficientes para revelarem o homem.

Naturalmente se hão de formar correntes de simpatia em torno de alguns nomes, que mais particularmente tenham agradado aos leitores.

Representantes de todos os setores da atividade humana têm se apresentado em nossas colunas. Alguns, são mais conhecidos pelo pseudonimo, atravez da colaboração diaria nos jornais e revistas. Outros se mantem mais afastados do publico, sendo conhecidos apenas por uma elite.

Já estamos familiarizados com muitos deles, e habituamo-nos a's suas idéias e a' sua orientação.

Entre os já entrevistados estão em ordem cronológica: Bastos Tigre, Jorge de Lima, J. G. de Araujo Jorge, Silvio Julio, Luiz Edmundo e Tasso da Silveira. Devem ainda falar a' REVISTA, Afonso de Carvalho, Arnaldo Damasceno Vieira, Porto da Silveira, Vinicio da Veiga, Afonso Schmidt, Martins de Oliveira, Carneiro Leão, Roberto Simonsen e Rodrigo Otavio Filho. A morte de Rodrigo Otavio veio abrir outra vaga. Todos eles se apresentam com reais possibilidades. Aguardemos o resultado final, para saber quais os eleitos a' imortabilidade, na certeza de ter REVISTA DA SEMANA contribuido, como veículo de divulgação, publica, para o êxito maior desse importante certame literario que tão acentuada curiosidade vem despertando em todas as rodas intellectuais do país.



Petrolina

antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos,

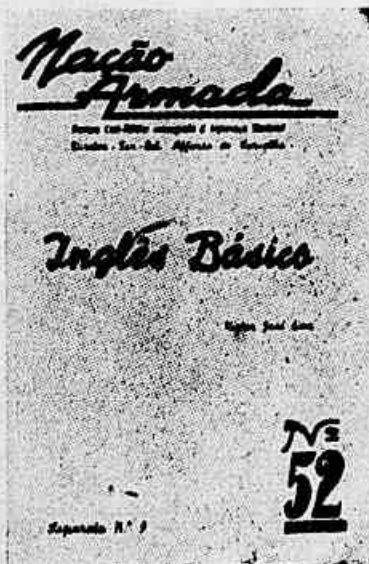
REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUEDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

Livros

INGLES BÁSICO. — Separata n. 9 do n. 52 de *Nação Armada*. — Victor José Lima.



Baseando-se nos trabalhos do professor C. K. Ogden, da Universidade de Cambridge, o sr. Victor José Lima apresenta-nos um curso rápido de inglês, tendo em vista os pontos essenciais do Inglês Básico, e introduzindo um vocabulário militar adicional, além de outras regras fundamentais. O professor Ogden partiu do princípio de que o inglês atualmente é o idioma falado por mais de seiscentos milhões de pessoas, tendo ainda se difundido entre muitos outros milhões. Procura então simplificar o máximo possível, tornando mais fácil a sua assimilação. Para isso condensou a língua inglesa em 850 vocábulos básicos. Seu trabalho foi principalmente o de eliminar as palavras sinônimas e as que podem ser consideradas superfluas, conservando entretanto as que são absolutamente necessárias. Como vemos, dadas as circunstâncias atuais do mundo, este é um trabalho de sumo interesse e utilidade, facilitando enormemente o intercâmbio entre os países de língua inglesa os demais.

Essa condensação representa uma tarefa bem difícil, que deve ser apreciada por todos os que se interessam em aprender o idioma de Shakspeare.

FRUTOS COLHIDOS EM POMAR ALHEIO. — Carlos Maranhão. — Rio. — 1944.

Sob esse título, Carlos Maranhão apresenta-nos a tradução livre de alguns poemas de destacados poetas hispano-americanos. É uma pequena antologia dos maiores nomes da poesia hispano-americana, tão rica e entretanto tão pouco conhecida aqui no Brasil. Duas dificuldades fundamentais deviam ser vencidas pelo autor. Em primeiro lugar naturalmente as dificuldades da tradução, que, na poesia, apresentam-se em maior número que na prosa; depois, a escolha a ser efetuada entre tantos poetas de mérito e tantas poesias dignas de ser conhecidas. Parece-nos que o poeta conseguiu vencê-las apresentando um trabalho bem interessante.

Evidentemente, não lhe foi sempre possível conservar integralmente toda a força e a musicalidade em algumas delas, como por exemplo nessa admirável *Elegia del Órgano*, de Santos Chocano, poeta peruano, onde a musicalidade e a propriedade da adjectivação dificilmente pederiam ser transportadas para outra língua, sem perder um pouco da sua primitiva beleza. Vê-se, porém, que o autor enfrentou resolutamente essas dificuldades, não procurando [as Poesias de mais fácil tradução, mas escolhendo aquelas que realmente devem ser consideradas obras primas, muito embora apresentando maiores dificuldades.

Para que se possa julgar, comparemos a tradução com o original, nesta mesma *Elegia del Órgano*:

"Sôa o órgão,
Sôa o órgão na igreja solitária
E ressoa no recesso da noite;
Ha um jorro de sons em suas flautas,
Que chegam brandamente,
Vaporosos,
Como passos na alfombra,
Como dedos que acarinham pela sombra,
Como sedas que se arrastam molemente:
De subito se encrespam,
Se entumescem, rebramam em catadupa,
Como explosão de máguas,
'A maneira de um largo rio que sepulta
Em seu leito rochoso
O pesado volume de suas águas..."

E o original:

"Suena el órgano
Suena el órgano en la iglesia solitaria
Suena el órgano en el fondo de la noche
Y hay un chorro de sonidos melódicos en sus flautas
Que comienzan blandamente, blandamente,
Como pasos en alfombras
Como dedos que acarician,
Como sedas que se arrastran
Y de súbito se encrespan
Y se inchan y rebraman
'A manera de ancho río que sepulta en su lecho rocalloso
La solene pesadumbre de sus aguas..."

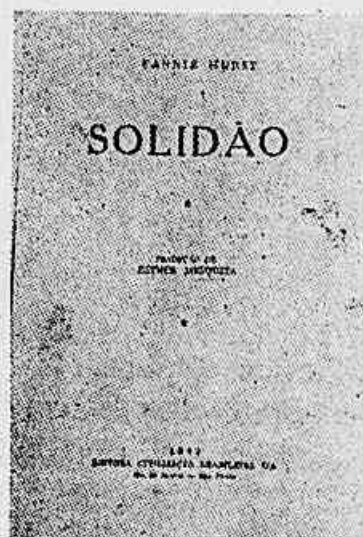
Este é um exemplo, que bem mostra as dificuldades do trabalho e o modo como foram enfrentadas.

Encontramos ainda poetas como Ruben Dario, Amado Nervo, Gabriela Mistral, Espronceda, Lope de Vega, antigos e modernos, de todas as escolas, mas todos mestres na difícil arte de versejar.



Novas

SOLIDÃO. — Fannie Hurst. — Tradução de Esther Merquita. — Rio. — 1943.



O livro de Fannie Hurst aborda o tema sem dúvida palpitante do feminismo, que, marcando uma nova fase na história do mundo, caracterizou-se como uma das mais espantosas e sérias transformações sociais. Três mulheres, representando três caracteres distintos, personalam o movimento feminista. Uma fria, remota e enigmática, outra delicada mas cheia de paixão e a terceira quase depravada, por vezes grotesca, são apontadas pela autora como as líderes do movimento a que a sua era fantástica deu lugar.

Fannie Hurst procura dramatizar a evolução social de um sexo, estudando as mudanças por que passaram as mulheres do século XX, transformando-se numa espécie inteiramente diferente daquela que o mundo se habituara a ver.

Faz ainda a análise das forças e do meio que produziram esse movimento.

Pela atualidade e interesse do tema abordado, este é um livro que desperta a atenção.



ENCONTRO COM O PERIGO. — Helen Macynnes; tradução de Lygia Junqueira Smith. — Rio. — 1944.



Eis aqui mais um 'best-seller'. Um grosso volume de trezentas e tantas páginas, explorando o inesgotável tema da guerra que, embora já se esteja tornando cansativo, encontra sempre leitores, interessados em conhecer, ao menos por intermédio das descrições, a guerra, em todos os seus detalhes e sob todos os seus aspectos, desde os combates sangrentos até às intrigas da espionagem. Não faltam nem faltarão os amantes da aventura... à distância. Aqueles que, confortavelmente sentados numa lôfa cadeira, emocionam-se com as aventuras arriscadas e extraordinárias dos heróis de ficção. Este livro é da escritora americana Helen Mac Innes, autora de *Encontro com o Perigo*, e considerado pela crítica como uma das mais populares romancistas dos Estados Unidos, atualmente.

Trata-se de uma história de espionagem, tendo como tema acontecimentos da guerra atual.

Desenrola-se a ação em torno das aventuras de um jovem oficial britânico, do Serviço Secreto, enviado à França, após a retirada de Dunquerque, disfarçado em soldado francês ferido, incumbido de descobrir os próximos planos nazistas com relação à costa da Mancha. Misturando assim espionagem, contra-espionagem e romance, movimenta a autora os seus personagens.



UM BRASILEIRO NO JAPÃO EM GUERRA — Mario Botelho de Miranda. — Rio. 1944.



Num mundo em que tudo se vai tornando irremediavelmente igual, em que a civilização, passando como um rolo compressor, vai aplanando todas as diferenças em que o turista verá por toda parte os mesmos traços, os mesmos hábitos, e acabará por ouvir em todos os recantos a mesma língua, numa estandardização irritante, é sempre com interesse e curiosidade que tomamos conhecimento do mundo oriental, onde continua a existir um pouco de mistério, apesar da ocidentalização gradativa.

A China, o Japão, a Índia são nomes que vem sempre cercados de mistério.

A traição japonesa e a ferocidade demonstrada pelos amarelos súditos de Hiroito, vem aumentar ainda mais o interesse em torno daquela terra delicada das cerejeiras, em que tudo parecia disposto pela natureza para a existência de um povo tranquilo e suave, sem ambições desvairadas e sem o delírio do sangue.

O autor foi o chefe de uma caravana de estudantes paulistas que, em missão cultural, apoiada pelo nosso governo, visitou o Japão em Março de 1940. Tendo sido exgotado o programa de visitas, a comissão voltou ao Brasil, com exceção de Mario Botelho, que resolveu estudar o Império do Sol Nascente. Tendo aprendido o difícil idioma japonês que domina perfeitamente, viu o autor a sua tarefa grandemente facilitada. Com um verdadeiro senso jornalístico, dando à sua obra um caráter de reportagem, estudou a vida e os costumes do povo japonês, em todas as camadas e em todas as suas atividades.

Dr. SPINOSA ROTHIER

Membro do Círculo Médico de Buenos Aires

DOENÇAS SEXUAIS E URINÁRIAS

(Endoscopia, Operações, Eletricidade, Hormônios Sexuais)

Rua Senador Dantas, 45-B — 9.º andar — Apartamento 902 — Telefone 22-3367

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



SE FOSSE SEU FILHO...

... Belo, cheio de saúde, impaciente por triunfar! Não há sacrifício que você não faça, nem dever que evite para seu êxito, sua felicidade e sua saúde. Faça-lhe ver a importância de manter os dentes limpos, escovando-os depois de cada refeição, ou, pelo menos, duas vezes ao dia — com Creme Dental Squibb. Não contém adstringentes, substâncias raspantes ou ingredientes que possam estragar o esmalte ou

irritar as gengivas. Pelo contrário, é fabricado com um eficaz anti-ácido — o Leite de Magnésia Squibb. As crianças sentem prazer em usar este dentífrico agradável. Não somente gostam do sabor, como também ficam encantadas com a deliciosa sensação de frescor que o Creme Dental Squibb deixa na boca. Compre um tubo... hoje mesmo. Procure o Selo da Casa Squibb, pois Squibb é um nome de confiança.



CREME DENTAL SQUIBB

MAIS DE 100 PROVAS DE LABORATÓRIO ASSEGURAM SUA PUREZA E EFICÁCIA

420

Entre as suas muitas aventuras no Império do Micado, encontrou o autor a amarga experiência da estadia num campo de concentração nipônico. Aventura aliás nada invejável, mas que sem dúvida vem aumentar o interesse da obra.

A LITERATURA



O cão é tido e havido como o amigo do homem... Mas, para o homem de letras, o verdadeiro amigo é o gato. Baudelaire, por exemplo, escreveu as suas mais belas poesias em honra dos bichanos. Eram versos em que dizia assim, com a sua estranha inspiração:

*"Eu amo os velhos gatos sonolentos
e quero bem a todos os bichanos...
Eles são como os sábios: friorentos,
sedentários, sutis, tristes, humanos..."*

Edgar Poe só sabia escrever ouvindo "miaus" e "ronrons" dentro de casa. Teophile Gautier precisava ter um gato no colo para que os pensamentos e as imagens lhe surgissem na cabeça. E muitos outros escritores e poetas poderiam ser lembrados para mostrar o prestígio literário dos felinos.

É melhor, entretanto, mostrar as páginas de prosa e verso em que eles aparecem como assunto inspirador. E para começar, uma crônica de Genolino Amado.

Vê-se nela um gatinho vulgar, desses que rondam apartamentos, farejando pelos corredores, num caminhar indolente, sem pressa, sem destino. Mas o escritor o considera um grande aventureiro, uma espécie de Quixote a correr mundo...

"O gato boêmio quis dar à manhã a glória de uma aventura..."

Os gatos também possuem sensibilidade. Os gatos também conhecem a lenta angústia do tédio... Os gatos também sentem de vez em quando o desejo, quase a necessidade de fazer uma arriscada tolice, isto é, uma ação heróica...

Ora, o mundo era grande e belo na manhã lavada de sol. Um sol esportivo e pueril, que transformava o universo, naquela hora recente, num imenso recreio de colégio. Havia nas cousas da Natureza um riso fácil de inexperiência, como se a terra tivesse nascido naquela manhã e desconhecesse ainda tudo de triste e de mau que já viu, que já criou...

Havia no bichano a alma de um Quixote. Seria talvez um cavaleiro andante, se não existisse nos animais essa incapacidade para o ridículo que os distingue dos homens. Mas, com a sua alma aventureira, o gato não podia ficar em tão clara manhã, com um sol daqueles, covarde e inativo como o seu dono. Pertencia ao literato do apartamento vizinho, um homem de cabeleira revolucionária, que passava o dia escrevendo sonetos.

Aquela manhã, o poeta amanhecera inspirado. E, desde cedo, recitava os seus piores sonetos. O gato não entendia aquilo. Mas, com o seu prodigioso instinto felino, sentia que era qualquer coisa de tolo... Tomou uma atitude ousada. De um salto elástico, transpôs a porta e, como um explorador enamorado da novidade, como um descobridor de terras encantadas, foi andando pelos corredores. A sorte que protege os gatos e os jornalistas encaminhava-o para o meu apartamento. Com o olhar oleoso, estudou pela fresta da porta, a sala onde eu estava lendo os jornais da manhã. Pela primeira vez lhe veio o temor ao espírito. Ia entrar num mundo estranho, onde poderiam morar dragões fantásticos, bruxas terríveis, monstros que aparecem nas gravuras do livro de fada que lêem os filhos do literato...

Mas nos gatos ainda não morreu, como nos homens, o senso da aventura. Entrou. Delicado, acompanhei a cena tocante. Compreendi a intenção daquela atitude.

Veiu para junto de mim e ficou espiando-me. Para deixar-lhe toda a naturalidade, eu fingia ler o jornal.

Parado, o bichano me observava. A sua atitude era de profundo repulso. Mas repouso só aparente, pois seus olhos faiscavam de curiosidade, dessa curiosidade intensa, quase aflitiva, que só se encontra no olhar dos animais quando observam o homem e as invenções do homem.

Toda a sua atenção voltava-se ao jornal. Uma grande fotografia da última página, que mostrava um aspecto da guerra, maravilhava-o. Li o espanto nos seus olhos ingênuos. Que queria dizer aquilo? Que significavam aqueles sinais miudos, ridículos, que o bicho-homem ficava contemplando, parado, absorto, quando o dia era tão festivo e havia, para os gatos e para homens, tanto poder de aventura?

Devia ser qualquer coisa de muito interessante — talvez tenha pensado o bichano. O bicho-homem não é como o gato ou como qualquer outro animal superior, que tem a capacidade de deter a atenção longamente num só aspecto da vida. O homem é volúvel, é superficial, sem imaginação e sem poesia. Para ficar assim tão entrelido com uma coisa daquelas era porque ela devia conter prodígios surpreendentes.

Pobre gato inexperiente! Pobre gato que o jornal ainda deslumbra! Ele não sabia — o candidato aventureiro da manhã — que a sua fantasia de felino estava emprestando grandeza e poesia onde só existem fraqueza e banalidade. Aquela fotografia que o assombrava era um sinal da trágica estupidez humana. Naquelas linhas dizia-se a história de mil ambições pequeninas, de mil covardias turvas, de mil tristezas sem sentido. Nelas não havia a notícia de uma só aventura. Era só a vulgaridade, a dor humana.

Mas o gato continuou observando. Depois, se foi. Ia contar, sem dúvida, aos miados estridentes, as façanhas que fizera num novo continente que descobrira.

Ia falar aos companheiros numa coisa maravilhosa, tão maravilhosa que conseguia prender a atenção volúvel do homem. E o coitado do gato não sabia que essa coisa maravilhosa e tola, que é o jornal, não vale nada, não representa nada e pode ser destruído, num instante, por quem não tem a imaginação ou a sensibilidade de um animal qualquer, para compreendê-lo, para respeitá-lo.



DOS Gatos

Depois da prosa, a poesia...
E em poesia brasileira, nada me parece mais interessante do que um soneto de Gilka Machado, que se inspira numa angorá de pelo negro e lúcido... A poetisa de *Cristais Partidos* aparece nesses versos em todo o seu temperamento ardente:

*Minha animada "boa" de veludo,
minha serpente de frouxel, estanha,
com que interesse as volições te estudo!
com que amor minha vista te acompanha!*

*Tens muito de mulher, nesse teu mudo,
lírico ideal que a vida te emaranha,
pois meu ser interior vejo desnudo
si te investigo a mansuetude e a sanha.*

*Expões, a um tempo languorosa e arisca,
subtilezas á mão que te acarinha,
garras á mão que a te magoar se arrisca.*

*Guardas, ó tato corporificado!
a alta ternura e a cólera daninha
do meu amor que exige ser amado!*

Artur Azevedo também possui um admirável soneto sobre os bichanos... É uma joia da nossa poesia ligeira, uma obra-prima de graça leve, de naturalidade de estilo... Conta o humorista a deliciosa história de uma gatinha sem juízo que fugiu de casa deixando a pequenina dona inquieta e chorosa. E com esse fiapo de assunto o autor de *Contos Em Verso* compôs esta minúscula maravilha literária:

*Que reboleço vai em casa de Marieta!
E' que fugiu Mignonne, a gata favorita
E tanto chora e chora a pobre pequenita,
Que o papai manda pôr anúncio na gazeta.*

*Da vizinhança alguém, com olho na gorjeta,
A transfuga encontrou, que andava de visita
A um bichano angorá, filósofo que habita
De um canto de fogão a cálida saleta.*

*Marieta, ao ver Mignonne, estende-lhe os bracinhos
Dá-lhe um banho de amor em beijos e carinhos,
Nervosa, a soluçar, e, ao mesmo tempo, a rir.*

*E entre afagos lhe diz: "Senhora, foi preciso
Pôr um anúncio! Veja o que é não ter juízo!"
E todo um anúncio lê para a gatinha ouvir...*

As vezes, os gatos servem de pretexto para sátiras humanas, bem humanas... Porque o gato é egoísta, é preguiçoso, é interesseiro, desconfiado, comodista e falso... como muita gente que nós conhecemos.

Ora, imagine-se um gato metido em assuntos doutrinares, um gato miando sobre assuntos políticos... Trilussa escreveu a esse respeito uma fábula deliciosamente cheia de ironia. E ei-la traduzida, com todo o sabor do original, por Luís Edmundo:

EM CADA NUMERO, A REVISTA DA SEMANA ESTA' OFERECENDO AOS SEUS LEITORES, UMA CRONICA DA PALPITANTE SERIE "BIBLIOTECA DO AR", PROGRAMA LITERO-RADIOFONICO APRESENTADO SEMANALMENTE PELA RADIO MAYRINK VEIGA, SOB A RESPONSABILIDADE DO ESCRITOR GENOLINO AMADO E RECONHECIDO COMO O MAIS INTERESSANTE E UTIL NO GENERO. ESTE DE HOJE, E' DE UM FINOZ E PITORESCO SABOR, FOCALISANDO, EM PROSA E VERSO, OS GATOS QUE A ALGUNS INTELECTUAIS MAIS TEM IMPRESSIONADO. — AS ILUSTRAÇÕES, ESPECIAIS PARA ESTAS PAGINAS, SÃO DE ARNALDO VIEIRA.

*Um gato que era chefe conceituado
De um bando socialista,
Vai á cozinha de um capitalista
E acha, sobre o fogão, um frango assado.
Abocanha-o de um salto; e, á unha e a dente,
Começa a devorá-lo.
Que esplêndido regalo!
E, assim, que lhe fala, em tom cordato,
Outro gato:*

*Responda, por favor...
E o outro respondeu:
— Quando, em jejum — eu sou socialista
Mas quando como — sou conservador...*

Bastos Tigre ainda vai mais longe... Chega mesmo a ter ciúme e inveja dos gatos... E o interessante é que



*—Dividamo-lo, pois,
Bem como ensina
A moral do Partido...
De resto o frango é grande e dá pr'a dois...
O outro, porém, matreiro e precavido,
Mostra-lhe a unha felina
E diz:*

*—Perdão,
O frango é meu.
E, o que é meu, gato amigo, não é seu...
Tire para lá o seu nariz!*

*—Então?
Volve-lhe o outro — assim,
De que vale a moral do socialismo.
Se, o próprio chefe, com o maior cinismo,
Não a pratica? Diga lá que, enfim,
Você é um chefe, e, como tal, parece
Que, melhor do que eu, não desconhece
Os ideais que juntos professamos...
Por acaso você enlouqueceu?*

*Ou você não é mais socialista?
Mudou de idéas? Vamos.*

não esconde essa fraqueza de homem apaixonado. Pelo contrário, é o primeiro a confessá-lo... E com que graça o humorista nos faz essa confidência!

*—Ora um beijo... afinal que custa um beijo?
Eu não digo que o dê a toda gente;
Porém a mim, se se apresenta o ensejo,
Porque mo negas, peremptoriamente?*

*Lábios juntos... zaz-traz! e o meu desejo
Satisfeito! é tão rápido... consentel
Nenhum grande pecado eu nisso vejo;
E que fosse! o bom Deus é complacente...*

*E respeito afinal o teu recato.
Bem, não insisto mais. Sei que não queres.
(Beijos não fallarão, de outras mulheres!)*

*Mas, meu bemsinho, vamos ser cordatos:
Como é que a dar-me um beijo, tu preferes
Dá-los na boca ignóbil dos teus gatos?!*

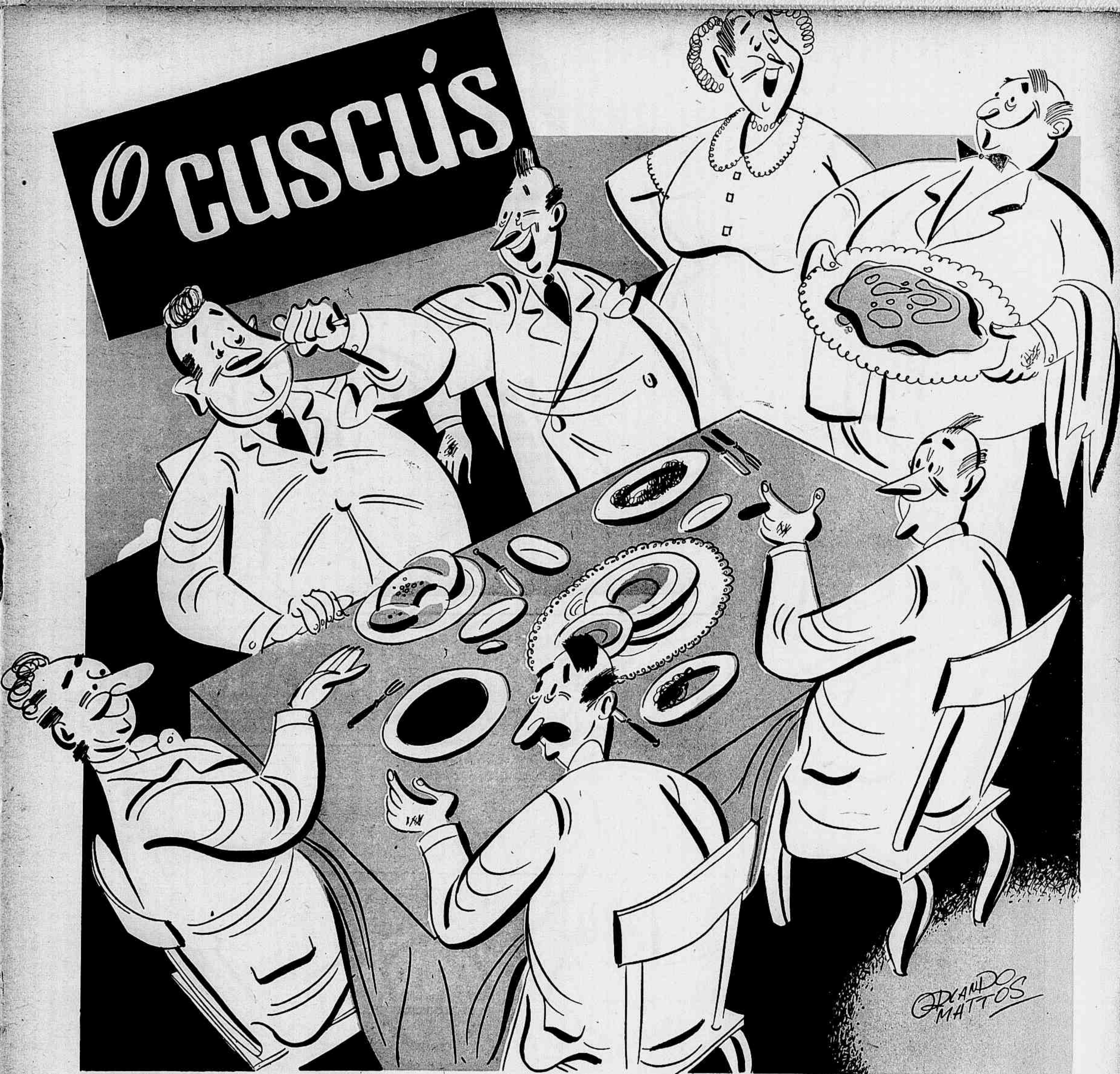


*Até a
volta!...*

GENTE, usos e costumes do interior do Brasil — quanta coisa curiosa, bonita, original ou imprevista a divulgar! De todas as partes chegam-nos flagrantes dignos de uma divulgação maior. E' o que vamos fazer a partir deste numero. E, para encetar esta tarefa, aqui fica velho vendedor de verduras, figura popularissima e bemquista no municipio de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Ele tem, ja', sua cesta vasia. Retira-se de casa do cliente, dando volta á porteirinha "borboleta", assim chamada devido á forma do seu funcionamento. Terminou a feina daquêlê dia. — "Bem, então inté...

Um até á volta inacabado, mas cheio de simplicidade e com vontade de voltar mesmo. Que o verdureiro é amigo de verdade. "tché"! E lá em casa a bomba do chimarrão deve esperá-lo..

O CUSCUI'S



Conto de Arthur Azevedo

UM dia o Serrão nos encontrou — a mim, ao José Dias, ao Hrtensio — e disse-nos:

— Amanhã é domingo; vocês quatro me darão muito prazer se fôrem almoçar comigo. H' verá' um famoso bac'lhão sem espinhas, preparado e m' leite de côco, um prato sublime, cujo segredo — ouso afirma-lo — pertence à minha mulher.

No dia seguinte, às onze horas da manhã, estávamos todos quatro em casa do Serrão, que por esse tempo morava na rua de d.ª Luiza.

O almoço começou pouco antes do meio-dia.

A esposa do Serrão sentou-se à cabeceira da mesa e serviu-nos, entre frases de uma encôntera modesta, o anunciado bac'lhão, que efetivamente era magnífico. Depois desse prato, fomos surpreendidos por um esplêndido m'cótó, que na fôrça de uma parede substituiria, com vantagem, o grude mais consistente.

Acabado o m'cótó, achámo-nos todos repletos, à exceção do dono da casa, que se atirou resolutamente a uma galinha de calidela, comendo-a por nós e por si.

Supunhamos acabado o almoço, quando o cozeiro trouxe para a mesa uma saladeira de agrião e uma enorme travessa, contendo um pantagrelíco resbife. Tanto este como a salada sofreram dous heróicos ataques do Serrão, que se mostrava seriamente desconsolado por não o podermos acompanhar.

— Vocês não prestam para nada! dizia ele.

Envergonhados de o deixar comer sózinho, fizemos honra a uns ovos quentes; mas ele por sua parte absorveu nada menos de cinco.

Comeu ainda uma porção considerável de duce de côco, um bom pedaço de queijo flamengo, e três ou quatro bananas.

Nós estávamos mortos por saír da mesa, porque já nos sentíamos fartos, não tanto de comer como de vêr comer, quando o Serrão bradou — V'ila' le bouquet! — e apontou para um truculento cuscui's, que o cozeiro trazia com ar de solenidade e orgulho.

Sabem o que é um cuscui's? E' o prato mais gostoso e o mais indigesto da extraordinária cozinha africo-baiana; uma deliciosa mistura de côco ralado, leite de côco,

mandioca, açúcar e não sei que mais. Uma coisa que reclama um estômago de ferro.

Escusado é dizer-lhes que só o Serrão se serviu do cuscui's. Desapareceu quasi metade d' quella montanha branca, digna de figurar nas bôdas de Camacho!

Depois do c'fé, erguêmo-nos todos da mesa, e um dos convivas fez a seguinte proposta, que foi unanimemente aprovada.

— Depois de comer e vêr comer deste modo, não devemos ficar aqui parados. E' indispensável um pouco de movimento. Como sabem, eu moro no Rio Camerid; proponho que vamos todos lá para casa, subindo e descendo por Santa Thereza. Dar-lhes-ei de jantar.

Poucos minutos depois, galgávamos alegremente o morro.

Chega'mos ao Rio Comprido às cinco horas da tarde, regularmente estrepados. Despimos os casacos e fomos jogar a manilha, enquanto o Serrão, estendendo-se num canapé, dormia a sono solto.

A's sete horas chamaram-nos para jantar. Ainda não tínhamos readquirido completamente o apetite, mas o Serrão, esse comeu de todos os pratos jantou como se tivesse almoçado cedo e mal.

A's dez horas serviram-nos chá com torradas, e trouxeram para a mesa um prato que sobra'ra do jantar.

— Os senhores não comeram quasi nada, disse-nos a dona da casa, mas aqui têm um pedaço de carne assada fria.

Desta vez todos nós, inclusive, já se sabe, o Serrão, comemos da carne assada.

— Com efeito! isso é que é comer! dirá' o leitor.

Pois ainda não é tudo.

No dia seguinte encontrei na rua a esposa do Serrão.

— Minha senhora, disse-lhe eu, deu-lhe os parabéns pelo garfo que tem em casa. E contei-lhe as p'cezas gastronômicas do marido.

— Pois saiba, respondeu ela, que quando ele chegou à casa depois da meia-noite... foi ao guarda comidas, e devorou o resto do cuscui's que ficou do almoço!

A literatura e a elegancia feminina

(Continuação do número anterior)

Também ela teve de ser decapitada. Na véspera da sua execução mandou chamar o carrasco, pediu-lhe que trouxesse o cêpo e ensaiou — ensaiou seguindo os conselhos dele — o melhor modo de pôr a cabeça, de maneira que, sem comprometer a elegancia dos gestos, pudesse entregar gentilmente o pescoço ao machado do carrasco.

É um episódio único na História: fazer um ensaio geral de morte como se faz o ensaio de uma peça de teatro. Que esse ensaio tenha sido um pedido da vítima, só para não comprometer a beleza dos seus ademanes, parece um assombro inexecedível.

No entanto, talvez ele tenha sido ultrapassado.

Catarina Howard estava condenada à morte. Com ou sem elegancia, tinha de cair sob o machado

do carrasco. Mas Beatriz Cenci parece ter-se deixado condenar só para salvar a beleza dos seus cabelos.

SABONETE HIGIENIC
HIGIENIZA
O CORPO E AS MÃOS
CR\$ 1,90

Antes de vos referir o seu caso, deixei lembrar-vos que os cabelos têm sido uma das grandes fontes de martírio da humanidade.

Durante o século XVIII, os penteados que as elegantes faziam eram tão complicados, que pediam um trabalho enorme. Não se podiam repetir todos os dias. Por isso, para não comprometer essas maravilhas de arquitetura capilar, as mulheres não se deitavam: dormiam sentadas em cadeiras!

As senheras chics do século XVIII, quando na França estiveram em moda esses penteados e elas tinham de sair de liteira ou de carro, iam de joelhos no chão do carro, com a cabeça inteiramente para o lado de fora, porque as liteiras e os carros não eram bastante altos.

Pode-se bem dizer que Maria Antonieta foi guilhotinada por causa desses penteados. De fato, quando ela teve de fugir com o Rei, o cortejo se atrazou porque

Em São Paulo...
é sempre agradável uma visita
aos Maiores Estabelecimentos
de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores
Pr. Ramos de Azevedo, 131

a rainha não quiz tomar o carro, sem que o seu cabeleireiro chegasse... Daí toda uma série de consequências, que terminou pela sua volta a Paris, sua prisão, sua execução.

Pensai no suplicio das elegantes japonesas, cujo penteado é também complicadíssimo e que para o não comprometer dormem apoiadas em um travesseiro de madeira, que lembra a forma das cangas de bois. Elas pousam aí o pescoço, para que não se estrague o penteado!

◆◆

Beatriz Cenci pertenceu a uma nobre família italiana. Em certa ocasião, o pai dela apareceu assassi-

nado de um modo bárbaro: tinham-lhe enterrado dois prégos, um em cada um dos olhos!

O pai era um bandido, um monstro, autor de numerosos crimes.

Acusaram a família dos Cenci de ser a mandante desse assassinato. Beatriz, seu irmão, sua mãe — todos foram presos.

Nesse tempo, quando não havia provas e um condenado se obstinava a jurar sua inocencia, não o executavam. Prendiam-no e submetiam-no, de tempos a tempos, a torturas diversas para ver si ele se decidia a' confissão.

A família Cenci esteve assim mais de ano, para se averiguar a autoria do crime. Muitas vezes as torturas eram tão barbaças que os inocentes preferiam se acusar de crimes que não tinham cometido só para escapar a sofrimentos piores que a morte. Foi o que sucedeu ao irmão mais moço de Beatriz Cenci, cuja inocencia — depois de sua morte — ficou irrefutavelmente provada.

Submetida á tortura, não uma, nem duas, mas dezenas de vezes, Beatriz jurou sempre que era inocente. Mostrou uma coragem sobrehumana. Todo o resto de sua família cedeu, acovardou-se, confessou — ou por ser verdade ou para fugir às torturas. Beatriz resistiu.

Um dia, porém, quando lhe iam aplicar mais uma tortura, o carrasco quiz para isso cortar-lhe os cabelos. Eram longos cabelos louros, celebres pela sua beleza. Eram cabelos soberbos.

A moça, que com verdadeiro heroísmo se submetiera a tudo, não suportou essa injúria. Disse ao carrasco:

BIO-HEPAX
PACIFICADOR DO FIGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA QUARANTINA

— "Mata-me, mas mata-me inteira."

E confessou tudo o que quizeram, só para salvar os seus cabelos louros.

Em Roma, ninguém acreditou na sua confissão. Mas apesar disso ela foi executada.

Vítima da sua faceirice...

◆◆

Mas si a faceirice tem assim tantos crentes e tantos martires, si é assim a mais antiga das religiões e a que faz maior numero de vítimas, por que considerá-la uma coisa fútil e risível?

Um poeta francês, André Spire deu ás mulheres um bom conselho. Ele lhes lembrou que elas não são proprietárias da sua beleza.

A beleza das mulheres belas é uma coisa que se vem fabricando ha dezenas, ha centenas, ha milhares de séculos. Pouco a pouco, se tem polido, aperfeiçoado, exaltado, através de todos os estadios de civilização. As mulheres de hoje recebem esse dom de tantos séculos, como um deposito sagrado que devem conservar, e transmitir.

Não tem o direito de não zelar por ele. As que não se enfeitam, as que não procuram mostrar-se dignas do presente divino que receberam, usando para isso de todos os recursos da faceirice — essas sim, são verdadeiras criminosas!

Há quem diga que esses recursos visam enganar.

Enganar quem? Os homens. Mas os homens não pedem outra coisa. Nós vivemos de ilusões.

Tudo está em saber dá-las com perfeição.

PERFUME
Réve Rose
SONHO QUE SE TORNOU REALIDADE!
ALLY
SÍMBOLO DE GARANTIA!

EXTRATO Nº 1317
Nº 1330

PÓ DE ARROZ Nº 1350

COLONIA Nº 1300-F
Nº 1301-F

BRILHANTINA Nº 1312

LOÇÃO Nº 1320
Nº 1321

COLONIA Nº 1300
Nº 1301

EXTRATO Nº 1332 C/CX
Nº 1332 S/CX
Nº 1332 - M

T. TARQUINO

A VENDA EM TODO O BRASIL



A' ESQUERDA: Vestido em sêda preta com "godet" e fitas verdes. Blusa drapeada na frente.

A' DIREITA: Vestido de côr marron, de linhas alongadas. As listras da blusa se prolongam na saia em forma de rôda.

(Exclusivos para a REVISTA DA SEMANA)

02 Modelos
de Alina



Sorrisos de MULHER

A mulher moderna veste-se pelos últimos modelos cinematográficos, ama em obediência ao estilo das "estrelas" de Hollywood, manifesta suas predileções esportivas ou românticas dentro dos cânones observados pelo cinema — e sorri, finalmente sorri de acordo com os ensinamentos que lhe mandam as beldades do celuloide. Observe-se esta página. Aqui estão nada menos de cinco sorrisos, inconfundíveis, diferentes, cada qual personalíssimo. Na gravura superior, quatro anjos, que evidentemente não pertencem à corte celestial, pois trata-se de quatro jovens com o sobrenome — Anjo — que aparecem em um filme da Paramount, ainda sem título em português, "And the Angels Sing". Todas quatro tem pretensões à glória, mesmo a essa efêmera glória cinematográfica. Da esquerda para a direita, elas são Betty Hutton, Diana Lynn, Dorothy Lamour e Mimi Chandler. Tanto vale observá-las da direita para a esquerda, como de cima para baixo, ou vice-versa, para vê-las que são quatro pequenas sorrindo distinta e inconfundivelmente. À direita, um sorriso de Paulette Goddard, folheando os últimos figurinos — e talvez por isso mesmo, sorridente a mais não poder... Escolhendo modelos novos é quando elas se julgam mais felizes. Mas talvez o sorriso de Paulette guarde outro sentido ainda mais malicioso e irreverente... Quem nos diz que ele se associa, de algum modo, ao ruído escandaloso em que se envolveu o pobre Carlito, de saudosa memória para a "estrela"? Não esqueçamos, foi ele quem lhe deu a sua primeira grande oportunidade em "Tempos Modernos". Depois, houve aquele "caso" ruído de Paulette com o diretor Gregory Ratoff, na ausência de Carlito. E o rompimento de ambos deu-se sob a afirmativa de absoluta levandade por parte de Paulette. Agora, o tempo incumbiu-se de provar que o cômico genial não é menos leviano, e tanto assim que se viu às tontas com o processo judicial movido por Joan Barry... De um modo ou de outro, os sorrisos que aí ficam valem por outras tantas advertências aos homens incautos: é com essas e outras expressões sedutoras que elas conseguem tudo quanto senharam — e ainda, de contrapelo, as tormentas masculinas tipo Charles Chaplin em 1944... — (Fotos Paramount).





NAVIOS ALIADOS NO PORTO DE NAPOLES — Enquadrada na moldura de uma janela, vê-se ao lado uma bonita vista do porto de Nápoles. Ao fundo, o Vesúvio, que andou agora em ordem do dia. Nessa baía, considerada — com licença da Guanabara — uma das mais belas do mundo, ancoram centenas de navios das Nações Unidas, a serviço da causa da Liberdade. (Foto da Inter-Americana).

Muito embora considerando o caráter de totalidade que esta guerra mais do que qualquer outra anterior — mesmo a de 1914-18 — tem apresentado, não se pode deixar de estabelecer uma separação dos teatros de operações na Europa e na Ásia.

Ainda que reconheçamos uma unidade no plano geral da estratégia aliada, é forçoso compreender que a enorme distância entre esses dois cenários da tragédia, o do oriente e o do ocidente, acarretando uma série de dificuldades, deveria impor a separação a que nos referimos.

A distribuição de forças aliadas, para fazer frente aos dois principais inimigos, deve obedecer às imposições da distância entre as duas cabeças da hidra totalitária, agora que o fascismo italiano já foi esmagado e luta-se em território da Itália.

Com o domínio completo da África, depois dos golpes espetaculares e ousados que os anglo-americanos desferiram aos nazi-fascistas, fazendo o império colonial de Mussolini esboçar-se e aniquilando os remanescentes da Wehrmacht no continente negro, podemos considerar a guerra como tendo essas duas frentes: a oriental e a ocidental.

O avanço dos exércitos vermelhos, que já agora ameaçam o próprio território da Alemanha, depois de ter expulsado quasi completamente o invasor do seu, fazem prever para breve a derrocada final do nazismo. No extremo sul, apenas numa pequena porção de território russo, cerca de duzentos quilômetros de extensão, onde os Alemães mantêm em seu poder o importante centro de Odessa, a luta ainda se conserva dentro das fronteiras dos Soviets. O avanço de Zhukov e Malinovsky na Rumania e Polónia vem mostrar que os Russos não tencionam apenas expulsar os nazistas da sua patria, como supunha muita gente, mas iniciam a sua intenção de marchar sobre a própria Alemanha.

Assim sendo, e considerando ainda a proximidade da abertura da segunda frente, não é absurdo contarmos com o desfecho próximo da carnificina na Europa, com a rendição e aniquilamento do nazismo.

A todos os que acompanham, mesmo superficialmente o desenrolar da guerra, torna-se patente o emprego do maximo poderio aliado na Europa, enquanto o Japão é deixado em segundo plano.

Na pior das hipóteses, a cessão de bases na Sibéria para a aviação aliada seria um auxilio inestimavel na luta contra o Japão.

Sem duvida, o canto de galinha d'angola do ministro Tojo podera' encobrir algum novo golpe em preparação, como parece indicar o inesperado ataque a' Índia.

Este é, inegavelmente, um fato de suma gravidade, principalmente se tivermos em vista a delicada politica indiana.

As dificuldades que este avanço podera' acarretar, se não fosse detido a tempo, são imprevisíveis.

Os primeiros ataques tem sido contidos pelas tropas britanicas, registrando-se apenas um pequeno avanço dos japoneses. Mesmo que se verifique um retraimento inicial, os ingleses contam com boas tropas e chefes de valor naquela região. Provavelmente a tática de desgaste continuara' a ser utilizada até que, tendo dado conta da sua tarefa na Europa, os Aliados possam voltar todo o peso de suas forças para exterminar o Japão.

G.

A GUERRA EM MARCHA

♦♦♦♦♦



COM O ESPÍRITO QUEBRADO PELO PODERIO ARMADO RUSSO, ESTE OUTRORA ARROGANTE NAZISTA ESTÁ SATISFEITO EM SER APRISIONADO. QUEM O SUBSTITUIRÁ NA LOUCA JOGATINA DE HITLER CONTRA A RUSSIA?

ARRANCADO À ESPOSA E AO FILHO PARA TRABALHAR PARA O "SALE BOCHE", ESSE FRANCÊS FARÁ O INIMIGO PAGAR POR MUITO BOM PREÇO, QUANDO CHEGAR A OPORTUNIDADE. O DIA DA VINGANÇA HA DE CHEGAR.



(COPYRIGHT B. N. S. ESPECIAL
PARA REVISTA DA SEMANA)

FALTA

LONDRES, Abril — Em teoria, o plano de guerra germânico era excelente. Mobilizar todo o potencial humano e a indústria do Reich, acumular uma quantidade esmagadora de material da guerra e vencer por meio da "blitzkrieg".

Ficava, com isso, evitado o custo de uma guerra prolongada e exaustiva. Mas que acontece, quando o adversário resiste e continua a combater durante anos? Nesse caso remoto, o potencial humano do agressor diminuirá, enquanto o do adversário subirá até o poderio ofensivo.

Essa contingência "remota" ocorreu para a Alemanha. Primeiro a Grã-Bretanha e, depois, a Rússia permaneceram indestrutíveis ante o impacto de todo o peso dos recursos mobilizados do Reich. E desde então este teve de fazer frente ao problema imprevisto do potencial humano.

A mobilização total não comporta uma combinação de potencial humano de primeira classe para eventualidades. Distribui uma parte às forças combatentes, outra à indústria e uma terceira ao policiamento dos territórios ocupados. E, não sendo encontrada uma nova fonte desse potencial, todas as operações futuras tem de ser levadas a cabo com esse esforço total inicial.

Por que então a Alemanha luta agora com escassez de homens? Em consequência das grandes perdas sofridas. De fato, calcula-se que perdeu cinco e meio milhões de homens entre mortos, prisioneiros e soldados gravemente feridos. E a avaliação é moderada. Somente um empreendimento, no setor de Stalingrado, custou-lhe um exército completo de 350.000 homens, dezoito meses depois do fracasso da blitz. A quantidade de jovens que atingem a idade militar, anualmente, não basta para compensar as perdas do ano. O Japão nada pode fazer para auxiliar, pois nenhum transporte furaria o bloqueio britânico.

Um outro transtorno causado ao potencial humano é o decorrente dos raids da RAF. Sir Archibald Sinclair, Ministro do Ar da Grã-Bretanha, opinou que o Comando de Bombardeiros destruiu ou avariou seriamente algo como duas mil fábricas e oficinas industriais. Mais de um milhão de pessoas ficou sem lar. Somente em Essen 30.000 pessoas, na maioria empregadas nas usinas Krupp, perderam as respectivas casas. Edifícios, estradas de ferro e docas necessitam ser reparados e, frequentemente, muitas vezes... Não há uma fonte de desempregados que possam ser mobilizados nessa emergência incessante.

Que pode fazer a Alemanha para aliviar o problema de potencial humano? Obrigar que o povo trabalhe durante maior número de horas, o que não é tão fácil como parece. Herr Speer, falando aos operários de uma fábrica de armamentos de Berlim, em fevereiro, acentuou que em todas as fábricas homens e mulheres vinham há meses trabalhando em turmas que davam cada uma 16 horas, sem folga aos domingos. Na Grã-Bretanha a lei restringe as horas de trabalho nas fábricas porque há um limite à quantidade de trabalho que pode ser exigido de uma pessoa, sem que a sua saúde se ressentia. Ora, aumentar acima de 16 as horas de trabalho, num dia, é marchar para um desastre.

Um outro expediente é convocar os muito jovens, os velhos e os inaptos. Mas já os primeiros estão sendo mobilizados para serviço de guarnição e foram abatidos sobre o território britânico jovens pilotos de 17 anos. Alemães sofrendo de graves incapacidades físicas estão sendo admitidos nas fábricas do Reich. No papel, isso representa ou parece representar um aumento no potencial, mas na realidade redundará numa diminuição geral, quer da eficiência, quer do rendimento.

A única outra possibilidade é empregar mão de obra escravizada dos países conquistados. Já existem cerca de seis milhões de trabalhadores estrangeiros na Alemanha. Os alemães não desejam aumentar esse total porque a mão de obra forçada é tanto um sorvedouro como um perigo. O jornal de Himmler, o "Schwarte Korp", mostrou-se mesmo inconscientemente engraçado a respeito da sabotagem: "Que espetáculo, ver um destacamento de operários poloneses, tchecos, russos ou judeus a trabalhar! Parece que todos eles entraram num acordo tácito para fazer tão pouco quanto possível. Desperdiçam horas sem fim assoando o nariz, coçando a cabeça e observando o céu, para saber se o tempo é ainda tolerável. Quando uma dezena desses homens tem de levantar uma pena, dir-se-ia um filme projetado lentamente. Todas as noites os capatazes alemães perguntam-se porque o que foi feito equivale a pouco mais de nada. Essa resistência passiva é, naturalmente, desastrosa para a produção bélica da Alemanha. E, o que é pior, toda essa gente é paga com nosso dinheiro e come as nossas reservas de víveres."

O perigo é evidente. Seis milhões de estrangeiros hostis representam uma formidável quinta coluna potencial. Quando chegar para os nazistas a derrota definitiva, doze milhões de mãos golpearão da retaguarda. Não é pois de surpreender se os alemães se mostram relutantes em aumentar o número de trabalhadores estrangeiros, no seu país.

Fica somente uma alternativa aos nazistas: cobrirem os ombros, expondo os pés. Não poderão fortalecer as frentes de combate senão enviando para lá operários especializados e, assim, diminuindo gravemente a produção ou, então, reduzindo as guarnições que têm em França, nos Países Baixos, na Dinamarca e na Noruega até um ponto perigoso. Reduzir essas guarnições seria correr para o desastre. Quando as forças armadas com base na Grã-Bretanha desembarcarem no continente, os alemães precisarão de um exército tão importante na Europa ocidental quanto na frente russa. As suas forças, já desdobradas até quase o limite, atingirão então o ponto culminante.

Atualmente os nazistas tem de levar avante uma guerra muito maior, com menos homens, do que no começo.

POTENCIAL HUMANO À ALEMANHA?

Aparentemente, ha ainda grande quantidade de homens com que Hitler pode contar para fazer frente aos exercitos adversários, mas convem observar que eles têm, por força, o moral abatido. A esplendida guerra de nervos que do nosso lado tem sido feita, sem dizer quando nem de onde partirá a invasão, faz que os nazistas fiquem na emergência de manter, inativos, em toda a grande frente da chamada Fortaleza Europeia, alguns milhões de homens. E quando esses homens pudésem abandonar suas posições para outros lugares, resta saber até onde eles estariam com capacidade de ação realizadora de ataque ou de defesa. Quando o soldado permanece, por demasiado tempo, num mesmo posto, em plena guerra, é caso para duvidar da eficiencia do seu trabalho. Coisa parecida sucedeu logo no inicio da guerra, quando o exercito francês se viu inativo, na Linha Meginot, por meses e meses. Mas o certo é que alguns exercitos estão imobilizados, só para atender, em todas as frentes, ao perigo da invasão aliada. E, quando esta se verificar, pode acontecer em um ponto onde essas forças estejam mais enfraquecidas. Sendo assim, toda essa tropa terá sido, nas primeiras horas, nos primeiros dias, perfeitamente inutil. Mas ainda que a invasão se dê por um dos flancos onde os exercitos a esperam — até que os demais exercitos, estendidos por todo o setor da Fortaleza Europeia, cheguem a'quele primeiro lugar, pode ser tarde. Ou melhor: será tarde, sim. Os aliados sabem onde vão atacar e quando o vão fazer, motivo por que, com essa vantagem, centralizam a sua gente nos lugares onde mais ela se faz necessária. Os alemães têm de fortalecer toda a zona perigosa, sabendo de antemão que grande parte dessa tropa não fará coisa alguma nos primeiros tempos da invasão. E si tiver oportunidade para deslocar-la daqui para ali, para onde mais dela carecer, então os aliados podem fazer um reforço da invasão pelos pontos que vão ficando enfraquecidos do lado nazista. Isso tudo responde a' pergunta inicial deste artigo: Falta potencial humano a' Alemanha? Certamente que sim. Quando se diz — potencial humano — faz-se referencia direta ao soldado em condições de ser eficiente. E será eficiente aquele que tem certeza prévia da derrota? Pode dar o resultado necessário o combate do militar que está com o pensamento voltado para a retaguarda, com a familia esfomeada, os parentes perseguidos pela Gestapo e toda a sorte de perigos caindo por sobre a cabeça dos pais, dos irmãos, das esposas, dos filhos? Claro que não. Eis porque a Alemanha precisa ter pelo menos dez vezes o contingente de material humano das Nações Unidas, só para fazer face aos perigos da invasão. Imagine a tortura cerebral de Hitler e de seus asséclas, a's voltas com esses e outros problemas de igual aspecto! O perigo dos Aliados está apenas em fazerem uma investida e serem obrigados a retê-la, como aconteceu agora na Italia. O dos nazistas é dez vezes maior, porque, onde quer que entrem os soldados aliados, ha um ponto nevrálgico a defender, a fortalecer, a amparar. E toda a Fortaleza Europeia é, hoje, ponto nevrálgico dessa espécie. Sem contar com a quinta-coluna, que não é fator exclusivo dos Nazistas. Em todos os países usurpados pelo tacão de Hitler, ha milhares de nativos disfarçando seus verdadeiros propositos, aparentando uma solidariedade ao inimigo, talvez mostrando-se conformado, desde que com esse "truc" pode ir vivendo a' espera da Hora D, como a classificou Churchill. Não é preciso grande argucia nem esmerado conhecimento de estratégia militar para reconhecer todas essas verdades. Dai, voltando ao ponto de partida, afirmarmos que só teoricamente era excelente o plano de guerra germanico. Mobilizado todo seu potencial humano, a industria do Reich em pleno funcionamento, desde que a guerra continuasse "relampago" e não se estendesse por estes quasi cinco anos que temos vivido, daria resultado. Mas a Grã-Bretanha, os EE. UU. e todos os seus aliados souberam reagir. Não é impunemente que se procura dominar o mundo, em dias iguais aos nossos, quando os instintos belicosos de dominio vivem fora de época. E a guerra prolongada, que já sentimos, a nós tem servido para fortalecimento, para treinar exercitos, para equiparar-nos ao inimigo de ontem, suplantando-o em larga escala. Para Hitler esse prolongamento é o seu atestado de morte. Pode esta guerra estender-se ainda por muito mais tempo. Quanto mais demorar, melhor terá garantido a vitoria para o nosso lado.



FRANCOES ESCRAVISADOS PELO INIMIGO INVASOR, DEIXAM A FAMILIA E A TERRA NATAL. EMBARCAM RUMO AO REICH ONDE VÃO TRABALHAR PARA HITLER. MAS, NA PRIMEIRA OPORTUNIDADE, O "SERVIÇO" SERÁ OUTRO, E BEMFEITO!

PILOTO DE UM "STUKA", ABATIDO PELA RAF NO EGITO. OS ALEMÃES ESTÃO PREENCHENDO OS CLAROS, ENTRE DO SEU PESSOAL, COM RAPAZOTES. FIZERAM O MESMO EM 1918, SEIS MESES ANTES DO COLAPSO DE SEUS EXERCITOS.



SOLDADO NAZISTA, APRISIONADO NA AFRICA DO NORTE COM OUTROS MAIS EXPERIMENTADOS. ENVIAR PARA A LINHA DE FRENTE JOVENS COMO ESTE, VERDADEIRAS CRIANÇAS, É A CONFISSÃO FINAL DA DERROTA QUE NÃO TARDARÁ.

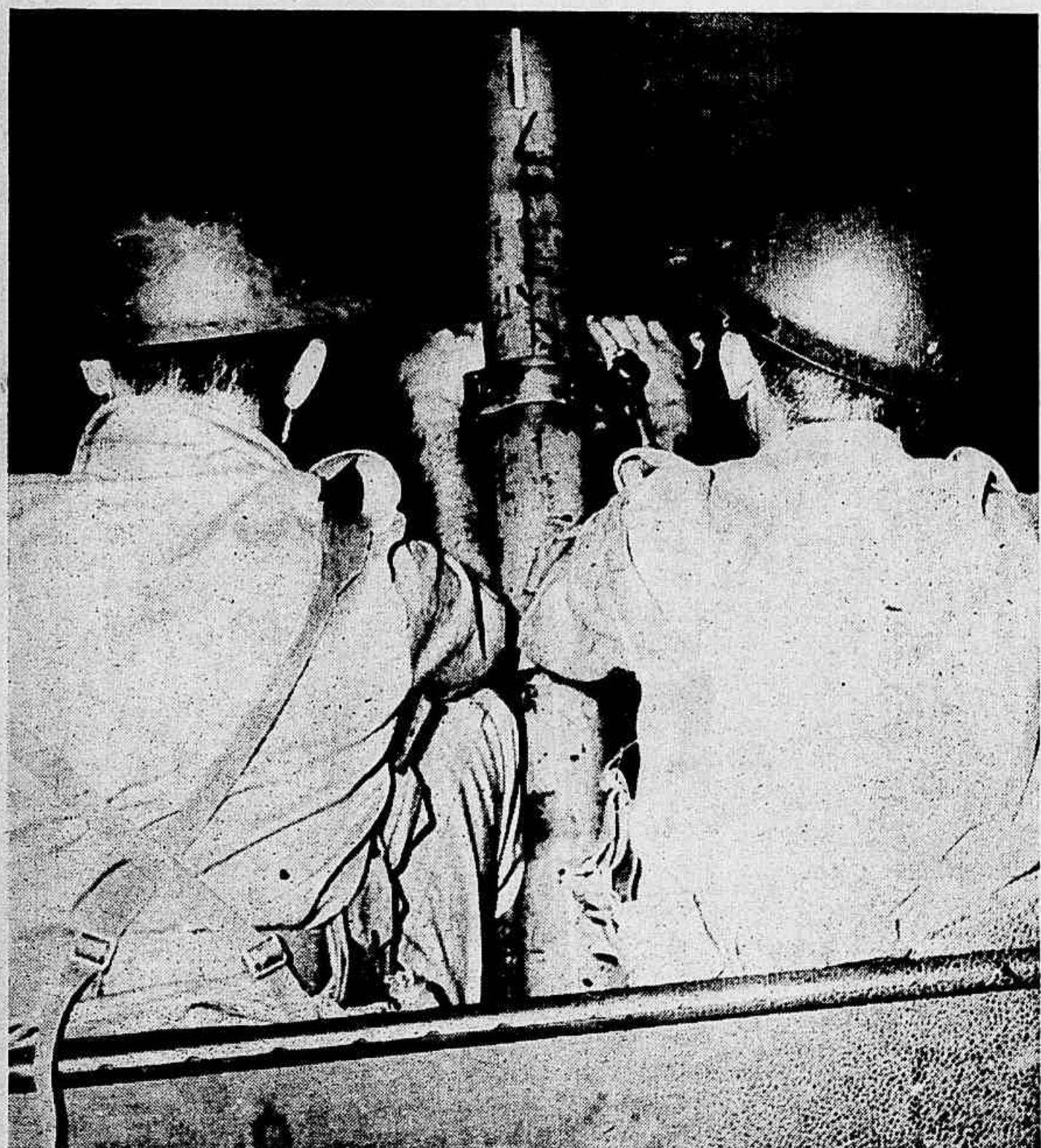
SOLDADOS DO BRASIL



TRÊS SUGESTIVOS FLAGRANTES DAS TROPAS EXPEDICIONÁRIAS EM DESFILE NA AVENIDA RIO BRANCO. AO ALTO, O PAVILHÃO NACIONAL DESFILE, RECEBENDO AS HOMENAGENS DO POVO, EM APLAUSOS FERVOROSOS QUE SE ESTENDEM A TODOS OS SOLDADOS PATRÍCIOS, PRONTOS PARA A LUTA.



Vive ainda, no espirito da população carioca, onde ha de perdurar por longo tempo, a evocação daquela tarde maravilhosa em que aproximadamente dez mil brasileiros, perfeitamente adestrados para embarque imediato rumo aos campos de batalha, desfilaram pelo centro da cidade. A Avenida conheceu outro de seus gloriosos dias, semelhantes aos mais memoráveis, com o desfile dos aguerridos rapazes das Forças Expedicionárias do Brasil, entre os aplausos delirantes do povo, que se aglomerava, de ponta a ponta da nossa principal artéria. Foi, realmente, um dia de alto sentido civico e patriótico, esse em que a população carioca pôde sentir, mais de perto, o pulsar dos corações desses milhares de soldados, vindos de varios pontos do país, resolutos, destemidos e dispostos a dar a vida, si preciso fôr, pela necessidade imperiosa de vingar os brasileiros que a covardia nazista imolou em golpes bárbaros. Terra mûca, que não está disposta a transigir com o inimigo comum nem mais se enquadrou ao da neutralidade desde que lhe feriram bem fundo na alma, o Brasil está reagindo e passando da defensiva para a ofensiva. Aqui estão nestas páginas, varios aspectos desse acontecimento nacional, vendo-se a' direita, ao alto, o General Zenóbio da Costa, comandante das Forças Expedicionárias, assistindo ao desfile; e logo em baixo, grupo tirado a' entrada da Biblioteca Nacional, com os Ministros da Guerra e da Marinha, vendo-se ainda o commandante Amaral Peixoto, Interventor do Estado do Rio. Agora que a cidade está adquirindo uma nova faceta fisionômica, com a presença assidua de jovens patriotas, procedentes dos Estados do Sul, envergando o honroso uniforme verde-oliva, o desfile desses soldados em vespas de embarque para o setor da luta vale por uma demonstração eloquente e expressiva do espirito de brasilidade que hoje preside a todas as coisas e a todos os homens nascidos neste pedaço de terra privilegiado, e cuja integridade é preciso defender.



AS DONAS DE CASA

E O SEU DRAMA ATUAL

Uma reportagem feita
ao vivo, com flagrantes
da guerra projetados
na vida carioca

Personagens:

A dona de casa ..	SAGRAMOR SCUVERO
O marido	URBANO LÓES
A irmã	WILMA FARIA
	ACACIA
As crianças:	ROMIR
	ANA MARIA
	NENA PARANHOS

NÃO é só na linha de frente, junto às tropas em movimento, que a Mulher está dando a sua mais valiosa contribuição em prol da Vitória. Longe dos campos de batalha, a milhares e milhares de quilômetros dos setores da luta, onde quer que se encontre uma dona de casa no pleno exercício de suas funções domésticas, sabendo exercer o cargo, dos mais espinhosos, com suas melhores energias e um apurado espírito de economia e eficiência, essa mulher estará servindo à guerra na mais lídima expressão do termo — Servir. Ela chega a ser a heroína desconhecida desta guerra sem quartel que é o drama cotidiano, repetindo-se tôdas as manhãs, de enfrentar a escassez dos gêneros alimentícios, de figurar nas filas, de preencher todos os claros do que falta de molde a não faltar, a tempo e horas, aos seus deveres dentro de casa. Todos nós temos um exemplo do drama intenso das donas de casa, porque todos nós temos família e não há família onde esse drama não tenha penetrado, por força das contingências adversas em que nos encontramos. Foi apreciando o panorama brasileiro, o que mais de perto nos interessa, dentro desse aspecto, que a REVISTA DA SEMANA resolveu levar a efeito esta reportagem, à qual não ficaria mal o sub-título seguinte:

VINTE E QUATRO HORAS DE UMA DONA DE CASA

Manhãzinha cedo, ainda com o dia alvorecendo, a "chefe de família" acorda ao toque do despertador. Mas o despertador, em certos casos, chega a ser uma simples providência preventiva. Antes da hora marcada, ela está de pé, travando o relógio para não despertar os filhos mais moços. E começa o drama: Quando há um convocado ou um aluno do C. P. O. R. em casa, trata de o despertar, porque ele terá de comparecer ao quartel pouco depois. Vem, em seguida, a obrigação da feira com o desfile das filas. São a carne e o leite principalmente. São

CINCO HORAS DA MANHÃ. — "QUE SONO, MEU DEUS!" MAS O IRMÃO CONVOCADO PRECISA ESTAR A'S SEIS EM PONTO NO QUARTEL, A EMPREGADA DESAPARECEU HA TRES DIAS E O SERVIÇO TEM DE SER FEITO DE QUALQUER MODO. — BOCEJANDO AINDA, ELA BATE NO QUARTO DO IRMÃO AVISANDO QUE O CAFE' ESTA' AQUECENDO, PRECISA IR A' FILA DO LEITE... HOJE E' DIA DE FEIRA...



O DIA MAL COMEÇA A CLAREAR. AGORA É PRECISO ESPERAR RESIGNADAMENTE QUE CHEGUE A SUA VEZ DE APANHAR O LEITE. E TANTA COISA ESPERANDO POR ELA! O ANUNCIO NO JORNAL PEDINDO OUTRA EMPREGADA... AS CRIANÇAS PARA O COLEGIO... O MARIDO PARA O TRABALHO... E ELA SOSINHA, SEM TER QUEM AJUDE! SERÁ BOM TELEFONAR PARA CASA DE MAMÃE, PEDINDO À IRMÃ PARA AJUDA-LA.

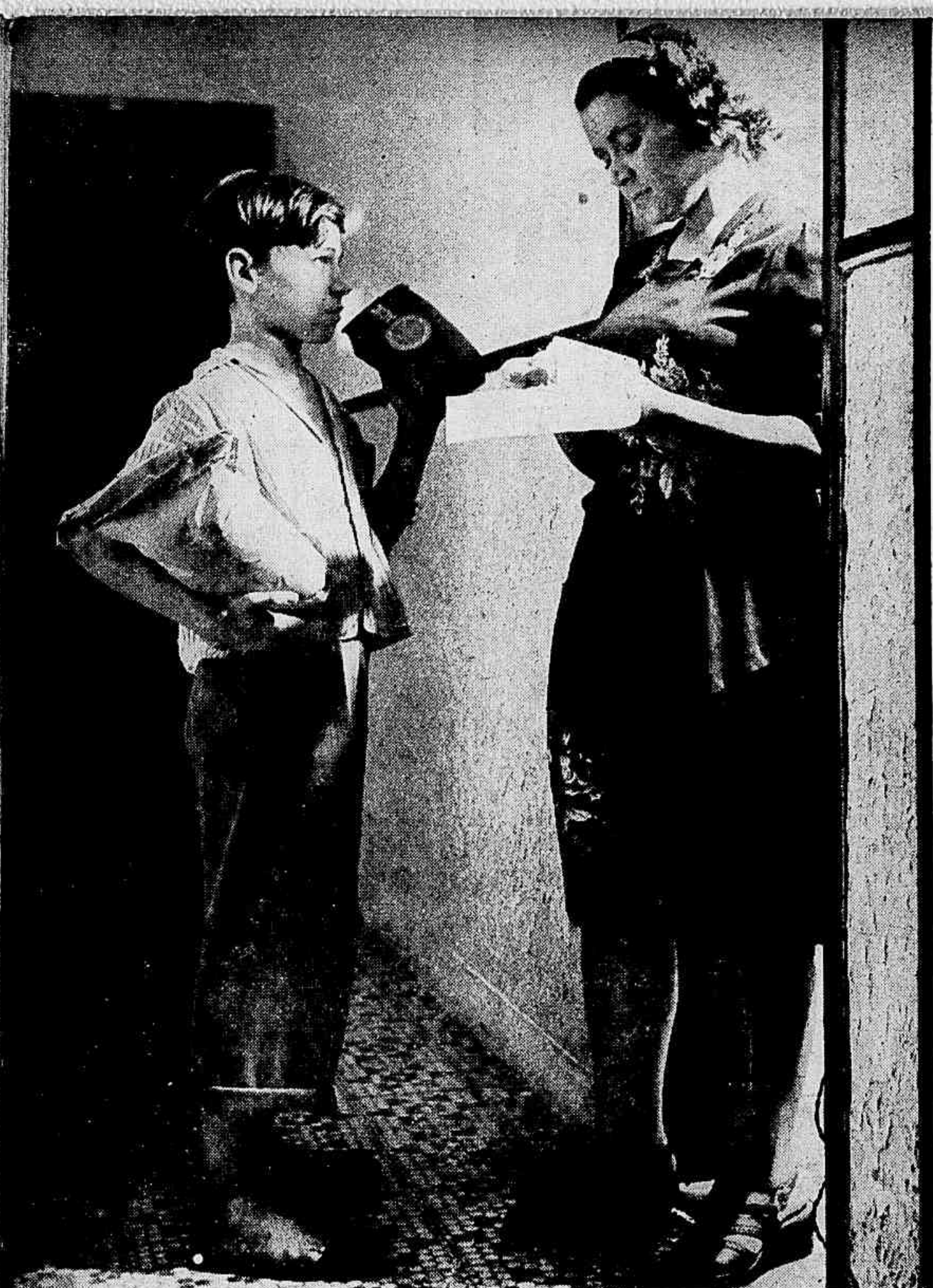


AGORA A FEIRA. QUE HORROR, TUDO TÃO CARO! OS XUXU'S NÃO SÃO NENHUMA MARAVILHA E CUSTAM CR. 1,40 SEM ESCOLHER! LARANJAS A QUARENTA CENTAVOS, DAS PEQUENINHAS... MAS HOJE NÃO HA CARNE E O PEIXE DESAPARECEU DA CIRCULAÇÃO, COMO A EMPREGADA! LOGO DE MANHÃ CEDO, OS NERVOS DE MADAME SÃO POSTOS À PROVA DE MANEIRA INCLEMENTE. É MISTER DISCUTIR COM TANTA GENTE...

O BEIJO DA DESPEDIDA. ENQUANTO MADAME FOI ÀS COMPRAS, ELE TOMOU CAFÉ. O IRMÃO JÁ DEVE ESTAR LONGE. E A EMPREGADA? AINDA NÃO APARECEU NINGUEM AO ANUNCIO... ELE VAI TRANQUILIZADO PARA O SERVIÇO, SEMPRE SE DISTRAIRÁ LA' POR FORA. ELA VAI CONTINUAR SUPORTANDO O DIA INTEIRO ESSES DISSABORES DOMESTICOS. — "ATÉ O JANTAR, MEU BEM! VEJA SE TRAZ MANTEIGA..."

E A LUTA CONTINUA! AGORA O COLEGIO, QUE, FELIZMENTE, FICA PERTO DE CASA. É PRECISO LEVAR AS CRIANÇAS, HA SEMPRE O PERIGO DE ATRAVESSAR AS RUAS E AVENIDAS. MAS TERA' DE VOLTAR DEPRESSA, O ALMOÇO FICOU ADIANTADO. DE CAMINHO, TALVEZ ENCONTRE AQUELA FAZENDINHA QUE ESTÁ PROCURANDO HA TANTO TEMPO... AS CRIANÇAS PRECISAM ROUPA BRANCA, ANDA TUDO TÃO CARO!





O AÇÚCAR CONTINUA RACIONADO. O ARMAZEM MANDA APENAS A QUANTIDADE DOS "TICKETS" DO MÊS E AINDA ASSIM PREVINE QUE TALVEZ FALTE. E AS CRIANÇAS? O MINGAU DA MANHÃ PODE SER SUPRIMIDO? NÃO ADIANTA DISCUTIR COM O CAIXEIRO, ELE NADA PODE FAZER. QUE DOR DE CORAÇÃO! A QUANTIDADE RACIONADA NÃO SATISFAZ AS NECESSIDADES DA CASA... ISTO NÃO SERÁ TAMBÉM LUTAR PELA VITÓRIA? E QUEM RECONHECE TANTO SACRIFÍCIO?

as verduras na feira. Tudo a preços exorbitantes, apesar das tabelas, dada a má vontade dos vendedores, quando não há presente um fiscal vigilante. E a dona de casa, olhando todos os relógios que lhe aparecem à frente, vai comprando o que pode e enquanto pode. E' preciso voltar rapidamente para casa, porque o marido deve servir-se do café, seguindo para o trabalho; os garotos têm de entrar no colégio quando frequentam a turma da manhã, por volta das sete e meia; e além de tudo, como invariavelmente acontece, não há empregada. Ela aproveitou a saída, domingo, depois do jantarado, não voltou e telefonou dois dias depois, sob qualquer pretexto, pedindo para entregar os dias do mês — descontados os adiantamentos da praxe — à portadora que os procurar. E' a dona de casa que tem de apurar todos esses casos de ordem imediata. O marido, com seus afazeres de cada dia, não pode dar atenção aos incidentes domésticos, mas os incidentes precisam ser resolvidos. Ele encontra sempre as refeições, de mesa posta, à hora certa. Ele deixa o dinheiro das despesas. Ele tem a roupa lavada, passada e engomada sempre que a procura. Mas quando sai, rumo ao escritório, tem oportunidade de espalhar, a preocupação do serviço rotineiro faz com que se esqueça por espaço de horas — ou do dia inteiro — dessas questões que madame lá em casa vai solucionando.

Ela merece um título de heroína, que lhe seria conferido com inteira justiça. Sagram-se os homens no campo da luta; evidenciam-se os operários, os industriais, os comerciantes, os reporters. Todos têm o prêmio do seu esforço. Mas ainda ninguém se lembrou de premiar o sacrifício das donas de casa... Ela é um soldado sempre vigilante, contribuindo com a sua parcela de esforço para não se desequilibrar o ritmo de vida da cidade e do país, alimentando as pessoas da família, garantindo a estabilidade do lar brasileiro...

PEQUENOS PROBLEMAS QUE ACABAM CONSTITUINDO UM GRANDE PROBLEMA

A escassez de empregadas domésticas é a preocupação número um da dona de casa. Os anúncios nas colunas de "Precisa-se" aumentam consideravelmente na proporção inversa das criaturas que aparecem para trabalhar. Hoje elas querem o triplo do ordenado de antes da guerra mas não querem trabalhar mais. Nem menos. Não querem, até, trabalhar coisa alguma. Os salários atingem a respeitável cifra de duzentos cruzeiros e comida. Casa não lhes interessa. A classificação "dormir no aluguel" serve apenas para afugentá-las... Na feira onde andou a nossa reportagem, uma pobre senhora, carregada de embrulhos, transpirando valentemente, diz-nos, a respeito:

— Resolvi o problema trabalhando eu mesma. Não sei o que é um teatro há mais de meio ano... Cinema só lá no bairro, e assim mesmo quando tenho minha cunhada para ficar com as crianças.

Outra, interferindo:

— Dê-se por muito satisfeita... A última fita a que assistí foi "Sempre em meu coração"!

Mas os pequenos problemas são inúmeros. E fazem, em conjunto, um super-problema de solução ainda não encontrada. A escassez do leite veio suprimir muito mingau matutino. O leite condensado nem sempre aprova. A falta da carne, mesmo depois de restabelecido o tráfego pelo túnel oito, faz com que as donas de casa vivam em constante conflito com os açougueiros da zona. Outrora madame podia saltar dêste para aquele fornecedor. Tendo em dia a sua conta do armazem, era requestada pelos vendedores de todas as imediações. Hoje, si não se submeter aos caprichos de um deles, está mal de sorte. Na hora dos apuros ele manda-lhe dizer que não tem mais açúcar. Mesmo quando seja registrada com o "ticket" do racionamento.

E o problema do pão? E o dos ovos? Da manteiga? Da lavadeira? Do encerador? Da falta de água, uma vez por outra? Do racionamento do gás? E por aí adiante...

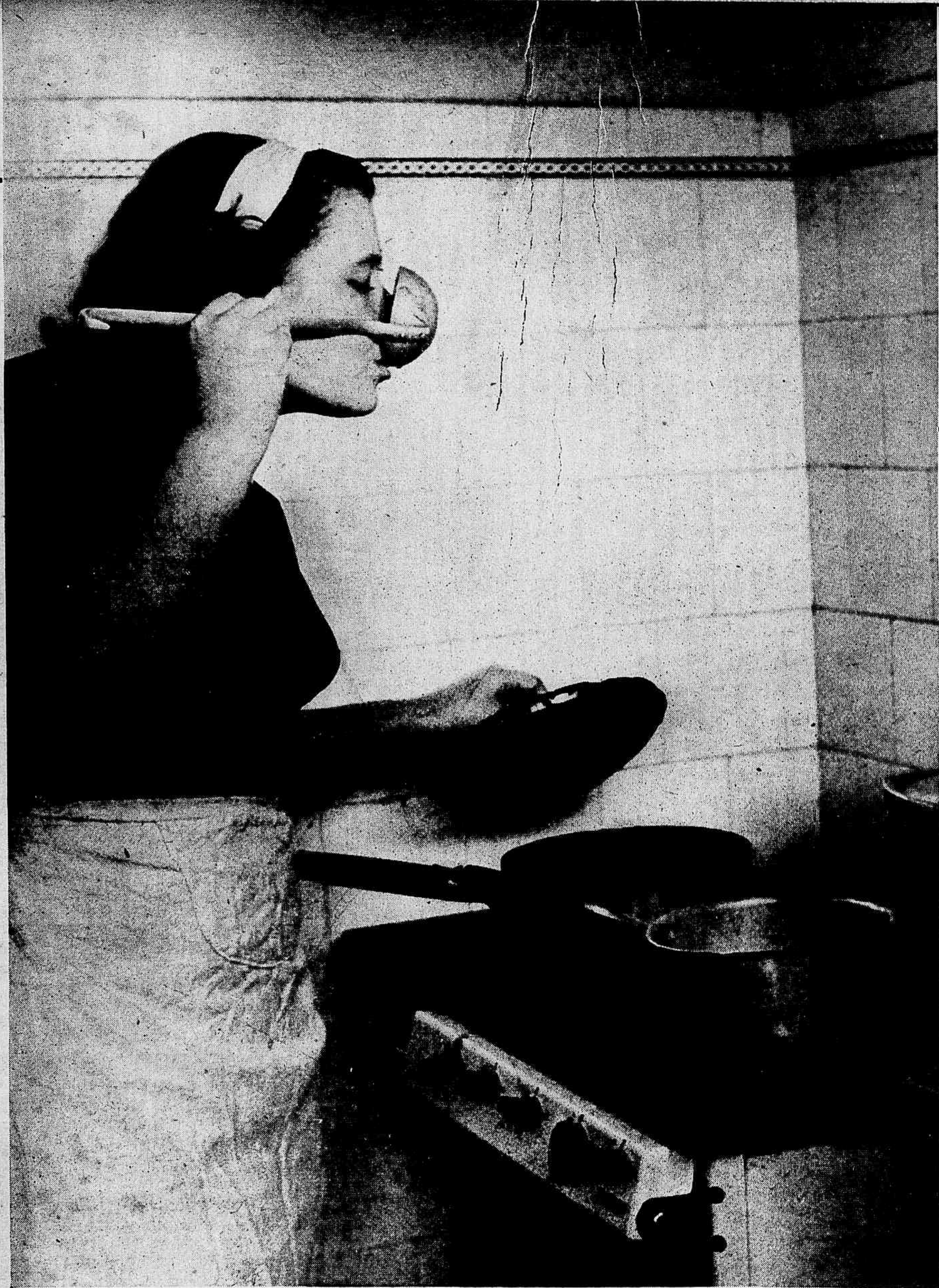
No entanto, a dona de casa não figura entre os heróis da guerra. Ela que é, desde antes do deflagrar do primeiro tiro, uma heroína constante... Ela que o continuará sendo, na certa, até muito depois da Paz!

Esta reportagem foi sugerida pelos aspectos de todos os dias e de todas as horas na capital da República. Simples reflexo do que se registra em todo o Brasil, reprodução, por sua vez, de um fenômeno universal. Onde se infere que a dona de casa, onde quer que se encontre, faz jus ao preito de homenagem de todos os contemporâneos.

C E L E S T I N O S I L V E I R A

ENFIM! APARECEU UMA CANDIDATA AO EMPREGO! MAS DE QUE ADIANTA? NÃO COSINHA O TRIVIAL, NÃO LAVA, NÃO ENCÉRA, NÃO PODE DORMIR NO ALUGUEL, NÃO ACEITA MENOS DE DUZENTOS CRUZEIROS... MAS PRECISA SAIR TODAS AS NOITES, TEM DENTISTA E COLÉGIO??, DUAS FOLGAS POR MÊS E VAI PREVENINDO QUE NÃO PODE ESTRAGAR AS UNHAS! — "NUM VÊ QUE EU VOU DEIXAR ESTA MARAVILHA RELAXAR?" — MADAME ACEITA ASSIM MESMO QUE REMÉDIO! ATÉ A POLÍCIA PROVIDENCIAR...





BEM, VAMOS CUIDAR DO ALMOÇO. ESTARÁ MESMO BOA ESTA SOPA SEM CARNE? NÃO HA TEMPO A PERDER. DENTRO DE MEIA HORA AS CRIANÇAS ESTARÃO DE VOLTA DO COLÉGIO, O MARIDO TEM OS MINUTOS CONTADOS... E A LAVADEIRA QUE NÃO APARECEU! OS UNIFORMES DAS CRIANÇAS ESTÃO PRECISANDO SER TROCADOS... TALVEZ Á TARDINHA TENHA UMA FOLGA PARA LAVAR. SI A MANA VIÉSSE MESMO...

FINALMENTE A MANA VEIO. MAS QUANDO A MESA ESTAVA POSTA, E ASSIM, VAI SABOREAR UM ALMOÇO DE EMERGENCIA, SEM TRABALHO NENHUM. UM MOMENTO DE DESCANSO E ALEGRIA. LÁ FÓRA, UM DIA AGITADO. DENTRO DE CASA, A TOALHA ESTENDIDA, A SOPA FUMEGANDO, A TITIA, AS CRIANÇAS, O PAPAI... E UM ALMOÇO SEM CARNE, MAS GOSTOSO. — "FOI O QUE SE POUDE ARRANJAR, QUE-RIDO... NÃO RECLAME..."





DEPOIS DO ALMOÇO, A LUTA CONTINUA. NEM TUDO SE PODE DAR Á LAVADEIRA. A TRINTA E CINQUENTA CENTAVOS A PEÇA... O TANQUE DO APARTAMENTO NÃO TEM COMODIDADE, O "CORADOURO" É ESCASSO, MAS QUE FAZER? ESTAMOS EM GUERRA, OUTRAS MULHERES SOFREM MAIS NA EUROPA... ELA FAZ O QUE PODE — E NÃO FAZ POUCO.

A COZINHA ARRUMADA, ROUPA LAVADA, AS CRIANÇAS NA ESCOLA — VAMOS CONVIDAR TITIA PARA UM LIGEIRO SERVIÇO DE COSTURA; OS TECIDOS ANDAM CAROS E AS ROUPAS DAS GAROTAS SÃO FEITAS EM CASA. DAQUI A POUCO, É HORA DE PREPARAR O JANTAR PORQUE O DRAMA NÃO TERMINA TÃO CEDO. NÃO SE DESPERDIÇA UMA HORA SIQUER!

ENFIM, A SUAVE E DOCE RECOMPENSA DE UM DIA CHEIO DE PEQUENINOS DRAMAS... O RADIO BAIXINHO, A VOZ DISTANTE DAS CRIANÇAS NA RUA, TITIA DISTRAINDO A CAÇULA, UM LIVRO, UM BORDADO, O MARIDO CARINHOSAMENTE REOSTADO... TUDO SUAVISA E ENFEITA OS MAIS ASPEROS CAMINHOS. MAS AMANHÃ SERÁ OUTRO DIA... E O DRAMA VAI REPETIR-SE...



Morte em CHANGAI

(Novela de Vincent Starret,
traduzida especialmente para
a REVISTA DA SEMANA).

PROSSEGUIA, com todos os seus horrores e tragédias, a guerra sino-japonesa. E um povo heroico debatia-se, corajosamente, nas garras do inimigo poderoso e implacável.

As bombas explodiam, com intervalos regulares. O bombardeio não cessou durante a noite. O cruzador japonês, que fundeara na extremidade mais afastada da baía e assestara os seus canhões para a cidade de Chapel, já quase toda em ruínas, continuava a sua obra de destruição, com regularidade matemática.

Macdonald dormia profundamente. Descobriu que o estrondo regular, que a princípio lhe parecera ensurdecedor, embalava-o até, agora que se habituara a essa horrenda cantiga de ninar.

O ruído da metralha e a explosão das bombas não o perturbavam. Mas um outro rumor fê-lo acordar, sobressaltado. Que teria acontecido? Ainda meio tonto de sono, prestou atenção para ver se conseguia descobrir o que o acordara. Teria sonhado? Era bem provável. Mas não; eis que, novamente, soava, no corredor do hotel, o grito aflito e estridente.

Macdonald sentou-se, apanhou o "robe de chambre" que estava aos pés da cama calçou, apressadamente os sapatos e, levantando-se, foi até o corredor ver o que se passava.

Lá fora, o fogo não fôra interrompido. E o tumulto que agora crescia no interior do hotel era abafado pelas bombas. Confusas, elevavam-se várias vozes excitadas.

— Que há?

A pergunta de Macdonald não obteve resposta. O vulto indistinto de alguém que estivera a bater à sua porta desapareceu no fundo do corredor. Por que o acordaram? Qual a razão do terror que se espelhava nas fisionomias dos hóspedes que se tinham juntado no meio da passagem, confabulando em voz baixa e agitada, e procurando, ao mesmo tempo, compor o vestuário envergado às pressas?

— Fogo!

Macdonald compreendeu.

Um forte cheiro de fumaça invadia o corredor. O perigo não era imediato, pois, apesar de evidentemente assustados, os hóspedes não tratavam de fugir. A luz elétrica iluminava mal a cena grotesca. De vez em quando, aparecia uma cabeça, emergindo de uma porta semi-cerrada, e uma cara de sono procurava descobrir a causa do movimento desacomodado, dos murmúrios e dos passos apressados que passavam, em todas as direções.

Habitado a essas aventuras, Macdonald não perdeu a serenidade. Voltou para o quarto, amarrou os sapatos, com calma, olhou em torno para ver si não havia nenhum objeto de valor que valesse a pena salvar e, não encontrando nada, novamente dirigiu-se para o corredor.

Era evidente que o fogo se concentrara na outra ala do hotel. De qualquer forma, não atingira ainda a escada.

— Patifes!

Descendo o corredor, Macdonald amaldiçoava os demoniozinhos amarelos, que observavam com seus binóculos o resultado do bombardeio.

Era fácil adivinhar o que acontecera. Uma bomba, caindo longe do alvo, atingira o hotel. Mais um "acidente". Quando queriam, os japoneses sabiam atirar muito bem, mas, às vezes, as circunstâncias os obrigavam a afetar uma má pontaria positivamente inacreditável, para justificar os lamentáveis enganos, que, geralmente, redundavam em severos danos e muitas mortes, em hotéis que abrigavam cidadãos de nações neutras. O empregado do hotel desmanchava-se em desculpas, cercado de um grupo de hóspedes. Não tinham sido atingidos por uma bomba, como se acreditava. Um acidente misterioso provocara o incêndio, que, felizmente, não causara muitos danos. O fogo tinha sido extinto com presteza e já não havia nada a temer.

— Mil desculpas, meus senhores e minhas senhoras. Não se assustem. O fogo já está apagado. Não há mais perigo. Não foi nada de importância. Começou no armário onde as arrumadeiras guardaram as vassouras e os espanadores. Não sei quem causou toda essa agitação. Quem o acordou?

— Um grito foi o que eu ouvi primeiro — disse Macdonald. Depois, alguém bateu à minha porta e fugiu. Houve um grito de "fogo!"

Formara-se um ajuntamento em redor do empregado, que não parecia muito contente com a tarefa que lhe fôra confiada de tranquilizar os hóspedes.

— Sinto muito — repetia o chinês. Alguém perdeu a cabeça. Pensou que o hotel ia abaixo e começou a gritar. Não há mais perigo. Podem ir para os seus quartos. Sinto muito!

Repetiu o estribilho até que a gente assustada deixou-se convencer e, aos poucos, o corredor foi se esvaziando.

Diminuiu o cheiro de fumaça. Os que ainda não se tinham recolhido perceberam, de repente, que não estavam apresentáveis, sendo que a maioria mal se poderia dizer vestida.

A retirada tornou-se geral.

Macdonald abafou um bocêjo e despediu-se do empregado.

— Boa noite. Não faça cerimônia. Caso o hotel venha a pegar fogo de verdade, pode chamar-me.

De volta ao seu quarto, achou que havia alguma coisa de estranho ali. Que seria?

A porta estava fechada. Tinha certeza de que a deixara aberta... A lâmpada da mesa de cabeceira fôra acesa depois dele ter saído, pois lembrava-se bem que se vestira, às apalpadelas.

(CONTINUA NA PAG. 41)





"SERVINDO O LEITE", DE VERMEER, DO RIJSMUSEUM DE AMSTERDÃO.



DETALHE DO ALTAR ROUBADO DO MARIEN KIRCHE EM CRACOW.

PODERÁ SER RESTAURADA A ARTE EUROPEIA?

A nomeação de uma comissão encarregada do salvamento dos Monumentos artísticos e históricos da Europa, feita pelo Presidente dos Estados Unidos, vem abrir um novo e inesperado front.

Todos os que lêem os jornais diários estarão informados do programa de destruição de tudo o que resta da decência e da dignidade humanas. Embora estejamos ao par de todos os sofrimentos físicos e mentais dos países dominados pelo Eixo, poucos dentre nós reparamos na vaga de barbarismo inimigo que ameaça toda a civilização. Não percebemos ainda em toda a sua extensão o grau de ódio e de desespero que dirige a doentia mentalidade germanica organizando a destruição da beleza e da cultura onde quer que possam ser encontradas.

Os roubos das obras de arte praticados pelos alemães dos países dominados não foram ditados pelo amor à arte. Estes atos foram dirigidos pela inveja impotente de quem, não podendo produzir o que é caro aos outros, tenta apropriar-se e, no caso de não ser possível a apropriação, destrói.

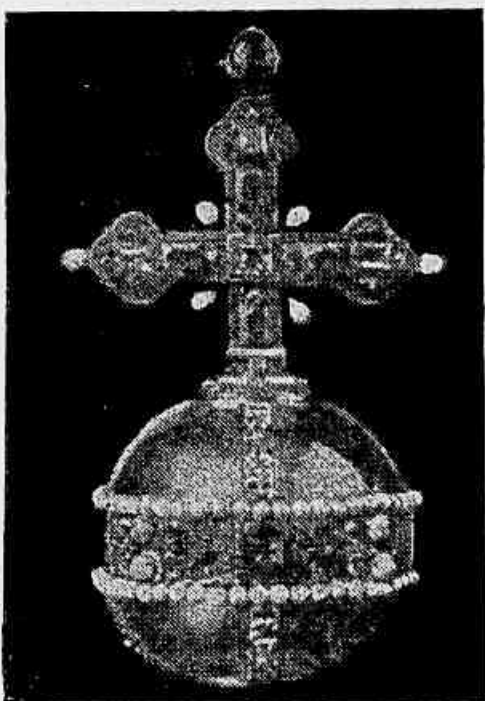
Desde Napoleão não vemos uma destruição tão sistematizada de obras artísticas, como nos países da Europa ocupada pelos Nazistas.

As mais famosas obras de arte foram por eles confiscadas ou fraudulentamente compradas.

Estas obras não constituem apenas uma parte importantíssima dos bens materiais dos países conquistados, mas são consideradas como sua herança espiritual.

A formação de uma Comissão Americana que enfrentará os problemas do pós-guerra foi sugerida pelo presidente da Justice Stone, que na sua qualidade de membro da Galeria de Arte está suficientemente informado da necessidade de uma ação governamental neste setor.

A ESFÉRA REAL AUSTRIACA.



Owen J. Roberts da Corte Suprema dos Estados Unidos é um dos membros da Comissão. Traz êle não apenas o seu prestígio na lei, mas também uma profunda simpatia e compreensão dos problemas que devem ser resolvidos.

O vice-presidente será David E. Finle, diretor da Galeria Nacional de Arte, que já estabeleceu o seu quartel geral de ação. O secretário dessa Galeria, Huntington Cairns, será o secretário da comissão.

A comissão funcionará sob os auspícios do Governo auxiliada por grupos similares em outros países, com o fim de preservar e proteger as obras de arte ou objetos artísticos ou históricos da Europa, e ajudará a salvação bem como tirará das mãos de proprietários tão horríveis os objetos de que se apropriaram os poderes do Eixo ou mesmo os particulares que tenham agido sob sua ação ou consentimento.

As funções da Comissão são duplas e terão que se orientar pelo curso dos acontecimentos com o decorrer da guerra.

OS NAZISTAS SAQUEARAM OS MUSEUS DOS PAÍZES CONQUISTADOS.
RESTAURAR E SALVAR OS TESOuros ARTÍSTICOS É A
TAREFA DE UMA COMISSÃO AMERICANA

por FRANCIS HENRY TAYLOR
(DIRETOR DO MUSEU METROPOLITANO DE ARTE)

Seu objetivo imediato é trabalhar com os setores apropriados do Exército afim de fornecer ao comando geral dos oficiais, cientistas, bibliotecários, arquivistas e historiadores do museu de modo que, tão longe quanto seja necessário, as obras de valor cultural sejam protegidas nos países ocupados pelos exércitos das Nações Unidas, e para compilar utilizando as fontes disponíveis, bem como assistência aos escolares refugiados dando uma lista das propriedades que foram roubadas pelo Eixo.

Alguns meses antes de ser nomeada a Comissão, este trabalho vinha sendo realizado pelo "Comitee of American Council of Learned Societies for the Protection of Cultural Treasures in War Areas." Este Comitê, cujo quartel general estabeleceu-se no Museu Metropolitano de Arte em New York, em colaboração com a "Friek Art Reference Library", compreende membros representativos de bibliotecas, museus e universidade.

Perto de mil escolares, cientistas e artistas nos Estados Unidos ofereceram seus serviços ao comitê, cujos membros não são remunerados.

O principal objetivo é orientar as autoridades militares na proteção dos monumentos culturais das áreas de operações.

Poucas pessoas compreendem a responsabilidade do Exército na proteção da herança cultural da Europa, complicada pela necessidade de bombardear alvos e objetivos militares. Foram tomadas as maiores precauções para proteger monumentos eclesiásticos e civis e para salvar as obras de arte, bibliotecas e arquivos.

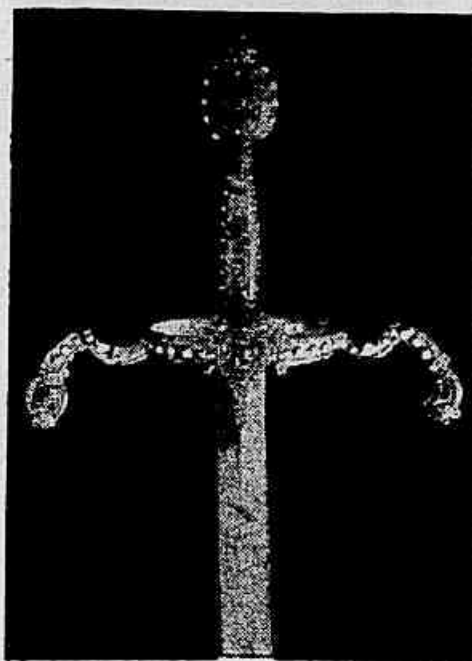
Ha alguns meses a Secretaria de Guerra lembrou ao Estado Maior a necessidade de a criação de uma seção no Exército que se encarregasse desta missão.

A responsabilidade do cargo coube ao Major General J. H. Hildring, Chefe da Divisão de Negócios Civis do Departamento da Guerra, incumbida de escolher pessoal competente e as diretrizes necessárias para a execução do trabalho.

Esse pessoal foi recrutado nas bibliotecas, universidades e museus dos Estados Unidos. Muitos deles já atravessaram o oceano e estão cooperando ativamente nos diversos teatros de operações, e outros estão sendo treinados.

Na invasão da Sicília, por exemplo, de acordo com as recomendações do General Hildring, o General Eisenhower deu ordens para que não houvesse interferência com as necessidades militares e todos os esforços fossem empregados para a preservação dos arquivos, monumentos históricos, civis e eclesiásticos, bem como das bibliotecas e dos objetos de arte.

Para facilitar o trabalho o Comitê preparou mapas indicando a localização dos monumentos artísticos e históricos nas cidades sujeitas à invasão do nosso exército.



A ESPADA DE FERRO DOS HABSBURG.

Mais de 150 desses mapas, contendo uma breve história e descrição dos monumentos indicados, já foram mandados para os Quartéis Gerais das forças aliadas para a distribuição na Aviação e para os dirigentes dos Negócios Cíveis em cada região.

Desde que um território tenha sido invadido e conquistado, a polícia do exercito se encarrega de impedir qualquer ato de vandalismo, estando terminantemente proibido aos soldados trazer objetos de arte como lembrança.

Logo que as tropas aliadas ocupam uma cidade, os museus e galerias publicas são fechados para evitar qualquer prejuizo às coleções artisticas.

E' sabido que os nazistas roubaram praticamente todas as obras de arte transportaveis. Este trabalho é sistematicamente executado por um corpo da Gestapo e das tropas SS sob a direção de Ribbentrop e da seção de Cultura dos Negócios Estrangeiros.

O Conselho de Negócios Financeiros estima o valor dos obietos roubados pelos nazistas em trinta e seis bilhões de dólares (não estando incluídos nesta cifra os danos causados aos monumentos publicos e eclesiasticos). Além disso diversas coleções

valiosas foram "transferidas por motivo de intercambio cultural" como por exemplo as obras primas dos mestres flamengos e holandeses que se achavam no "Rijksmuseum em Amsterdam que foram dados como trocados por quadros germanicos do século XIX.

Do mesmo modo os manuscritos Borgundios da "Bibliothèque Nationale", o orgulho da França, foram declarados como origina'rios do leste do Reno e transferidos para a Biblioteca Prussiana.

A coleção científica do Trocadero e do Museu de Saint-Germain, incluídos na lista preparada alguns anos antes da invasão da França e removidos para os museus germanicos, foram completar as coleções deficientes.

Onde quer que tenham sido furtadas obras de arte publicas ou particulares, foram tomadas precauções para que se revestisse o roubo de um carater de legalidade.

A destruição foi feita na Polonia e na Russia.

Na França, Holanda e Belgica os furtos acobertaram-se sob a capa de preservação da tradição cultural.

As principais coleções artisticas formadas deste modo são as do Fuehrer em Berchtesgaden e a de Goering e Himler. Este, como chefe da Gestapo, tem recebido um sem numero de "presentes" dos Gauleiters dos territórios ocupados.

Ribbentrop ordenou aos exercitos invasores na Grecia que tomassem tantas antiguidades quantas fossem necessarias para satisfazer o apetite intelectual do "Herrenvolk".

Em Lintz, o "Fuherer" edificou um dos maiores museus do mundo em homenagem a' memória de sua mãe. Para este museu pretende ele transportar as grandes obras de arte do mundo.

Inumeras obras de arte do Museu de Viena já "tiveram a honra" de ser recebidas ali, e não é por acaso que o diretor dos museus de Viena é um parente do Chefe da Gestapo na Austria.

Embora todos os oficiais nazistas tenham se apoderado de obras de arte, isto constitue apenas uma pequena parte se compararmos com os furtos do governo nazista.

Os métodos adotados para a execução desses furtos procuram acobertar-se sob uma capa de legalidade que não consegue esconder a verdade.

Frequentemente os Judeus são as victimas preferidas, pois as principais obras de arte dos ultimos vinte anos são de sua propriedade.

Mesmo neste caso é observado um certo protocolo legal.

Os Judeus recebem ordem de registrar todos os seus bens.

Suas propriedades são sujeitas a um imposto que excede suas posses, de modo que seus bens são confiscados para o pagamento das dividas.

Muitos são os problemas que as nações unidas devem enfrentar em relação a este assunto. Sabemos, por exemplo, que a Polonia e a Tcheco-Slováquia foram pilhadas de modo tão completo que nada ou quasi nada resta da sua herança cultural ou artistica. Apenas uma pequena parte dos obietos roubados pela Alemanha nesses dois países poderá ser recuperada.

E' impossivel avaliar as perdas artisticas e culturais da Polonia, símbolos da luta que este país travou pela sua independencia durante os ultimos séculos, quando seus monumentos foram sistematicamente queimados e destruídos pelo inimigo.

O pagamento material não satisfaz o orgulho de um povo heroico.

As futuras gerações da Polonia estarão incumbidas de restaurar não apenas os obietos roubados pelos Nazistas, mas todas as obras de origem polonesa que no passado foram transferidas para as galerias e coleções dos Estados Germanicos desde Augusto o Forte. O mesmo se dá com todos os países devastados pelo vandalismo germanico.

A comissão nomeada pelo Presidente Roosevelt terá graves e momentosos problemas a resolver.

Este é um trabalho que por muitos anos ocupará as Nações Unidas e, de certo modo, um test das possibilidades de cooperação entre povos de diferentes raças, credos e tradições culturais e de se poderão ou não preservar os frutos de 5000 anos de experiencias e imaginação humanas. Isto requererá o inteiro apoio, não apenas dos especialistas e profissionais nas artes e nas ciencias mas de todos os homens e mulheres que pensam. Se obtivermos sucesso, teremos concorrido para um renascimento da inteligencia e do espirito da humanidade.



A VENUS DE MILO, DO LOUVRE, PARIS.

"A LIÇÃO DE ANATOMIA" DE REMBRANT, DO MAURITSHUIS.



Rio de Janeiro, 2 de Abril de 1929

SENHOR SR. AURELIANO MACHADO, M. D. Director
Presidente da REVISTA DA SEMANA.

Somente hoje nos foi dado a conhecer as suas
amáveis palavras da REVISTA DA SEMANA de 9 de mar-
ço ultimo.

Como leitor assíduo da REVISTA, já
havia me referido a caprichosa confecção do numero
especial do "Dia da Avenida", o que, a par da
excelente e noticiosa variedade de seu contexto,
se destacava a nitidez das suas gravuras e as
interessantes notícias allusivas á nossa princi-
pal artéria e á sua nova projecção na vida carioca.
E foi em signal de agradecimento que pedi aos
nossos distintos amigos Drs. José Valentim Dunham,
João Francisco Restani e outros para, em nome da
antiga Comissão Constructora da Avenida Central,
visitarem a REVISTA e externarem os nossos mais
sinceros agradecimentos pelas generosas referen-
cias feitas pelo "Dia" do Jubileu da Avenida.

EM ABRIL DE 1929, QUANDO FOI COMEMORADO O JUBILEU DA AVENIDA, A REVISTA CON-
FECCIONOU UM NUMERO ESPECIAL DE LARGA REPERCUSSÃO. NAQUELA OCASIÃO, PAULO DE
FRONTIN DIRIGIU AO NOSSO SAUDOSO DIRETOR AURELIANO MACHADO UMA EFUSIVA CARTA DE
AGRADECIMENTOS, CUJO "FAC-SIMILE" AQUI ESTAMPAMOS.

"Em 12 de janeiro de 1875, quando era ministro da Viação o Sr. João Al-
fredo, chefiava a comissão de melhoramentos da cidade do Rio de Janeiro o engenhei-
ro civil Dr. Francisco Pereira Passos, que viria a ser prefeito da mesma cidade em 1904
sob a presidência de Rodrigues Alves. Naquella época, Passos elaborou o primeiro re-
latorio da comissão, assinado por elle, por Jeronymo R. M. Jardim e por Marcelino Ra-
mos da Silva, declarando a fls. 5 daquelle relatorio que "sua (da cidade) grande exten-
são em planície, apenas interrompida por poucos e insignificantes accidentes de ter-
reno, permite dar ás ruas que ali se abrirem toda a expansão necessaria, e proporci-
ona á população da cidade amplo espaço para edificação de casas rodeadas de jar-
dins, que tanto convém á salubridade das habitações em nosso paiz". (Textualmente
da publicação que fez a Imprensa Nacional daquelle relatorio).

E o Sr. Castro Silveira pretende attribuir a Passos a chefia da opposição á abertu-
ra da Avenida Rio Branco — obra que Oswaldo Cruz considerava indispensavel
á extinção dos focos miasmáticos do Rio.

Se Oswaldo Cruz vivesse poderia, no entanto, atestar o quanto foi auxiliado por
esse mesmo Passos, que abriu as Avenidas Beira-Mar, Mem de Sá, Salvador de Sá
e a rua do Sacramento (hoje Avenida Passos) até á rua Marechal Floriano; que alargou
as ruas Uruguiana, da Prainha (hoje do Acre), 13 de Maio, Camerino (fazendo as
jardins suspensas), da Assembléa, da Carioca, Frei Caneca, São Joaquim (hoje Ma-
rechal Floriano); que transformou as praças da Republica e 15 de Novembro e a rua
Conde de Baependy; que construiu o Caes Pharoux; que demoliu o Mercado da Glória,
substituindo-o por um jardim; que canalizou os rios Berquó, Banana Podre, parte do
Maracanã, Carioca, Joanna Trapicheiro e Rio Comprido; que remodelou o Canal do
Mangue, que decretou o "recurso progressivo" das casas no centro da cidade, para o alar-
gamento de 80 ruas. (Vide, neste sentido, a publicação feita na administração Antonio
Prado e sob a direção de Alfred Agache, a fls. 68 e 69.)

E mais. Em 1906, foi instalada a luz elétrica em toda a cidade e procedeu-se á ele-
trificação das linhas de bonde (v., ainda, aquella publicação, a fls. 70).

No entanto, ao homem que fez tudo isso, pretende-se dizer que estimava "dispen-
diosa e para mais de dez anos de execução, quasi uma utopia", a obra da abertura de
uma avenida de 2.000 ms. de comprimento, quando a Av. Beira-Mar — que Passos
abriria — tinha 5.000! Inconcebível portanto que, como engenheiro ou como re-
alizador, se opuzesse, com tais argumentos, á quella realização.

Attribue-se, ainda, a Passos, o fato de ter este mandado colocar na Avenida á inau-
gurar-se, dez mil paralelepipedos, para que a inauguração não se desse. Se não fôsse
inverdico, seria ridiculo. Afirma-lo agora, sem prova alguma, reúne essas duas quali-
dades.

Mas prossegue o articulista que todo o mundo (Passos enquadra-se perfeitamente
neste sugestivo "todo mundo") achava a "sua largura (da Avenida) de 33 metros, ab-
surda, exagerada. Mas a Av. Beira-Mar também tinha 33 metros de largura minima
— e Passos a abriu...

O que ha é que a abertura da Av. Rio Branco não estava no programa elaborado
por Passos. Este pretendia executar o que concebêra ainda no tempo do Império, sendo
João Alfredo ministro da Viação (1875).

E' verdade que constava no programa de Rodrigues Alves a abertura de uma ave-
nida "de mar a mar", como base de saneamento da nossa metrópole, como diz o pro-
prio Sr. Castro Silveira. Não constava no programa de Passos, mas Passos também
não constava no de Rodrigues Alves. Que atestem os de então a energia despendida
por Seabra para collocá-lo na Prefeitura de Rodrigues Alves, collocação essa indepen-
dente de qualquer manobra política.

A obra de Passos é a melhor prova de sua capacidade para o trabalho, capaz de
isenta-lo da accusação de não sentir-se com forças para a abertura da grande artéria
(palavras do Sr. Castro Silveira).

Não se pretende, no entanto, demolir o mérito da obra de Paulo de Frontin.

AINDA OS 40 ANOS DA AVENIDA CENTRAL

A margem da reportagem publicada em nossa edição de 25
de março, sobre as comemorações do 40.º aniversário
da atual Avenida Rio Branco, recebemos uma extensa
carta do sr. Antonio Fernando de Bulhões Carvalho, ultimo dos
bisnetos do saudoso Preeto Pereira Passos, na qual são rebatidos
vários pontos das notas divulgadas anteriormente, pelo sr. Alfredo
de Castro Silveira, em entrevista concedida ao "Diário de Notícias"
desta capital e de onde tiramos os apontamentos necessários.

Em absoluto. Ainda mais quando este era amigo pessoal de Passos; que o confirmem
D. Maria Elisa e D. Glorinha Frontin, suas filhas, e, até hoje, relações de amizade, dos
filhos de Passos. Não se procura, também, attribuir a Passos o mérito da tão discuti-
da abertura. Quer-se, somente, defendê-lo da falsa accusação que ora lhe foi feita, por
ser totalmente infundada. Aconselhamos a lêr os trabalhos aqui citados. Ambos são
publicações da Imprensa Nacional. Se lá não os encontrar, prontos estaremos a exhibi-
los, como prova do que afirmamos.

Em resumo: Atribue-se a Passos a opposição á abertura da Av. Rio Branco. No
entanto, isto é inverdico, porque Passos não temeria uma obra dessas, como a ates-
tam as outras que fez; Passos não se oporia a um trabalho de saneamento, grande
colaborador que foi de Oswaldo Cruz; nem se poderia attribuir a Frontin o drama-
tismo de atirar paralelepipedos ao mar (com ponto de exclamação), nem se poderia
attribuir a Passos o ridiculo de querer obstar uma inauguração com paralelepipedos (com
ponto de exclamação e, mais, as reticências).

Alia's., é sabido que Frontin, em 1918, veio finalizar a execução do programa que
Passos traçara, o que não só mais o conceitua, como prejudica o estudo imaginativo
e utópico, publicado no dia 8 de Março.

E, se não bastarem as publicações officiaes citadas e os argumentos expendidos,
em favor do que ora afirmamos, chamem-se, ainda, a prestar depoimento os contem-
poraneos de Passos e Frontin. Tobias Monteiro vive, e bem registrados traz os fatos
da História; Raul Pederneiras; continua a desenhar para a "Revista da Semana"; o
fotógrafo Malta tem organizado um precioso arquivo; Francisco Guimarães, infeliz-
mente, está na Europa, mas Luiz Dodsworth Martins, Laurinda Santos Lobo, Ernesto
Fontes e Paulo José Pires Brandão ainda vivem e, com mais segurança que quaisquer
outros, poderão dizer-nos como se desenrolaram os tumultuosos incidentes que oca-
sionou, no Rio, a abertura da Avenida Rio Branco.

E' justo que se queira sacudir a poeira imerecidamente acumulada sobre o bronze
de um homem illustre, mas não para atira-la, em seguida, sobre o bronze de outro homem
não menos illustre.

ao lado da sua expressiva dedicatória tive, ha
dias, outra noticia igualmente agradável. A da
carta em 6 dias.

As bondosas referencias da REVISTA o nosso sin-
cero reconhecimento e o nosso apoio ás suas sempre
edificantes attitudes em prol da nossa patria, - agre-
decimento este que fazemos em nosso nome e no de to-
dos quantos ao nosso lado cooperaram e que a generosi-
dade da REVISTA vem do exaltar com tanto amor, boa
vontade e patriotismo.

Paulo de Frontin



(Conto de
CLAIRE E LINE DROZE,
traído especialmente
para a REVISTA DA
SEMANA)

CRISTINA mal conseguia esconder o seu embaraço. Sem saber porque, sentia-se intimidada. Estava habituada, como toda moça moderna, a andar sozinha pelas ruas de Paris, mas saía, pela primeira vez, sem chapéu e isto, que para muitas não teria a menor importância, co nstrangia-a. A moda tem dessas exigências que alegam umas pessoas e constroem outras...

Trajava um tailleur cinzento, tipo esporte, e balançava, na mão direita, a caixa com a máscara contra fazes. Sem dar atenção ao que se passava em torno dela, Cristina tomou o ônibus e sentou-se, num canto. Alheia, olhava, sem ver, as vitrines que pareciam desfilar e os transeuntes que enchiam as ruas. Era a primeira vez que vinha a Paris, desde o princípio da guerra: mal começadas as hostilidades, fôra para o campo.

Seus olhos brilhavam. O rosto corado chamava a atenção pela beleza dos traços fisionômicos e pela pureza dos contornos. No seio, um cravo vermelho realçava a elegância do conjunto.

As mãos, contraidas nervosamente, apertavam a bolsa. Dentro da bolsa, havia uma carta. A carta... Na véspera, estava ajudando a plantar as rovas mudas, na fazenda, onde a falta de braços era terrível, quando chegara o correio. Com as mãos sujas, o rosto coberto de suor provocado pelos movimentos violentos, ouvia a conversa das outras moças, companheiras de trabalho. Falavam sobre os irmãos, maridos e pais, que tinham partido para a guerra, seus hábitos e costumes, o trem de prisioneiros que tinham visto passar pela manhã. Assuntos frívolos e tra gicos, em curiosa mistura, eram tratados, ora com seriedade, ora com risos francos, no campo, sob o sol que as banhava. Um olhar ancioso e uma risada despreocupada...

Chegou a carta. O portador era um ciclista, irmão de uma delas, que gostava de ridicularizar o trabalho das moças. Era um adolescente; tomava conta dos trabalhos mais pesados, que elas não podiam fazer.

Interromperam, logo, a labuta para discutir com o rapazola.

Depois, ele distribuiu as cartas.

Cristina reconheceu, imediatamente, a caligrafia. Um bilhete de João Pedro. Nada de extraordinário. Uma palavrinha amável para uma amiguinha. Conheceram-se durante as férias, e tornaram-se camaradas. Ele, agora, mandava lembranças. Entretanto, apesar de saber que não passava disso, uma onda de sangue afluía ao rosto da moça enrubescendo-o e tornando-a linda. O coração batia mais apressadamente. Abriu a carta.

Começava assim: "Minha querida amiguinha..." Seguiam-se palavras que ela acreditava não estar vendo, frases que atribuía a uma ilusão passageira, à perturbação, que experimentava. "Triste e solitário... Vê-la breve... Por que não vem a Paris?... Frases soltas, frases lindas, frases sublimes...

Apertou a carta de encontro ao seio e ergueu os olhos para o céu azul e límpido. A estação de Saint Lazare era o local marcado para o encontro... Ele viria de Versailles, onde estava aquartelado, esperando a ordem de partida para o front.

Cristina ainda não recuperara a serenidade. A surpresa, que o chamado lhe causara, ainda não se dissipara totalmente, nem mesmo com a aproximação da hora estipulada e com a quasi certeza de que o que estava acontecendo não era sonho.

Nunca poderia imaginar que João Pedro tivesse reparado nela. Falara-lhe, sem dúvida, e com a amabilidade de sempre, tratando quem quer que fosse, mas nunca os seus olhares se tinham demorado em sua direção, nunca dera mostras de interesse especial por ela.

Cristina, ao contrário, admirava-o à distância. João Pedro vivia cercado por um grupo de moças mais do que dispostas a encorajar qualquer atenção que ele se dignasse dispensar-lhes; mas, com ar displicente, ele aceitava a admiração de todas, sem distinguir qualquer delas particularmente.

Cristina via-o sorrir, quando uma delas se traía num olhar. Seguro da atração que exercia, ele se divertia brincando com as namoradas. Ela nunca se juntara ao grupo. As relações entre eles tinham sido, aliás, muito cordiais, mas cerimoniais. A todas ele tratava de você. Falando com ela porem, empregava, talvez com certa zombaria, o tratamento de senhorita.

Mas chegara a carta e ela esperava-o na estação. Breve ele chegaria e estava certa de que então não refletiria mais. Deixar-se-ia levar pela sedução do sorriso do rapaz, pelas suas maneiras, pela sua atração. E esqueceria todo o passado, para gozar bem o presente, essa oportunidade que talvez não se renovasse, pois sabia bem que um moço tão festejado poderia, de um momento para o outro, perder o interesse por ela. Não era vaidosa e sabia que nada tinha de particularmente atraente. Não era feia, é verdade, mas não possuía aquela arte que muitas mulheres aplicam com resultados surpreendentes: o traquejo, aquele ar mundano meio hipócrita, falsamente misterioso e destinado a despertar a curiosidade e atrair os homens. Era simples, franca e estava plenamente consciente disso.

Mas viera a carta e esperava-o, impaciente. Não analisava os motivos possíveis do procedimento de João Pedro. Saboreava, deliciada, a felicidade de ser querida.

Releu a carta. "Amanhã...", isto é, naquele dia, pois a carta era datada da véspera. O trem custava. Durante um minuto, ela teve a impressão de que nunca chegaria, mas veio, por fim.

Chiando, o trem aproximou-se e despejou, na estação vazia, a sua carga de passageiros.

Cristina, na ponta dos pés, tentava distinguir, na multidão, o vulto do rapaz. Inútil. Havia gente demais.

Sentiu uma mão firme no seu cotovelo. Era João Pedro.

A expressão de alegria que iluminou o rosto da moça traiu logo os seus pensamentos. Contendo-se, tarde demais porem, Cristina baixou os olhos, confusa. Agora que o via à sua frente não sabia o que dizer. Todas as belas frases que lhe tinham ocorrido, desde a véspera, na ocasião do recebimento da carta, toda a deliciosa conversa que imaginara, no trem, a caminho de Paris; tudo ela esquecera. Não sabia fazer mais nada a não ser corar e sorrir.

— Olá, Cristina, eu...

Ela respondeu:

— Eu estava esperando você, mas havia tanta gente que pensei que nos íamos desencontrar. Não foi aqui junto deste banco, que você marcou, na carta?

Ele não respondeu. Formulou uma pergunta:

— Com vão todos?

Ela ficou satisfeita com a mudança de assunto. E, além do mais, a pergunta dava-lhe oportunidade para falar sobre o seu trabalho, a família, os irmãos. Assim, não havia perigo de trair-se novamente.

Ele disse que dispunha de pouco tempo e queria aproveitá-lo da melhor maneira possível. Para começar, tomariam chá numa confeitaria próxima, e aí fariam os planos para o resto da tarde.

Ela ia ao lado dele, orgulhosa de estar acompanhada de um rapaz como João Pedro.

(CONTINUA NA PAG. 43)





Henrique Gorceix (1842)

GORCEIX

A nossa antiga instrução publica, preparadora de tanto ilustre, recebeu a colaboração de mestres estrangeiros de muita qualidade. Eis um, no grão do ensino superior, o francês Gorceix.

Henrique Carlos Gorceix nasceu a 19 de Outubro de 1842 em Saint-Denis-des-Murs, nome grande de localidade pequena do departamento de Haute Vienne.

Cedo orfão de pai, Gorceix e seis irmãos foram valorosamente criados por mãe na viuvez e na chefia de família, sacrificando-se pelos filhos com os extremos de heroísmo comuns nas mulheres francesas.

Todos os estudos de Gorceix o evidenciaram. Por ultimo na Escola Normal de Paris um professor de ciencias assim classificou Gorceix "O melhor aluno da Divisão de Física, de muito ardor e zelo". A nota veio de professor distinto fadado a imortal, Luis Pasteur.

De 1869 a 1873 foi Gorceix participe dos trabalhos arqueologicos e históricos da Escola Francêsa de Atenas. Onde houvesse ciência a observar lá estava Gorceix, examinando, sólo de Corinto ou erupção do Vesuvio e mais e mais.

Colaborador de revistas científicas não reunia Gorceix o seu publicado. Os grandes produtores na ancia de produzir mais e melhor se não inquietam com o produzido. Talvez no intimo eles si digam que aassim facilitam a silenciosa apropriação indebita alheia.

Na guerra franco-prussiana, acudindo da Grecia, Gorceix prestou militarmente á pátria os serviços que lhe devia sobretudo estando ela invadida.

Em 1874 preparava-se Gorceix para concorrer a cathedra na Universidade de Paris. Nesse momento D. Pedro II pediu ao sábio Daubrée a indicação de um mineralogista capaz. Daubrée lembrou-se de Gorceix, este por laços de familia aparentado com Gay Lussac.

No Brasil, Gorceix foi mandado pelo Museu Nacional a pesquisas mineralógicas no Rio Grande do Sul, em seguida a estados em Minas, tendentes á criação de Escola de Minas naquela provincia.

A 12 de Outubro de 1876, Gorceix inaugurava a Escola em Ouro Preto. Diretor e professor no estabelecimento tão prezado por D. Pedro II, Gorceix chama á Escola especialista franceses para primeiros professores, Bovey, Ferrand, Artur Thiré, este no fim da vida lecionando matematica com saber e bondade em cadeira do Colégio de Pedro 2.º

Contou a Escola de Minas com a cooperação de Orville Derby, tudo a contribuir para a formação de professores nacionais da especialidade, eles depois a darem de si até hoje brilhantes provas de competencia.

Sobrevem a Republica. Gorceix demite-se de Diretor da Escola. Vai a S. Paulo, torna á França, regressa ao Brasil em 1896 a chamado instante do governo mineiro, querendo confiar-lhe a organização do ensino agricola no Estado, ensino, segundo o convidado, "de escolas praticas e não fábricas de doutores em ciencias agricolas".

Finda a missão, Gorceix deixa definitivamente o Brasil. Em França eleito *maire* ou prefeito de Bujaleuf. No exercicio do cargo o surpreende a Grande Guerra. Desperta-se em Gorceix envelhecido o jovem soldado de 1870. Enfermo, quase sem vista, ainda assim, com todo o sacrificio e ao rigor do tempo, Gorceix fiscalisa diária e pessoalmente serviços de requisições militares.

Terminada a Guerra a enfermidade domina Gorceix, e a 6 de Setembro de 1819 ele expira, lucido, murmurando "vou descansar".

Por disposição de ultima vontade é sepultado no humilde cemitério do seu logarejo natal, no sólo da necrópole campesina outrora doado á municipalidade de Saint-Denis-des-Murs por Gorceix Pai.

No túmulo do filho nenhuma ostentação ou vaidade humana a contrariar o seu destino do pó biblico. A sepultura de Gorceix traz como coberta uma lage de granito brasileiro. Nela gravaram uma palavra. E' a homenagem da longinqua Escola de Minas de Ouro Preto. Para que mais?

Narrada em breve a vida de Gorceix, fecunda no e para o Brasil, seja lembrada a grande amizade saudosa e agradecida de Gorceix por D. Pedro II.

Para complemento do seu amor por Minas, Gorceix aí desposou D. Constança Beatriz Guimarães, de tradicional familia, filha do conselheiro Joaquim Caetano da Silva Guimarães, depois ministro do Supremo Tribunal de Justiça, e sobrinha de Bernardo Guimarães.

A uma filha do casal franco-brasileiro serviram de padrinhos o imperador e a imperatriz do Brasil. Já não existiam quando Gorceix morreu.

Então os antigos alunos da Escola, ao celebrar esta jubileu da fundação, colocaram em Ouro Preto o busto do Mestre, obtendo que o nome dele designasse uma estação

da estrada de ferro. Um daqueles discipulos foi Pandiá Calogeras, que tres vezes ministro tanto se notabilizou na pasta a Guerra.

D. Pedro II escrevia muito aos de sua estima, a correspondencia imperial com Gorceix numerosa. Dela um filho do mineralogista, Septimo Gorceix, trouxe a publico cartas de D. Pedro II dirigidas ao pai, ao qual bastantes vezes o imperador exprimia o desejo de trazer Pasteur ao Brasil.

A 7 de Junho de 1885, de Petrópolis, escrevia D. Pedro a Gorceix então em Paris:

"As suas cartas de 18 de Novembro e 4 de Dezembro muito me interessaram.

Espero a resposta de Pasteur á carta que lhe dirigi depois da sua partida, e farei quanto pudér para que ele venha. Receio sempre tocar na questão economic, esperando que sobre ela Pasteur se entenda com a legação brasileira.

Desejo o completo restabelecimento de sua saúde para em breve ter o prazer de revê-lo. Informe-se sempre de tudo quanto se faça sobre os minerais do Brasil. O estudo das monazitas será de suma importância para a ciencia".

A 31 de Janeiro de 1885, de S. Cristovão, dirigia-se D. Pedro a Gorceix, sempre insistindo pela vinda de Pasteur:

"Espero que o Snr. convença a familia de Pasteur da sua vinda. Na ultima carta que escrevi ao Snr. aludi ao ponto financeiro sempre tão delicado. Espero que Pasteur dele trate com a maior franqueza e a tempo de pedir ás Câmaras, abertas a 1.º de Março, a necessária autorisação."

De Petrópolis, a 19 de Fevereiro de 1885, D. Pedro insistia no assunto, epistolarmente:

"Estou sempre em anciosa espera de resposta definitiva de Pasteur. A boa estação do Rio de Janeiro aproxima-se. Fui ultimamente ao Museu. A coleção zoológica Herbert Smith, recolhida em Mato Grosso, teria encantado o padre David. Não sei porque tanto se receia vir recolher tantas preciosidades científicas no Brasil".

O empenho de trazer Pasteur ao Brasil era antigo em D. Pedro. Numa de suas cartas a Gorceix, em 1882, o imperador dizia "Compreendo ser cousa grave expôr. Pasteur á febre amarela, mas pode dizer-lhe que a sua viagem ao Brasil seria um grande acontecimento para o meu paiz, sem que eu lhe pudesse exprimir bastante minha satisfação".

Pasteur voltára estudos para investigações sobre a febre amarela. Conforme o seu autorizado biografo, Valéry Radot, em 1881, Pasteur fôra a Pauillac e daí a Bordéas, ai indo a bordo de navios nos quais se achavam amarilicos a fim de melhor observá-los o mal. Mas depois de 1885, no laboratório da sua ulm, Pasteur dedicou-se a descobrir o tratamento da raiva.

Privado da visita de Pasteur o imperador continuou a prezar Gorceix. Não podendo ter mestre, honrava-o cada vez mais no discipulo, Gorceix sempre e nsiderando tal em relação a Pasteur.

Saint Hilaire admirára Minas, Gorceix devia exaltar a terra mineira propugnando o levantamento da carta geologica de Minas, trabalho confiado á Escola de Ouro Preto em combinação com Orville Derby.

Não se limitava Gorceix a servir Minas só em Ouro Preto. Tinha do da pena escrevia á Academia das Ciencias de Paris relatando-lhe quanto ia descobrindo acerca de ouro, ferro e diamante.

Quem tanto estudára o sólo grego em Corinto, em Cós, e o sólo itali no em Santoria, com o mesmo afan se votou ao sólo mineiro, á preconisação de seus tesouros mineralogicos subterrâneos ou á flôr da terra.

Considerando quanto a decadencia segue a opulencia na terra de cupida exploração aurifera, escrevia Gorceix estas notáveis palavras sobre aquelas terras em Minas:

"Que lhes resta de tanta riqueza? Uma região desflorestada, excavações só á superficie e de todos os lados, cidades, decadentes, aldeias em ruínas onde só igrejas magnificas, algumas dignas de servir de grandes cathedrais em cidades da Europa, lembram a fé e a riqueza dos primitivos exploradores.

Mas não só com o ouro devem contar os habitantes de Minas para restituir á provincia o seu antigo esplendor. A natureza espalhou com profusão á superficie do sólo montanhas de minerio de ferro que aguardam o desenvolvimento da industria e das vias de comunicação a fundar desta vez de modo duradouro a prosperidade da região".

Gorceix dava no laboratório da Escola de Minas especiais cuidados a tudo quanto se referia á cristalisação do diamante. Nem a Gorceix faltavam tambem cuidados para o estudo das chamadas "terras raras" dos metais particularmente encontrados na monazita.

Nota Septimo Gorceix, o filho do grande estudioso, que a rocha monazitica contém quantidades variáveis de thórium, em média 4% nos cristais de jazidas no Brasil.

Os estudos de Gorceix sobre mineralogia nossa chegaram á Alemanha. Aí foram objecto de viva discussão, mormente por parte do professor Nuthmann de Munique. Análises ultteriores viéram comprovar o valôr das interpretações do considerado Gorceix, incapaz de afirmar, mesmo um pouco, sem têr estudado, verificado e reverificado muito.

Hoje, quando tanto se fala de metalurgia e siderurgia, o nome de Gorceix se mpõe á lembrança sobretudo de Minas. Não se esqueça esta, ou ao menos alguns não se esqueçam ter Gorceix a terra mineira por um coração de ouro num peito de ferro.

Esmeragolle Doria



O frio chegou, de mansinho, como quem não quer, mas querendo... Foi logo no dia 3 de Abril. Quarenta e oito horas antes, dir-se-ia que se tratava de um *bluff*, mas assim, no dia 3, não havia por onde escapar. Era frio, mesmo, desse gostoso, que o carioca recebe com tanta satisfação, depois daqueles dias de estufa que vão do Natal até fins da Quaresma. A bem dizer, não é ainda o Outono, mas uma amostra. As manhãs, ensolaradas, claras, cheias de luz, despejam no corpo da gente vontade e mais vontade de viver, de esquecer as tragédias cotidianas, de ir vêr si tudo continua na mesma, feliz, alegre, despreocupada, como antes daquele trágico Setembro de 39. E as damas elegantes cuidam de renovar o guarda-roupa, seu primeiro pensamento cada vez que a estação do ano vai operar qualquer mudança. Por isso, as páginas das revistas darão tréguas, muito breve, aos modelos de verão "para os dias quentes" e coisas semelhantes... Os *maillots*, os *shorts*, as *sungas*, tudo entrará em férias—porque a temperatura baixou, e madame e mademoiselle precisam de conhecer os últimos figurinos de agasalhos. Vêjam, como test, esse que está em cima. Último figurino de Nova-York, fornecido pela *International News*, com exclusividade para a REVISTA. Não se trata de um modelo cinematográfico, mas de um figurino que a própria Hollywood irá copiar, qualquer destes dias, num *Follies* qualquer coisa. E prepare-se, leitora amiga, porque de agora em diante vamos ter muita coisa desse estilo. Pelas duvidas, convém fazer um prévio balanço das finanças...

Mas o pior é si porventura Sua Excelência o Verão resolve voltar á ativa por mais algum tempo. Sendo assim, só ha um recurso — retomar os *maillots*.

E a praia, neste princípio gostoso de Outono, é ainda uma das poucas maravilhas que vida carioca nos reserva.

NOS BASTIDORES FEMININOS

por Wally



MODELO USADO PELA JOVEN JANE HESS, DA COLUMBIA, CONFECCIONADO COM CRAVOS BRANCOS DENTRE OS QUAIS SAEM, COMO MOLAS DESFEITAS, MOTIVOS EM CAUCHO VERDE SUAVE, E O COMPLETA UM VE'O CICLAMEN SOB O QUEIXO. CRAVOS ENFEITANDO AS MANGAS E A ESTAMPARIA DO VESTIDO PARA RECEPÇÕES.

JINX FALKENBURG E SUA MÃESINHA ESCOLHEM OS MOTIVOS MEXICANOS PARA UM GUARDA-ROUPA SENSACIONAL. ESTA FAZENDA ESCOLHIDA TEM COMO MOTIVO UMA CORRIDA DE TOUROS NA BLUSA E NA BARRA, DA SAIA. TUDO MUITO SIMPLES E ECONOMICO EM FACE DA GUERRA, MAS DE REAL EFEITO.



as Novidades

JANET MACKENZIE

Não obstante as vicissitudes da guerra, que crearam o vocabulo *War Time*, a imaginação fértil e viva da mulher traz dos seus reconditos escaninhos, sempre, qualquer cousa de novo, de leve, de belo e agradável, para amenisar, de algum modo, a marcha desesperada do homem pelas paragens da destruição.

O momento impõe a economia: em tudo ela obedece tacitamente à imposição, sem perder um átomo do seu encanto pessoal e de sua personalidade feminina.



LESLIE BROOKS, MODELO COLUMBIA, É QUEM MOSTRA O QUE AS ELEGANTES IRÃO USAR AINDA ESTE OUTONO. CHAPE'Ô DE PIQUÊ BRANCO PESPONTADO, GUARNECIDO DE FITA DE SETIM PRETO E MIRIADES DE BORBOLETAS DE RENDA. PRESTE ATENÇÃO À BORBOLETA QUE ESVOAÇA SOBRE O VE'U NO ROSTO E DIGA, DEPOIS, SI A BONITA "ESTRELA" NÃO LHE OFERECE ALGUMA COISA DE GRANDE EFEITO.

As estrelas do cinema são sempre os modelos preferidos; hoje a Columbia nos oferece sugestões lindas, chapéus que podem ser confeccionados por habéis mãos de fada de muita dona de casa. Um vestido de tafetá que já não está em uso pôde ser aproveitado, uma saia de piqué, estragada, também pôde fornecer aquele belo chapelinho branco, pespontado à máquina. Umas flores finas, um pedaço de véu original completam a confecção, dando-lhe um ótimo acabamento de efeito *chic*. E vence o engenho feminino o terrível racionamento enquadrando-se no *War Time*. Outra novidade que

de Hollywood

Hollywood está lançando através da Columbia é o guarda-roupa dessa beleza classica que é Jinx. Ela trouxe de sua viagem ao Mexico todas as cores do arco-iris e todas as sugestivas decorações de antigos Tltecas e Xilances como de modernos desenhistas. Os trajes são típicos com suas blusas rendadas, saias amplas enfeitadas de fitas, cadargos e bordados vistosos, como essa corrida de touros para um vestido amarelo de passeio.



ESTE ELEGANTE CHAPE'O EXIBIDO POR LESLIE BROOKS, MODELO COLUMBIA, E' UMA AMAVEL RECORDAÇÃO DO SE'CULO QUE SE FOI, EM TAFETA' PESPONTADO COM A ABA FRANZIDA, GUARNECIDO DE MARGARIDAS AFRICANAS EM CORES BRILHANTES. ELA USA UM VESTIDO ABERTO NA FRENTE EM FAILLE BEIGE COM BOTEOS COBERTOS QUASI A' ALTURA DOS OMBROS. A ABERTURA ENFEITADA COM CORDÃO TRANÇADO.

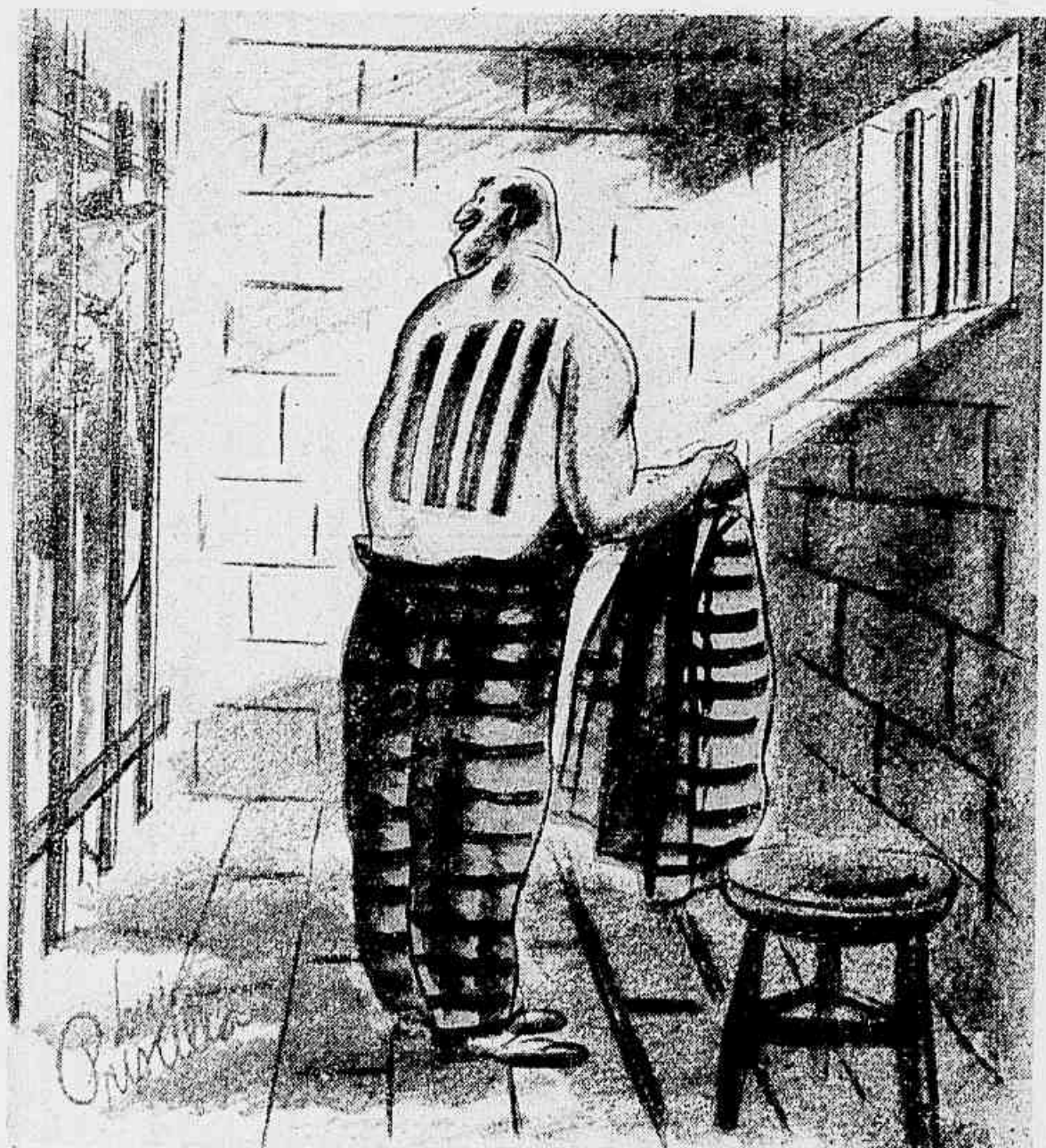
Esses típicos e coloridos vestidos de Miss Falkenburg estão fazendo uma concorrência enorme aos comodos e praticos jumpers, também muito juvenis e muito alegres. A hora que passa é triste, o cinza é a cor dos camouflages de guerra, o preto é o símbolo do luto e é preciso que uma nota de alegre colorido se interpenhe a essa monotonia — gama multiplicar das flores que foram pisadas pela bota do invasor, dos passaros asfixiados pelo fumo dos lança-chamas passaram a ser evocados encanteiramente nas toilettes da mulher heroica dos nossos dias.



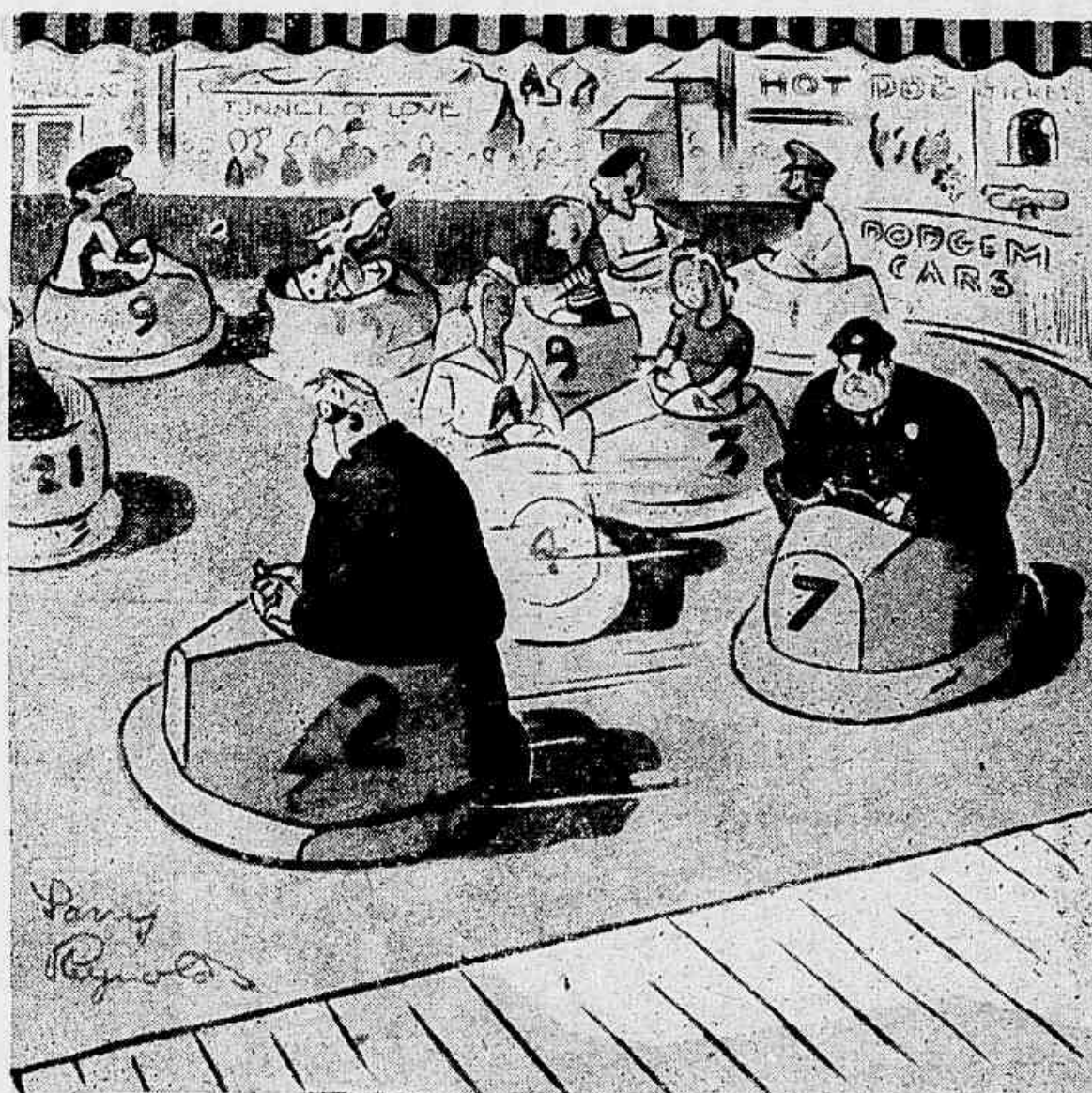
AINDA JINX FALKENBURG, DA COLUMBIA, E JULIA BARRIOS, A FIHA DE UM HUMILDE JARDINEIRO — EM TRAJES TÍPICOS DO MEXICO. O DE JINX E' AZUL E BRANCO. JULIA USA A DUPLICATA EM VERMELHO E BRANCO. OBSERVEM A DISCREÇÃO DAS ROUPAS E A MANEIRA GALANTE COMO A ESTRELA AS EXIBE

A MÃE DE JINX FALKENBURG E' MODISTA. ELA PODE TRANSFORMAR O VESTIDO DE BAILE DA FILHA EM TRAJE DE PASSEIO E REUNIÕES ELEGANTES. E' EM TAFETA' COM LISTAS DE SETIM, CORES VIVAS. NINGUEM DIRA' QUE TUDO FOI APROVEITADO...O ESSENCIAL, COM A GUERRA, E' OBTER O MELHOR EFEITO COM ECONOMIA.





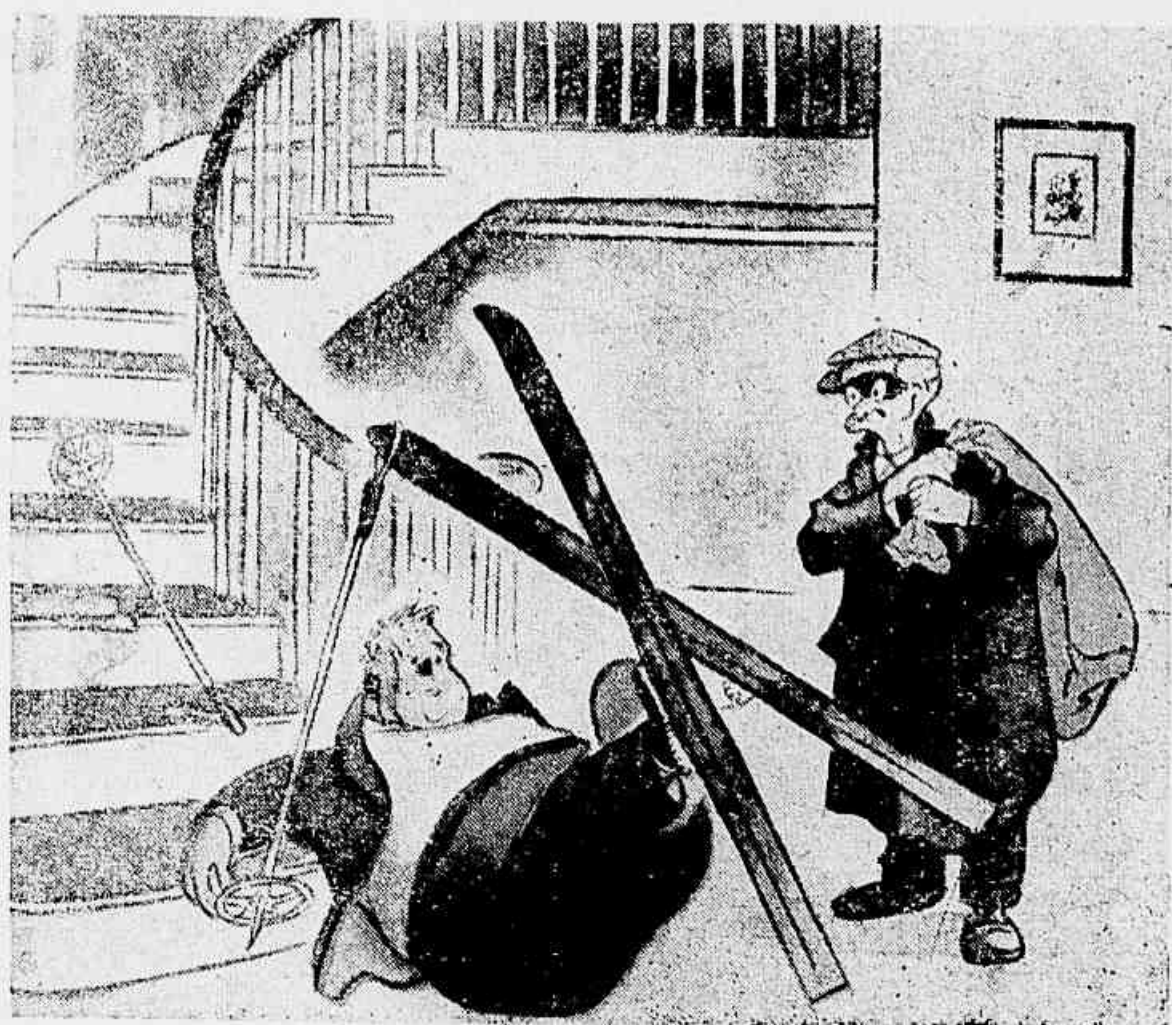
— Há muito não tomava o meu banho de sol.



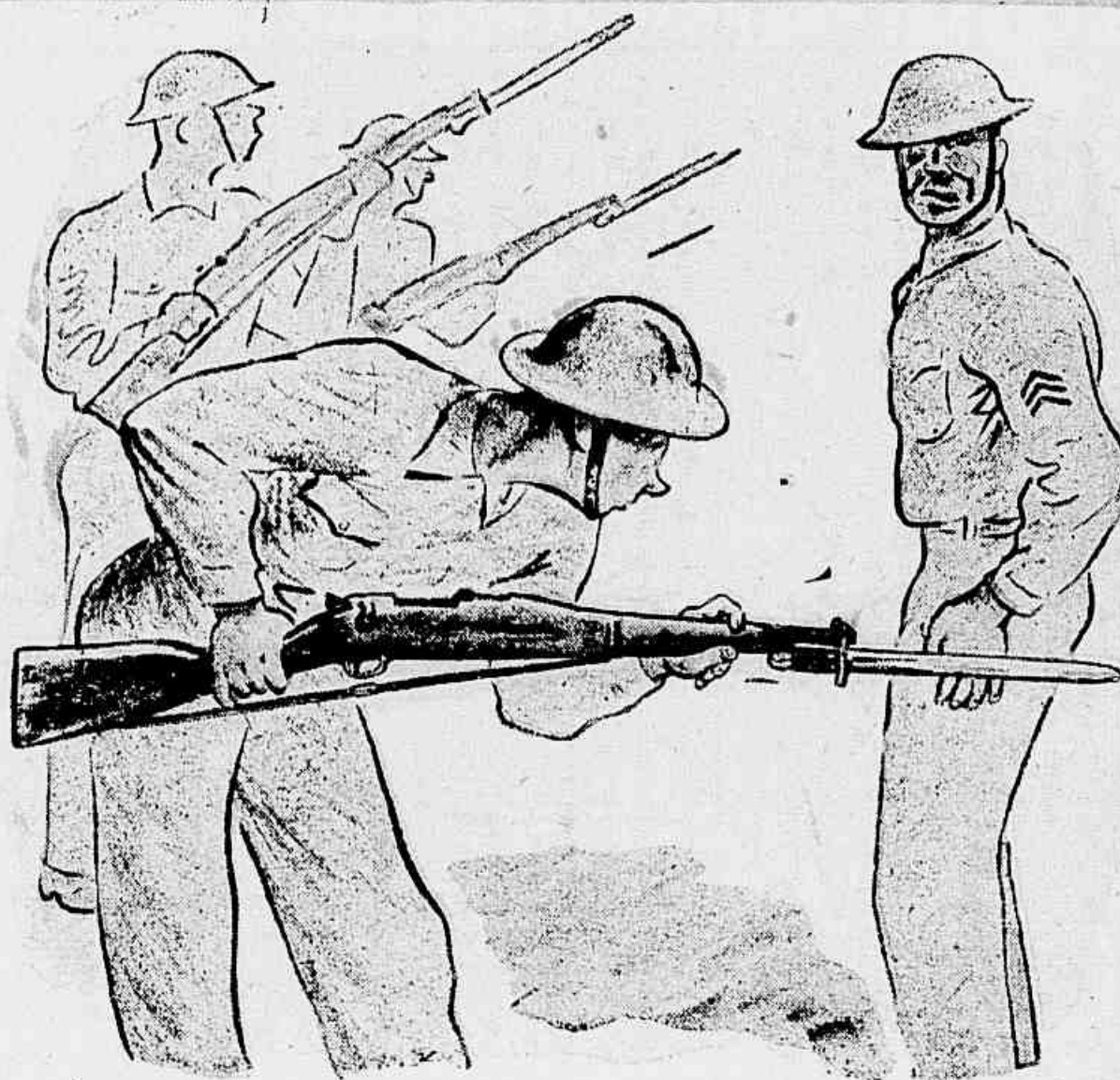
DE BOM HUMOR



— Calma, "seu" guarda, estamos apenas fazendo um filme.



— Por que não perdes essa mania de mexer nas coisas que não sabes manejar?



— Onde aprendeu você a segurar um fuzil dêste modo?

A CONTEECU NO RIO

O palacio do Ministério da Educação, que hoje se levanta, imponente e galhardo, nos antigos terrenos da Esplanada, é qualquer coisa de ultra-moderno, contribuindo para o acentuado típico do novo Rio, contemporaneo dos "arranha-céus" e das avenidas monumentais. A cidade esta' crescendo nos dois sentidos — horizontal e vertical — e agora, com os edificios mais arrojados da Esplanada, chega por vèzes a surpreender os proprios cariocas, quando por ali deixam de transitar alguns menses seguidos. Uma das características mais interessantes do novo "próprio" do Ministério da Educação e Saude consiste na novidade que apresentou dentro do ramo da arquitetura, com as esculturas que obedecem ao mais moderno e revolucionário sistema técnico e artistico, tal como se vê nas duas ilustrações desta página. Em outros tempos, quem poderia admitir que estatuas dessa naturêze se erguessem no coração da cidade, em praça publica e, ainda mais, prestigiadas por um departamento governamental da importancia desse Ministério? E, no entanto, elas ali estão, dando um aspecto pittoresco e provocando toda a sorte de comentários. O Rio de nossos dias é assim, o Rio dos painéis de Portinari, que também aparecem nesse palacio, e das simétricas paradoxais, disformes, quasi nebulosas... Mas os tempos vão mudando e o que hoje ainda pode surpreender amanhã constituirá apenas um detalhe marcante de uma época. A época das expressões surrealistas que hoje predominam.



Além dessas esculturas em granito, ainda existem outras, do mesmo estilo, adornando o palacio do Ministério da Educação, na Esplanada do Castelo.

O QUE SE DEVE evitar

DRA. SILVIA ROGER



Rosalind Russell e Brian Aherne da Columbia.

Meu amigo Rogerio:

Um numero de SÍNTESE do ano passado, creio que do mez de Abril, tráz uma adaptação sobre o assunto ao qual se refere sua carta. "E' você um bom marido?" etc. Afirimo-lhe, com a minha autoridade de mulher que colheu longa e farta mense de experiencia, que, si os conselhos d'aquella artigo são quasi todos justos, e, aliás, já bastante divulgados, a psicologia de quem os anotou, falha muito quando tenta explicar as razões por que deve o homem obedecer ao decalogo matrimonial epitomado naquela adaptação. Diz o escritor que a mulher fica satisfeita quando o marido a elogia diante de estranhos porque é vaidosa; mais adiante afirma que ela se deixa enganar pelas atenções do marido farrista, sentindo-se feliz por ingenuidade.

Mas não é bem isso. A vaidade natural na mulher pôde entrar na alegria que lhe dá o elogio do esposo, mas entra em dose minima. O que agrada à mulher e o que a faz desejar ansiosamente um esposo amavel e carinhoso, que lhe dispense atenções, é um sentimento muito semelhante ao que toca o coração do homem, quando ele tem no lar uma esposa carinhosa e sempre atenta aos seus gostos e até caprichos e manias. Haverá, amigo Rogerio, algum ser vivo e evoluido que não se sinta chocado e diminuido com a indiferença de uma creatura cujo convívio somos obrigados a suportar hora a hora, dia a dia, ano após ano? Veja que eu não falo já de *menosprezo*, mas apenas de *indiferença*.

Se ha carinho, zelo, cuidado, para objetos, cousas inanimadas apenas porque sua existencia está impregnada de uma recordação ou de uma saudade, porque ele pertenceu a alguém que presamos, e seus olhos o enfeitaram, suas mãos o tocaram; como manter-se alheia ao ser cuja alma um dia se debruçou sobre a nossa, aurindo-lhe emoções, dores e alegrias?

A delicadesa de sentimentos, o amor proprio humano, o residuo de romantismo, a necessidade de apoio e colaboração mútua para o garimpo da Felicidade, — essa vaga miragem erradica, — todo esse complexo caldeirão de sentimentos que estão nas células mesmas do ser que vive, ama e procria, são a causa e a razão dos entrechoques que ator-doam e atormentam o ser, quer o bruto, quer aquele creado á imagem de Deus.

Não acredite, meu amigo, que a mulher seja mesmo *ingenua* a ponto de crer na fidelidade integral do marido.

Se alguma existe é caso esporadico.

Essa mesma apregôada *Vaidade* feminina a livreria do *ridiculo* de afirmar categoricamente às amigas a fidelidade do marido; o que ela dirá, mesmo faltando à verdade é:

— "*Meu marido é um homem ideal, sei que ele me adora, e não dou importancia aos seus casos extraconjugaes; são fraquezas masculinas, são todos iguaes, o que eu quero é que ele me respeite, e ponha bem à margem da nossa vida conjugal essas suas distrações passageiras.*"

OUTRA DIRÁ: — *Considero-me a unica pois uma vez que meu marido m'o afirma tão convicadamente, é que as outras são meros passatempos. Todo homem é igual.*

Estes pequenos discursos femininos onde a frase diz: *Todo homem é igual*, vai direta às companheiras, compensa-a de murmurações, duvidas e intrigas.

O que se chama *ingenuidade* na mulher chama-se no homem, *boa fé*; o que se diz *vaidade* feminina, diz: *amor proprio* masculino. Como vê, meu amigo, é questão de malabarismo verbal.

Adote em sua casa a ordenação evangelica de Cristo: "Ama tua mulher como a ti mesmo e não lhe faças a ela aquilo que não queres que ela te faça".

No tempo do noivado você naturalmente, como todos os outros *amava sua noiva* mais que a *propria vida*, nada lhe custará hoje amá-la um pouco menos... procurando ser compreensivo e cavalheiresco, dispensando-lhe essas pequeninas atenções que são as moedas reaes com as quaes se compra a breve e esquivia Felicidade...

Copa e cosinha

Comer
corretamente



SEMPRE diziam os antigos que a educação de uma pessoa podia ser auferida pela maneira dela portar-se em uma igreja, na rua e na mesa; mas ainda hoje, mesmo com a decadência das boas maneiras, podemos afirmar que o velho conceito prevalece, para todos aqueles que vivem a vida com elevação e estesia.

Comer bem à mesa, saber servir-se, é cousa muito mais complexa do que se supõe em geral; por exemplo: Quando se termina de comer, mesmo nas pausas, não ponha a faca sobre a toalha, nem apoie a sua ponta na beira do prato; a maneira correta é pôr a faca quasi horizontalmente na borda do prato e o mesmo se fará com o garfo. O guardanapo é aberto sobre os joelhos, mas não de todo como se fosse um avental. A comida deve ser tirada dos pratos ou travessas com o talher apropriado e nunca *desprejada* para o seu, sujando-lhe as beiras, além do gesto ser muito desleal. Nunca se apoia os cotovelos na mesa, a não ser quando todos já terminaram e a conversação se generalisa.

Nunca se deve conversar e muito menos gesticular com o garfo ou a faca na mão.

A maneira correta de pegar a faca é no cabo, naturalmente com simplicidade mas sem apoiar o dedo na lâmina; o garfo também deve ser segurado só no cabo, mais para cima, do que junto ao corpo do objeto. A comida não deve ser misturada, ha pratos que de modo algum se misturam, mas se ha mais de uma especie no prato, v i-se misturando só o que o garfo pega. A faca deve ser sempre manejada com a mão direita. Nunca se deve servir em demasia para não deixar resto no prato. A faca em hipotese alguma vai à boca. Comer frutas é outro problema. A banana, por exemplo, pôde ser descascada servindo-se da faca, apenas para a casca, a fruta deve ser partida com o garfo, mesmo porque a faca lhe dá um desagradavel gosto metalico.

As laranjas em geral vão descascadas para a mesa; contudo, se forem inteiras, devem ser descascadas com o auxilio do garfo e da faca. As maçãs são bem lavadas quando se comam inteiras o que não se deve fazer na mesa. Ha assim uma infinidade de regras para a mesa e, si de fato a pessoa as conhece todas, pode considerar-se bem educada, isto é uma creatura que tem boas maneiras.



Um prato bem apresentado abre o apetite e dá uma agradável impressão sobre a dona da casa.

ALGUMA COUSA GOSTOSA E VITAMINADA

PÃO DE LARANJA

Descasque tres laranjas e tire-lhes toda a polpa que tem o rumo, livrando-as das peles e peluculas, ponha esta polpa numa vasilha, misture com uma chicara de açúcar, 1 colher de manteiga e leve ao fogo, acrescentando-lhe o sumo de 2 laranjas; retire logo que ferver, deixe esfriar um pouco e junte-lhe 2 ovos batidos, 1 pitada de sal, 1 colher grande de fermento, 5 chicharas (de chá) de farinha. Ponha sobre uma taboa enfarinhada e amasse cinco minutos, cubra com um pano limpo e deixe levedar, amasse novamente e dê a forma de pão, ponha na forma untada e, depois de ficar ali uns 10 minutos, leve ao forno moderado durante cinquenta minutos, deixe esfriar e passe gema por cima.

CREME DE LARANJA

Tire a polpa de 6 laranjas, ponha numa vasilha de vidro ou louça, junte 1 chicara de açúcar, 1 colherinha de canela e 1 maçã ralada. Ponha na geladeira, acrescente um cálice de licor e sirva com *chantilly*, batido com uma clara, açúcar e baunilha.

Morte em Changai

(Continuação da página 29)

Observado isso, ele entrou no quarto e viu logo uma das gavetas do armário aberta. Abriu as outras. Com um olhar rápido, que passou pelo quarto, certificou-se de que sua mala também fora revistada. O fecho estava meio solto...

Durante a sua ausência alguém revistara o quarto todo, rápida e eficientemente. Provas da precipitação do visitante eram os esquecimentos imperdoáveis, como a luz acesa e a gaveta entreaberta.

Examinou cuidadosamente as roupas, para verificar se faltava alguma coisa. Tudo em ordem: o dinheiro que deixara na carteira, no bolso da calça, os documentos que guardara no armário. Perto da máquina de escrever, onde ele o colocara, estava o relatório que acabara de redigir, antes de ir se deitar. E era estranho que alguém tivesse se arriscado tanto e tido tanto trabalho para ler aquilo, que passaria pela censura, de qualquer maneira.

Olhou para o guarda-roupa. Nada havia lá, a não ser um terno velho que não usava mais. Seria aquele o objetivo da busca? Impossível. Em todo o caso resolveu olhar.

La abriu a porta do guarda-roupa quando parou, de repente. Alguém estava lá dentro! E se mexera, batendo na madeira.

Quem seria?

A porta começou a abrir-se lentamente. Com um baque surdo, um corpo rolou para o chão.

— Meu Deus! — exclamou Macdonald. Aos seus pés jazia o cadáver de um japonês, vestido como um chinês.

Não podia haver dúvida quanto à nacionalidade. Macdonald aprendera a distingui-los.

Mudo, de olhos arregalados, ele olhou fixamente para o homem que se estirava no chão. O coração de Macdonald batia, agitado. Estava com medo. Por que não confessar? Por que ser hipócrita? Era medo o que sentia. E, ao mesmo tempo, enquanto tentava acalmar-se, ocorriam-lhe perguntas, que ele não podia responder. Interrogações enormes pareciam pairar à sua frente.

— Como?

— Quem?

— Por que?

Recobrando um pouco a calma, ele correu para o empregado do hotel que ainda estava no corredor.

Sem dar atenção à incredulidade do chinês, contou a descoberta horrorosa que fizera.

— Cadáver? Japonês? Mas isto é muito sério, sr. Macdonald.

— Eu sei que é sério, ora essa!

— Mas o senhor tem certeza de que...?

— ...que aconteceu mesmo? Claro que tenho certeza. O cadáver ainda está lá.

O chinês começava a se convencer.

— Mas isto é muito sério mesmo, repetiu. Precisamos avisar a polícia.

— E' lógico.

Juntos, voltaram ao quarto de Macdonald para examinar o cadáver. O bombardeio não cessara. No céu de Chapel distinguiu-se, com intervalos regulares, o clarão das bombas. Contaram o sucedido a dois soldados que passavam, e seguiram os quatro, guiados por Macdonald.

No corredor, a caminho do quarto, o chinês comentava a descoberta de Macdonald em voz baixa.

A porta estava fechada.

— Oh!

— Que há? — perguntou o chinês.

— E' a porta novamente! — respondeu Macdonald. Tenho a certeza de que a deixei aberta!

O empregado do hotel arregalou os olhos.

— Talvez o senhor esteja enganado — sugeriu, sem muita convicção.

Seguiu-se nova confabulação entre os chineses — o empregado do hotel e os dois soldados.

Macdonald estava impaciente. Queria saber o que acontecera. Dirigiu-se para a porta e abriu-a com dificuldade.

A lâmpada da mesa de cabeceira estava acesa. Só se via a perna do cadáver, percebendo-se também parte de uma túnica chinesa.

— Vejaml — disse Macdonald apontando. Não era mentira; aí está a prova.

Os chineses se aproximaram do corpo e um deles se ajoelhou ao lado da vítima.

No silêncio que se seguiu souou a voz aterrorizada do empregado do hotel.

— Que horror! isso... Como?! — debruçou-se sobre o corpo — O senhor não me disse que se tratava de um japonês?

— Claro que é um japonês. Usa roupas chinesas, mas é japonês. E você devia saber disso melhor do que eu. Então você não é capaz de distinguir um seu compatriota de...?

Parou, de repente, e ajoelhou-se, por sua vez, ao lado do cadáver. Houve uma pausa. O americano, surpreso, recusava-se a acreditar no que via.

— Não é este o cadáver! Este... este é um outro. O cadáver que eu descobri era de um japonês! Juro. Está bem aqui, onde está este agora, mas era outro! Este não é o homem que caiu de dentro do meu guarda-roupa!

Passou o lenço pelo rosto banhado de suor.

— Estarei louco?

Os soldados e o empregado do hotel olharam para ele como si esta fosse a sua opinião. Um homem que ia importuná-los no meio da noite, com uma história de japonês assassinado, e lhes mostrava o cadáver de um bom chinês, não poderia estar lúcido. Das duas uma: ou bebera de mais ou enlouquecera subitamente.

II

— Terrível, não é, querido?

Macdonald olhou para Ann e assentiu com a cabeça.

— Tremendo! Inacreditável! Mas garanto que vi o cadáver como a estou vendo agora. Estava lá, sim. A única dúvida é: por que estava lá? E o que é feito dele? Por que assassinaram o garçon e o puseram no meu quarto?...

A fisionomia do jornalista não escondia a dúvida e a intranquilidade que o torturavam.

Almoçavam no último andar do Hotel Ocidental, ao lado de uma janela, através da qual divisavam, ao longe, os enormes cruzadores cinzentos sob a luz ofuscante do sol.

Passageiras tréguas davam tempo aos chineses de respirar; porém, mais além, na direção de Chapel e Nantao, ainda prosseguia a batalha.

Macdonald fez um esforço e continuou:

— E' possível que um espião japonês estúpido tenha resolvido revistar o meu quarto e planejado aquela encenação: incêndio, etc. Há agentes inimigos espalhados pelo hotel, sei bem. E é costume deles andar pelos quartos dos hóspedes, tentando descobrir alguma coisa de útil, alguma informação preciosa. Quando eu estava no Japão isso acontecia quase todos os dias. Mas por que mataram-no no meu quarto? Não sei ao certo como o mataram. Estava muito perturbado e não examinei o cadáver. Mas por que trancaram o corpo no meu armário?! Não posso provar que a morte ocorreu durante o alarme de incêndio. Antes de me deitar não abri o guarda-roupa.

E' bem possível que o crime tenha tido lugar mais cedo. E quanto à substituição...

— A razão é simples, querido. Quem fez a substituição não pensou que você fosse capaz de distinguir um chinês de um japonês. A maioria dos americanos daqui não sabem. Agora querem que você acredite que se enganou, que nunca houve japonês nenhum no seu quarto e que toda essa complicação não passou de uma comuníssima tentativa de roubo, na qual não tomou parte nenhum japonês.

— Deve ser isso — concordou o rapaz. Em todo caso, ainda há uma dúvida. Quem matou o chinês? Será que eles querem que eu pense que algum hóspede de bom coração andou matando o ladrão que estava remexendo nas minhas coisas?

— Como foi morto o chinês?

— Apunhalado pelas costas.

— Bem, quanto a isso não há dúvidas. Você não anda metido em qualquer negócio de missão secreta ou coisa semelhante, não é?

— Quem? Eu? Qual! Você anda lendo livros de espionagem...

Um homem alto, fardado, aproximou-se da mesa deles. Macdonald levantou-se e saudou-o.

— Olá, Mac! Já sabe da última? — respondeu o outro.

(Continua na página 46)

A BELEZA E' OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feliz quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

O "tal" que não usa LIFEBOUY



Cuidado! Se as coisas não lhe correm bem, tudo pode ser devido a odores desagradáveis, que Você não sente, mas os outros sim! Comece a usar Lifebuoy, cujo elemento purificador especial...

ASSEGURA SEU ASSEIO CORPORAL!

LINTAS LHS 74-0354B

Trabalho Manual

TRABALHO DE ALTA "BRODERIE" PARA TOALHA

Bordado Colbert em linho azul celeste, e bainhas abertas, executado em linha de bordar brilhante C. B. em cruz n.º 3.

BARRA PARA TOALHA

Com este desenho poderá a leitora compôr uma barra para toalha semelhante a' do desenho, que é de muito efeito e muito delicada. Estão em moda as toalhas para chá em organdí. Esta, por exemplo, em organdí verde limão com as flores em vermelho tijolo e vermelho coral, com as folhas em verde esmeralda e verde limo, ficará linda. O trabalho é simples, demandando atenção e bom gosto na elaboração.



Cilada de Cupido

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 33)

Andavam devagar, admirando as exposições nas vitrines das lojas e Cristina, apoiando-se no braço de João Pedro, fazia comentários infantis sobre os objetos que estavam à venda. Ele contemplava-a, sorrindo.

Resolveram por fim entrar numa confeitaria que tinha boa aparência e ostentava na vitrine amostras tentadoras da arte culinária de seu dono.

João Pedro ouvia as novidades que Cristina lhe contava, e admirava o brilho dos seus olhos e o rubor das suas faces, que lhe davam uma frescura e um encanto especiais.

— Quantos anos você tem, Cristina?

— Você sabe muito bem. Tenho dezito.

De repente, uma nuvem de tristeza tornou sombrio o resto da manhã.

— João Pedro, quando é que você se vai embora?

— Não sei. Muito breve, provavelmente... Onde é que você vai passar o inverno?

— No campo. E você?

— Eu? Por aí. Com saudades de você.

A guerra... Ele teria que partir... Aproveitando os minutos que lhe restavam de liberdade, ela esquecera a guerra. Eram já cinco horas e eles tinham passado a tarde toda conversando, sem perceber a passagem do tempo.

— Ainda não são seis horas, disse Cristina. Você ainda tem tempo.

— Não tenho pressa.

— Ah! Eu pensei que você tivesse que voltar cedo.

— Não. Tenho todo o dia de folga.

— Que é que há, Cristina? Você calou-se de repente.

— Não foi nada. É que eu estou pensando na hora da despedida...

— Bobinha!

Quando, mais tarde, se separaram, ele tinha uma confissão a fazer, mas preferiu guardar aquele segredo. A divulgação não poderia causar bem nenhum; em troca, acarretaria sérios prejuízos para ele. Devia confessar? Pensou que não.

Escrevera duas cartas... A história vinha de longe. Durante as férias, as suas atenções mais assíduas tinham sido dedicadas a uma moça muito rica que possuía todo aquele traquejo social que a pobre Cristina nunca poderia adquirir, com sua simplicidade. Ele e a outra moça tinham flertado, durante quase todas as férias. Obtendo licença para fazer uma última viagem a Paris antes de partir, ele tivera a ideia de convidar o flirte do verão a passar umas horas agradáveis ao seu lado.

Mas acontece que estava preparando também uma carta para Cristina, cuja afeição por ele todos conheciam, inclusive o próprio João Pedro, tão transparente era a natureza da moça. O rapaz gostava, até, de brincar com os amigos, aludindo ao seu amor puro, de grandes olhos inocentes e ar de boneca.

Prontas as duas cartas e os dois envelopes, ele se enganara e colocara a carta de uma no envelope endereçado a outra e, assim, a carta cordial, que dirigira a Cristina, fôra para a outra e a de convite chegara às mãos de Cristina.

Na estação a moça beijou-o, no rosto. Quando ele se despediu, ela tinha lágrimas nos olhos.

No trem, a caminho do quartel, João Pedro lembrava a despedida e sentia-se mais forte, porque sabia agora que ia lutar por uma dama e que, terminada a luta, ela estaria a esperá-lo, com a recompensa. E o "blasé" dos cafés de Paris suspirou como um pagem medieval...

I CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA

Promovido pela Federação das Associações Comerciais do Brasil, de que é digno Presidente o nosso eminente patricio Sr. Dr. João Daudt de Oliveira, realizou-se no Rio de Janeiro, de 25 de Novembro a 18 de Dezembro de 1943, com o mais completo sucesso, o I Congresso Brasileiro de Economia, que foi, realmente, um dos maiores acontecimentos do ano próximo findo.

E, como era de esperar, acabam de



seu, agora publicados em volume oficialmente impresso, os Anais do mencionado Congresso, obra de inestimável valor, não somente para os congressistas mas também para o público em geral.

Quem percorre hoje as páginas de tão oportuna publicação tem uma ideia ainda mais nitida, porque dispõe de elementos concentrados para apreciar, do que foi o I Congresso Brasileiro de Economia e o real valor do magnífico cometimento.

Instituto Roentgen

Radioterapia Superficial e Profunda
DRS. ÁLVARO FORTES — FERNANDO AZZI
RUA BARÃO DE ITAPETINGA, 139
Salas 10, 11, 12 e 14 - Fone: 4-0394 -- São Paulo

NUMEROS ATRASADOS DESTA REVISTA NO RIO GRANDE DO NORTE

Pedir a LUIZ ROMÃO

AV. TAVARES DE LIRA, 48

NUMEROS ATRASADOS DESTA REVISTA NA BAHIA

Pedir a ALFREDO J. SOUSA

Rua do Colegio, 8 — Salvador

Noticiário Elegante

ANIVERSÁRIOS DA SEMANA

16 — Senhoras: D. Gilda Guiele, D. Laura dos Santos Amaral, Senhoritas: Léia e Lila Camargos, Miriam Maya Ferreira. Senhores: Dr. Pedro Lago, Carlos de Castell Branco, desembargador, Murilo, Garez, Cidas Barreto, dr. Ruyardo de Castro Pereira Rego, Guido Fontana.

17 — Senhoras: D. Alice Costa, D. Constança de Carvalho, D. Aurora Gutierrez Zorner, D. Maria da Penha Wenden. Senhores: Professor dr. Mario Bulhão, Dr. Francisco de Magalhães Castro, Dr. Urlano Pedro I. Sampaio, Dr. Alberto Marão Russel, coronel Onofre Muniz Guedes Lima, comandante Ari Parreiras, ministro Laudo de Camargo.

18 — Senhoras: D. Laura Cardoso, D. Judite de Albuquerque Ferreira, D. Laura Oaria L. Gô, D. Maximina Mazzotero, D. Belinha Leal. Senhoritas: Maria do Carmo Siqueira Ferreira, Odila de Paula e Silva, Lara Quirez, Clinda Grazaga Bezerra Cavalcanti. Senhores: Dr. Augusto Frederico Schmidt, Dr. Carlos Catta Preta, Francisco Gusmão, capitão de mar e guerra Fernando Christine, professor Hélio Gomes, general Azuleira Vilanova, Américo dos Santos Matos, professor René de Oliveira Paes, Jovet de Andrade.

19 — Senhoras: D. Augusta Leoni Ramos, D. Olga P. Checc, Viúva Elza Santos. Senhoritas: Nadyr Pinho Alves do Vale, Lucia Charnaux. Senhores: Dr. Vilomiro Magalhães, Arthur de Albuquerque Reis e Silva, Dr. Henrique Pereira, Antonio de Almeida Mathias, Dr. Metin de Alencar Netto, capitão Benedito Rangel Coutinho, Manuel José da Costa Pires.

20 — Senhoras: D. Arenaura Pompeu Monteiro. Senhoritas: Dilma Coelho



A senhorita Arlete da Silva Castro, da nossa sociedade, que acaba de concluir, com invulgar brilhantismo, o seu curso de humanidades no colegio Arte e Instrução.

Fernandes, Anita Landucci, Idalina Jorge, Meninas: Odilice Sousa, Rosa Abatepietro. Senhores: ministro Otavio Kelly, coronel Carlos Guimarães Cora, Dr. Raul Xavier, Dr. Carlos Foot Guimarães, Dr. Aristides Pereira Campos, Valdomiro Di Genari.

21 — Senhoras: D. Maria Prazeres Ramos, Gláucia Tavares de Souza, D. Maria Luiza do Amaral Peixoto, D. Diva Cesar Beni, D. Maria Sousa de Camargo Machado, D. Moura Brant de Carvalho Nogueira, D. Maria Eulina de Brito. Senhoritas: Maria de Lourdes de Araújo Lima, Cecé Gaspar, Idalina Jorge. Senhores: João Daniel, Antonio Henrique de Arruda Camargo, professor Celso de Araújo Camargo, comandante Norberto João Antunes Jorge, Guerino Alfieri, W. Idemar Buitone.

22 — Senhoras: D. Aurora Costa, Professora Elete da Silva Verissimo; Senhoritas: Leila e Epilila, Rieta Costa da Silva, Clélia de Moraes; Senhores: Dr. José Maria da Silva Rosa Junior, Capitão de Fragata Hugo P. Torres, Dr. José Carlos da Rocha, Cyro Cavalcanti Pereira, D. Olimário Correia de Albuquerque, Dr. Eduardo Jorge de Souza.



REALISOU-SE EM SÃO PAULO, NO DIA 19 DE FEVEREIRO, O ENLACE MATRIMONIAL DA STA. RUTH APARECIDA FRANCHINI, FILHA DE ANGELO FRANCHINI, JÁ FALECIDO E DE D. EGIDIA P. FRANCHINI, COM O DR. GUALTER GODINHO, ADVOGADO DO NOSSO FORO, FILHO DE JOÃO DE MATOS GODINHO JR. JÁ FALECIDO E DE D. MARIA DE SOUZA GODINHO. NA GRAVURA, OS NOBRES BRINDAM PELA FELICIDADE DO MATRIMÔNIO.



AUMENTA dia a dia a tendência feminina de criar uma moda independente de modelos pré-estabelecidos, adaptando-a às necessidades e circunstâncias da época. Já aventaram até a ideia de abolir ou substituir o vestido de noiva, o romântico traje nupcial cujo símbolo mo pulcro os tempos e os costumes ajudavam a enobrecer e se perpetuar. O ato hoje tornou banal e até de duração invariável, e mo qualquer outro contrato, está a requerer algo de mais simples e mais prático.

Na América latina também já se nota uma acentuada tendência a nacionalizar a moda, harmonizando-a mais com as variantes do clima e dos costumes. Ultimamente realizou-se na Argentina uma festa de caridade, com um maravilhoso desfile de modelos, muitos dos quais foram idealizados e desenhados por damas da aristocrática sociedade portenha e por elas mesmas mostrados.

Ali, embora a nação não esteja em guerra, a falta de tudo o que dantes sobrava é um fato palpável e material, e por isso a mulher vai se acomodando à nova ordem e provando bastar-se a si mesma, quando mais não seja sinão por snobismo, imitando a mulher americana do norte; contudo as vantagens aí ficam para todas.

O trabalho manual vai se reabilitando, está sendo mais organizado e também, consequentemente, mais valorizado pela falta de máquinas, uma vez que estas são empregadas no esforço de guerra.

Adapta-se o traje à época; e isso é um gesto de inteligência, pois não se poderia harmonizar um amplo vestido de chiffon em estilo com os passos epilépticos de um swing ou os tremeliques de uma rumba ou uma conga.

As roupas modernas são vulgares, de cores sóbrias; há detalhes interessantes e mo os enormes bolsos em feições variados, onde tanto cabe uma muda de roupa como o lanche.

Os jumpers têm uma preferência mte para os dias de verão e as saídas ligeiras ou as praias. Originais saias-aventais, que se prestam a interessantes arranjos e que podem ser usados com uma blusinha por dentro ou mesmo sem ela.

As bolsas são grandes para que nelas caibam os embrulhos, pois ninguém se atreveria a pedir que os levassem a casa, quando os braços são tão necessários para afazeres mais sérios e urgentes.

1 — DE LINHA DISTINTA É ESTE VESTIDO EM CREPE NEGRO PESADO COM BORDADOS EM OURO, VERDE E VERMELHO AO REDOR DA GOLA, E NO BOLSO FRANJAS DAS MESMAS CORES. 2 — MODELO DE ALTA COSTURA EM MAROCAIN; É DRAPEADO NAS CADEIRAS; OS BOTÕES SÃO DE STRASS. UMA ECHARPE CORTADA DA BLUSA SERVE DE MANTILHA OU DE ECHARPE MESMO. 3 — VESTIDO DE BAILE EM MUSSELINA, AS BRETILLES SÃO DE PEROLAS E PEDRAS DE VARIAS CORES. 4 — VESTIDO AZUL TURQUEZA DE LINHA SIMPLES, TENDO UMA FAIXA EM VERMELHO CORAL COM FRANJAS. 5 — VESTIDO DE FAILLE FÚCSIA, COM A PARTE ALTA DA BLUSA E DA SAIA COM UMA RENDA DE FILO BORDADA A SEDA, PEROLAS E STRASS DA MESMA COR. 6 — VESTIDO ELEGANTÍSSIMO EM SETIM PRETO,

BOTÕES DE AZEVICHE E CINTO DE PAILLETE. 7 — VESTIDO DE LINHO OU SHANTUNG COM NERVURAS FORMANDO ENFEITES GEOMÉTRICOS NA MANGA E FRENTE. 8 — VESTIDO PRETO PARA CERIMONIA, COM PLASTRON BRANCO E BORDADOS DE LANTEJOLAS. 9 — ELEGANTE VESTIDO ENFEITADO COM ROULOUTE DA MESMA FAZENDA, COM BORLAS. 10 — MODELO EM CREPE DE SEDA, ENFEITADO COM SETIM DE OUTRA COR, BOTÕES DE SETIM. 11 — VESTIDO DE SEDA MATE DE FEITIO ORIGINAL, COM FRANZIDOS NA FRENTE E UN JABOT FORMADO DO PANO DA FRENTE. 12 — BONITO VESTIDO DE CREPE VERDE AVIAÇÃO COM LAÇOS BORDADOS.

e Modas diferentes

A obediência e a falta de vaidade são duas grandes virtudes que o povo americano está praticando cada dia melhor.

Diz uma cronista que, apenas instalada no paiz a "consciência da guerra" se procede de maneira a criar "a consciência da paz".

Uma grande casa de Nova-York expõe em suas enormes vitrines paragrafos do famoso livro de Benjamin Franklin escrito ha quase dois seculos. Milhares de pessoas de todas as classes sociais se agrupam ali a lêr, decorar e copiar aquele "Pater" civico. Algumas sentenças dizem:

"Si quer você ter um criado fiel e honrado, que lhe agrade, sirva-se a si mesmo".

"Tem alguma coisa para fazer amanhã? Pois faça-o agora mesmo".

"Tirando comida da panela sem repô-la, breve chega-se ao fundo".

"Si você hoje compra o que não precisa, estará amanhã vendendo o que precisa".

"Seja trabalhador, industrioso e livre. Seja economico, frugal e livre". etc.

O povo da America livre, diz um comentarista, é disciplinado e ingenuo, o que o torna sadio e bom tendo a felicidade ainda de ser governado por homens igualmente sadios e igualmente honrados.

A mulher, naturalmente entrosada ao ritmo da vida de seu paiz, vive com o coração, tanto quanto com a sua inteligencia clara e admiravel senso pratico. Ela, no desejo de concorrer para o fim da tragedia que lhe enluta o lar, procura cooperar em tudo o que é trabalho pesado, como em todos os detalhes minimos que servem para mover o grande maquinismo da paz, cuja engrenagem tem de conservar-se perfeita até no menor de seus parafusos.





Dois gemecos
INSEPARAVEIS
NOS BRINQUEDOS,
NAS MANHAS E NO
USO DO
TALCO LADY

As crianças gostam e os adultos preferem, após o banho, o Talco Lady, como complemento necessário à higiene da pele, nos dias quentes para refrescar e perfumar o corpo.



TALCO
Lady
REFRESCANTE * BÓRICO * PERFUMADO
À VENDA EM TODO O BRASIL

Alívio Imediato Para a Eczema. — As Mais Obstinadas Erupções Combatidas Em Pouco Tempo

Se a sua pele está sempre sob os olhares das outras pessoas, é portanto essencial para a sua boa aparência, uma pele perfeita, livre de irritações ou inflamações, vermelhidões, etc. Se V. notar um ardor constante em sua pele, coceiras ou tumescências que se transformam em escamas esbranquiçadas, deve procurar imediatamente alívio eficaz e seguro, porque esses sintomas são causados pelas eczemas e psoríases — as mais obstinadas e rebeldes moléstias da pele.

Numa clínica de pele de um grande hospital, foi descoberto um novo e moderno tratamento científico: o emprego de BELZEMA, para eczemas obstinadas, psoríases, erupções da pele, coceiras rebeldes, etc.

BELZEMA é uma nova forma de pomada, não gordurosa, que penetra na

pele para combater diretamente a causa do mal. BELZEMA faz cessar as coceiras imediatamente, não é visível nem sentida quando aplicada. BELZEMA não mancha a roupa e não requer ataduras.

Em alguns casos de doenças da pele já muito antigas, BELZEMA foi aplicada e as coceiras cessaram imediatamente, e em pouco tempo a pele tornou-se limpa e nova.

Use BELZEMA hoje ainda e sentirá alívio. Continue a usar BELZEMA até sua pele tornar-se novamente limpa e macia.

BELZEMA

Morte em Changai

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 41)

— Não. Que é que há? Alguma nova batalha de importância? Alguma boa notícia?

— Má notícia. Eu não devia contar a você isso. Mas, em todo caso, muito breve todos saberão a verdade, de modo que não adianta esconder. O'Donnell foi assassinado.

— O'Donnell? Quem é esse camarada? Não me lembro de ter ouvido falar nele... Oh! Você se refere ao...

— Exatamente. O homem que se dedicou ao estudo dos orientais e tinha mais influência na China e no Japão do que os governos inglês e americano reunidos.

— Puxa vida! — exclamou Macedo-

nald. — Vou telegrafar imediatamente para Nova York. — Consultando o relógio de pulso, ele calculou o tempo que levaria o telegrama para chegar. — Mas, conte mais alguma coisa, Tyler, você não sabe quem...

— Foi ontem à noite, no quarto que ele ocupava no Hotel Soochow, informou o capitão Tyler.

Macedonald pulou na cadeira. Ann não escondeu a sua surpresa.

— Mas o Hotel Soochow é onde estou hospedado — disse, por fim, o americano. — Não sabia que O'Donnell estava hospedado lá. Meu Deus! Ann, você não vê como tudo agora fica simples e compreensível?

— Eu nem me lembrei que era o hotel em que você está hospedado — disse

(CONTINUA NA PAG. SEGUINTE)

DULCINA

D U L C I N A

O acontecimento legítimo, expressivo e muito confortável deste princípio de temporada foi registado pelos espetáculos de *Cesar e Cleopatra*, no Municipal. Quando esta edição circular, outra peça deve estar em cartaz e dela falaremos oportunamente, mas o que importa em reconhecer, neste momento, é a vitória já agora indiscutível e muito animadora desse empreendimento, lançado em meio a tantas dúvidas e incertezas. Dividem-se as opiniões antecipadas, antes da noite da estréia, existindo os que admitiam um sucesso para a versão brasileira da peça de Bernard Shaw e os que encaravam com muita prevenção, e forte dose de cépticismo e ironia, essa iniciativa de arte. Os primeiros ficaram á vontade para bater palmas ao espetáculo de arte que o Municipal lhes proporcionou, e os outros tiveram de curvar-se ante a evidência dos fatos. Odilon, em *Cesar*, excedeu as melhores expectativas. Nos intervalos ouviam-se frases assim — "Quem havia de dizer! Está magnífico!" E Dulcina refletia-se nos menores detalhes do espetáculo, desde que tudo aquilo recebia o influxo do seu talento e do seu mérito. Anunciado que cada peça ficaria em cartaz apenas meia semana, *Cesar e Cleopatra*, estendeu-se por muitos mais dias. E a cidade ganhou mais uma fila — a dos espectadores comprando ingressos para os espetáculos da semana inteira Triunfo mais completo não se podia esperar.

Que é feito de Dercy Gonçalves?



Dercy Gonçalves.

cinema e até no rádio, ela atuou. Se lhe escassearam arimadores desinteressados, lamenta-se e regista-se, pois o teatro popular brasileiro não tem, também, reservas artísticas e essa seria interessante. O mal nesse setor está na ambição desmedida em atender o estrelato e talvez se quizesse fazer de uma artista nova, ainda no prelúdio de uma carreira satisfatória, o que ela por enquanto não podia ser: "estrela". Outrora, as "estrelas" faziam-se com perseverança, talento e amor ao trabalho. E agora?

VOCE SABIA QUE ...

...Raul Roulien, em criança, fez parte de uma companhia infantil cuja primeira figura masculina era seu irmão Pêpe e que chegou a atuar no velho Pathé ao lado do "Jornal do Brasil", hoje demolido?

...Carmen Miranda fez uma tentativa, fracassada, de artista de revista, no Teatro João Caetano? Quem diria, então, que ela se tornasse a famosa "estrela" de Hollywood!

...o casal Plácido e Cordelia Ferreira tem um filho, já homem, de nome Leopoldo, cujo padrinho era o saudoso ator Leopoldo Fróes?

...Beatriz Costa, no ano de 1921, já vinha ao Brasil estrelando companhias portuguesas de revista que trabalhavam no Teatro Republica?

...o Glória, hoje novamente teatro, foi inaugurado com uma companhia de revistas, a Trolólo, organizada pelo falecido Zeca do Patrocínio Filho, com Jardel Jercolis e Luiz de Barros, cuja peça de estréia, "Fôra do Sério", fôra escrita por Humberto de Campos?

Nosso teatro popular também se resente da falta de valores novos. As "estrelas" de revista são hoje, quasi as mesmas de há quinze anos passados quando Araci Côrtes, Margarida Max e Alda Garrido já pontificavam. Neste momento, assistimos a um razoável aproveitamento de Alda no gênero comédia, ao lado de Cazarré, que no-la deu interessante, moderada, mais ou menos discreta, na peça argentina "Das 5 às 7", traduzida e adaptada por Joraci Camargo. Araci e Margarida estão afastadas, temporaria ou definitivamente, não sabemos, e as "estrelas" que passam pelos palcos do Recreio e Carlos Gomes, para não falar no João Caetano onde Beatriz Costa instalou seu reduto quasi definitivo, por enquanto não alcançaram prenúncios de uma popularidade estabilizada, a maneira dessas acima referidas. No gênero excêntrico, uma atriz surgiu, tempos atrás, com certos predicados para se impôr: Dercy Gonçalves. Mas parece que sua carreira foi interrompida, ignoramos os motivos, quando o público dava para se acostumar aos seus processos de comicidade, por vezes exagerados embora muito aproveitáveis. Também no cinema essa artista fez algumas incursões, ainda pior aproveitadas, mas revelando penhor que, em mãos de um diretor de mérito, resultariam em uma eficiência artística louvável. É caso para indagar: por onde anda Dercy Gonçalves. No teatro, no

RÁDIO

Gente de rádio no palco

Por muito tempo, o rádio foi buscar ao teatro alguns de seus valores mais apreciáveis. São sem conta os artistas de ambos os sexos que o palco tem cedido ao seu suposto inimigo — Cordelia, Plácido, Amelia de Oliveira, Paulo Gracindo, Edmundo Maia, Ismenia, Barbosa Junior, Olavo de Barros, para citar os primeiros que nos acodem á memoria — e todos correspondem admiravelmente às expectativas. Parece, agora, que chegou o momento do rádio retribuir esse benefício, dando ou emprestando ao teatro gente nova e bem aproveitável. Luiz Tito foi uma surpresa, uma agradável surpresa em *Cesar e Cleopatra*, onde outros elementos mais novos de rádio-teatro também apareceram. Lidia Matos vai fazer o papel de Alegria em *Comedia do Coração*, que o Municipal deve apresentar breve. Fala-se que Simone Moraes desempenhará um papel de certo relêvo na companhia Déa-Cazarré. E outros valores moços, insofismáveis do *broadcasting* começam a fazer incursões sobre as táboas. Isso quer dizer muita coisa. Por exemplo: que o rádio, longe de prejudicar o teatro, antes o favorece, até porque os ouvintes, interessados em conhecer melhor aqueles que lhe agradam pelo receptor, acorrem aos teatros onde eles aparecem. Prova ainda que rádio e teatro podem confraternizar e permutarem-se valores reais. Não esquecendo que os dois nomes de maior evidencia, no teatro, neste instante, Dulcina e Odilon, fizeram, em 43, duas excelentes atuações de rádio-teatro, na Mayrink.

O que não ha: humoristas

Em todos os tempos, o rádio brasileiro foi precário de humoristas. Os que existem, com raríssimas exceções, não merecem esse adjetivo, pois fazem tudo, diante do microfone, menos bom humor. Será' faltar á verdade afirmar, por exemplo, que Lauro Borges não seja um bom humorista de rádio, embora tenha iniciado sua carreira na qualidade de cantor de tangos... Um dia descobriu que sua vocação real era para fazer rir. E continua divertindo, com inteligência e espírito sacio, o seu público, principalmente nos programas "P R K 20", com Castro Barbosa, e as "Piadas do Manduca". Barbosa Junior é um bom animador de programas radiofônicos, mas não, propriamente, um humorista. Silvino Neto, cuja popularidade tem decrescido nestes últimos tempos, faz rir, de fato, mas também não merece aquela classificação, no sentido mais elevado. O mal está, certamente, na circunstancia de não contratarem as nossas emissoras redatores especializados na matéria. Imaginemos o que seria um programa humorístico redigido por Aperely e apresentado por qualquer desses nomes já mencionados ou ainda por outros cujos predicados seriam então de absoluta eficiência! Mas o rádio não paga o suficiente para animar um Barão de Itararé a redigir quinze ou trinta minutos de bom humor para os ouvintes... E' pena.

Alvaro Moreyra continua apresentando, na Cruzeiro do Sul, "Era isso que eu queria dizer", uma crônica semanal cujo único defeito é o de não ser suficientemente anunciada. E bem merecia!

A professora Magda da Gama Oliveira voltou a assinar sua excelente crônica radiofônica no "Diário de Notícias". Os leitores sentiam a falta...

Cesa, Ladeira esta' de malas prontas para excursionar ao Norte, este mês, onde apresentará alguns programas em Recife e Fortaleza.

Fala-se em grandes modificações na alta direção de uma das nossas principais emissoras.

A Tupi anunciou que Ari Barroso não ficara' em Hollywood, pois ainda este mês deve regressar ao Rio, aqui reencetando suas atividades naquela estação. Mas em Hollywood fara' a partitura de um filme de Carmen na Fox. Antes ou depois de vir ao Brasil?

Almirante apresentou, na Nacional, com Bueno Machado, um divertido programa sobre o lançamento do charleston no Brasil.

E as novelas? Este ano, estão longe de despertar o mesmo entusiasmo delirante do ano passado. Entraram para os programas rotineiros das nossas grandes emissoras, mas não constituem mais aquele sucesso contagioso. Tudo cança.

Luiz Ayala revelou-se um "speaker" popular e trepidante, na apresentação do "Trem da Alegria", no João Caetano, para a Mayrink. Ninguém esperava que o rapazinho, tão modesto, soubesse fazer graça "metendo carvão na fornalha do trem"...



Silvino Neto na Pimpinela.

É ASSIM QUE VOCÊ ESCOLHE?

por Augusto Rodrigues



-SERVE UM BEM BARATINHO!

Não! Não inicie a liquidação das suas gengivas. Você pagaria milhões para tê-las rosadas e saudáveis. Isto lhe sai mais barato, usando Lever S.R.

-SERVE UM BEM GOSTOSO!



Não! Pão de mel, só na confeitaria! Nele, gosto é tudo. Mas um bom dentífrico deve unir ao sabor o poder de proteger os dentes. Lever S.R. tem ambos.



-SERVE QUALQUER UM!

Não! Pegar "qualquer" bonde é correr risco de tomar o errado! Assim, também, na escolha do seu dentífrico. Para garantir um sorriso lindo, peça Lever S.R.



CONTAS SR 106-0100

-Eu uso
**Lever
S.R.**

É ASSIM QUE SE ESCOLHE!

Que dentífrico completo! E' refrescante, gostoso e econômico! E não é só: tem Sódio-Ricinoleato, o poderoso elemento que assegura a saúde das gengivas, mantendo os dentes fortes e bonitos. Eis porque Lever S.R. mantém dentes *brancos*... mantém os dentes!

MANTÉM DENTES BRANCOS... MANTÉM OS DENTES!

MODELO 1944!

Colchão
VENTILADO DE MOLAS
DESMONTAVEL

HOLLYWOOD

SÃO PAULO
CON: CRISPINIANO, 12
TEL: 4-8009

RIO DE JANEIRO
OUVIDOR Nº 59
TEL: 43-7134

MORTE EM CHANGAI

Tyler. — Mas essas coisas se espalham logo. Você não soube de nada? Não houve nada lá, ontem à noite?

— Ontem à noite houve muita coisa

por lá. Primeiro um incêndio, depois um assassinato. Um japonês foi morto e em seguida substituíram o cadáver pelo de um chinês. Agora, por que me envolve-

(CONTINUA NA PAG. SEGUINTE)

ram nisso é que eu não entendo. Afinal de contas eu não passo de um reporter. Por que matar o homem no meu quarto?

— Mas é o seu nome! — exclamou a moça. — Macdonald e O'Donnell! Confundiram os nomes e foram ao seu quarto primeiro; depois, verificando o engano, foram ao quarto de O'Donnell e mataram-no.

— Você deve ter razão.

— Si não é muito inconveniente, podia fazer o favor de me explicar o que é que vocês estão discutindo?

Macdonald contou ao capitão o que ocorrera na véspera.

— Nem sei como você escapou, querido — disse Ann.

O capitão assentiu.

— Miss Garrick tem toda a razão. Você esteve perto da morte ontem à noite... Compreende o que tudo isto signi-

ra e espionagem. Morte por todos os lados e a toda a hora.

— Espero-o aqui — disse Ann. — Não se preocupe. Ninguém me vai molestar.

Enganava-se. E muito breve teria a prova disso.

III

Ann viu o namorado se afastar, acompanhado pelo capitão, e, quando eles tomaram o elevador, chamou o garçon e pediu um chá. Enquanto saboreava a bebida, passou os olhos numas revistas e jornais velhos. Breve, porém, cansou-se disto, e acendeu um cigarro. Olhou em torno. Ninguém conhecido. Pôs-se a pensar.

O risco que Macdonald corria assustara-a. Temia por ele. O rapaz, recém-chegado à China, pensava que o simples fato de ser cidadão de uma nação neutra o resguardava de todos os perigos. Ann conhecia o Oriente muito bem. Sabia que Macdonald estava redondamente enganado. Havia perigo e muito. Especialmente agora que ele se envolvia naquela história de espionagem e morte.

Nesse momento entrou na sala um homem que ela conhecia. Era um dos oficiais do exército japonês de ocupação.

— Que prazer! Que grande honra. Senhorita Garrick!

— Como vai?

— Lembra-se, então, de mim? — disse o major Kanaya.

— Lembro-me perfeitamente, major. Dansamos juntos num jantar na Embaixada, em outros tempos.

— Outros tempos?

— Antes da guerra.

— E' verdade. E' verdade. Dois anos somente; entretanto, quantos acontecimentos nesse interim!

— E' a minha vez de concordar, major.

O japonês demonstrou surpresa, mas Ann não se prontificou a esclarecer a alusão.

— Quer dar-me a honra de tomar uma xícara de chá, comigo, senhorita?

— Obrigada. Acabo de tomar agora mesmo. Espero um... um amigo.

— Um amigo... Ah, sim! Talvez o jovem e talentoso sr. Macdonald, hein? Pois vi-o sair do hotel agora mesmo. Esses jornalistas! Não tem — como direi? — a noção de responsabilidade. Desconhecem a ética. Ouvem, por acaso, uma história e, esquecendo deveres e obrigações, vão telegrafá-la para que o público faminto de sensação saiba de mais um escândalo. Mas o sr. Macdonald é muito distinto. Muito distinto. Conheço-o bem. Somos ótimos amigos.

Ann sabia muito bem o que o japonês queria descobrir: a razão da visita de Macdonald ao telégrafo.

— É. Eu também gosto muito dele — respondeu a moça, fazendo-se de de-

sentendida. — Estávamos almoçando juntos quando ele, de repente, pediu desculpas e retirou-se. Não sei o que foi fazer...

— Quem sabe? Correm rumores de que... Mas são invenções de ociosos, é claro. Que relação pode isso ter com a notícia importante que o nosso maior jornalista teve tanta pressa em comunicar? — Não sei o que foi. Talvez ele não confie em mim e, por isso, não me tenha dito nada.

O sorriso do major não deixava dúvidas quanto à sua incredulidade.

— Impossível!

Ann encolheu os ombros. O japonês resignou-se, pelo menos temporariamente.

— Sinto muito não poder ter o prazer de lhe oferecer uma xícara de chá. Mas espero que, em outra ocasião...

— Sem dúvida, major.

— Passe bem, senhorita.

— Obrigada, major. Passe bem.

Ann esperou que o japonês se afastasse e levantou-se. Na portaria assinou o livro e tomou um quarto. A sala estava ficando muito perigosa com aqueles japoneses fazendo perguntas. Ficaria mais à vontade num quarto. Deixou ordem para ser chamada assim que Macdonald chegasse.

O quarto que lhe deram ficava no quinto andar.

Mal se instalara lá, bateram à porta.

— Limpeza, senhorita — disse o empregado quando ela foi abrir.

— Limpeza? Mas o quarto está limpo!

Ann lembrou-se, então, de que era inútil discutir com um empregado de hotel orinetal. Si ele acha que tem que fazer o serviço na hora mais inconveniente, não há meios de impedi-lo. Resolveu ver-se livre do homenzinho, de uma vez por todas.

— Pois bem. Pode fazer o seu serviço.

Fumando, ela olhava-o. De repente, reparou numa coisa. Não. Era impossível. Impossível por que? Não havia dúvida. Sabia bem de quem se tratava. O homem trabalhava silenciosamente, enquanto ela pensava, sem dar atenção ao que ele fazia.

Acabado o serviço, ele já ia retirar-se quando ela disse.

— Não vai varrer o chão? Insisto que varra o chão.

Ele obedeceu. Ia guardar a vassoura, depois, mas ela o interrompeu.

— Tome. Eis aqui uma gorgela para o senhor, capitão Takahashi.

O sorriso que se esboçou nos lábios do japonês, ao ver-se desmascarado, transformou-se numa careta horrenda. Aproximou-se lentamente da moça.

O revólver. O presente de Macdonald estava debaixo do travesseiro, onde ela o escondera. O japonês se aproximava. Ela gritou.

— Pare ou eu atiro!

Ele riu.

Macdonald ia se aproximando do quarto da moça, para dizer-lhe que tudo fora resolvido satisfatoriamente, e levá-la para casa, quando ouviu uma detonação. Correu.

LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA A PARTE

De pé, no meio do quarto, com um revólver fumegante na mão, estava Ann Garrick.

IV

— Takahashi? Este é o capitão Takahashi? — perguntou Macdonald.

— Sim. Não há dúvida. Conheço-o bem.

— Eu também já o vi. Foi ele que rolou de dentro do meu armário, às duas horas da manhã de hoje, MORTO!

Tyler pulou na cadeira onde se abancara.

— Você está louco.

— Nada disso. E' ele mesmo. Fingiu somente que estava morto. Eu, surpreso e sem ação, nem mesmo pensei em verificar si o coração estava batendo. Confundindo os nomes de Macdonald e O'Donnell, ele entrou no meu quarto para matar O' Donnell. Verificando o seu engano, quis sair mas não pôde. Fingiu estar

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

PRISAO do VENTRE?
Pílulas
ALOICAS
REGULAM o intestino
nos seus torções.

morto, e, não contando que eu pudesse distinguir um chinês de um japonês, matou o garçon e colocou-o no meu quarto, pois, não querendo, por enquanto lutar abertamente contra a América, ele tinha, a todo o custo, de ocultar o papel que o governo japonês desempenhara nesse crime. Mais tarde, quando adormeci, ele, que já tinha fugido do quarto, efetuando a substituição, enquanto eu ia chamar os empregados do hotel, foi ao quarto de O'Donnell e matou-o. E dessa vez, infelizmente, não se enganou.

— Uma história extraordinária, meu amigo. Uma história que é uma pena não seja publicada...

— Que quer dizer com isso? Vão me proibir a divulgação da história?

— Pelo menos enquanto o Japão não mostrar o seu jogo. Depois, você pode publicar o que quiser. Garanto-lhe que não, terá muito que esperar...

Timborosa
O SABONETE DO SEculo XX
COM AS PROPRIEDADES GERMICIDAS
DO TIMBÓ E O PERFUME DAS ROSAS
ESPECIALMENTE INDICADO PARA LIMPAR
A CÚTIS E COMBATER A CASPA

fica, não é verdade? Seu testemunho implica os japoneses no caso. O japonês assassinado no seu guarda-roupa torna inaceitável qualquer outra hipótese. A substituição do corpo foi uma tentativa para desorientá-lo, e fazer com que você admita a possibilidade de ter-se enganado.

— Tudo isso está muito bem. Mas eu tenho que fazer. Uma história sensacional a escrever! Uma reportagem que vai causar sensação! O'Donnell assassinado nas barbas do reporter. O reporter implicado na morte do famoso O'Donnell! Escute, Tyler, você fica com Ann até que eu volte, não é? Eu preciso telegrafar tudo isso!

— Nada disso — protestou o capitão. — Eu vou com você ao telégrafo. E mais uma coisa: você não soube de nada por mim, antendeu?

— Está bem. Não vou dizer como obtive a informação. Ann, você me desculpe, mas eu tenho que ir. Essa notícia é muito importante. Você tem aquele revólver que eu lhe dei. Si alguém quiser tomar confiança, não hesite.

Ela riu e assentiu. Sempre que se despediam, Macdonald mencionava o pequeno revólver que lhe dera, antes de partir para o Oriente.

— Para você se defender dos "amarelos do sol nascente"...

Sempre aludia à arma, em tom de brincadeira. Mas a verdade era que realmente se preocupava, vendo quão pouco seguro era o lugar em que viviam. Guer-



SEM ENERGIA?

Cuidado! Você está se intoxicando!

Esta falta de energia de que você se vê possuído é devida à acumulação de tóxicos no seu organismo e que estão lhe intoxicando o sangue. Elimine esse perigo tomando diariamente o "Sal de Fructa" Eno — de sabor agradável e de efeito revigorante. Eno limpa o sistema intestinal, purifica o sangue evitando o desânimo e a somnolência. Mas... lembre-se que só o Eno pode produzir os resultados do Eno.

'SAL DE FRUCTA' ENO

MODAS AVULSAS



Lábios
QUE OS BEIJOS AVIDOS PROCURAM...

...ao simples toque do **BATON COLGATE!**

OS homens gostam de lábios que provocam vontade de beijar... Dê aos seus lábios o mágico tom de exotismo tropical com que o Baton Colgate torna seus lábios mais ardentes... mais atraentes e... muito mais *beijáveis*! O Baton Colgate importado da América é feito com KARANUVA, supremo embelezador dos lábios! É o baton que oferece duas consistências: tipo normal e tipo oleoso para lábios secos. Escolha dentre 5 maravilhosas cores — do Variável ao resplandecente Vermelho Amazonas! Use desde hoje, Baton Colgate. Experimente, especialmente, o encanto inigualável da nova cor da moda: Vermelho Amazonas: exclusiva de Colgate!



O coração bate...
com **BATON COLGATE**



3



4



5

TRES BONITAS BLUSAS PARA OS DIAS QUENTES E
DOIS ELEGANTES COSTUMES DE CERIMONIA

1 — Costume em faille de seda, preto; em vez de botões é enfeitado com laços do mesmo pano ou de setim.

2 — Interessantes duas peças, o casaco bordado de soutache e com os bolsos drapeados; botões cobertos.

3 — Blusa estilo cruzado, gola de pijama, com enfeites de viéses e botões "lingerie".

4 — Blusa com bordados de festonné e botões de cristal.

5 — Graciosa blusa com pequenos losangos bordados os botões tem a mesma linha do desenho.

incarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

LOTES DE LINHO, MIXTOS E DE CRETONE

Guarnições de mesa — Linhos avulsos — Cambraias, etc. Vendas por atacado e a varejo — Grande facilidade nos pagamentos — Solicitem demonstrações sem compromisso a JULIO HIRSCH.

AV. BRIGADEIRO LUIZ ANTONIO, 350
FONE 7-7669 — S. PAULO

BRONZISOL ANTISOLAR

De Mme. Campos
FIXA UM LINDO BRONZEADO NATURAL
A VENDA EM TODA A PARTE

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Píulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Píulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00.

OS comprimidos DE



Piralgina
GRANADO

LIVRAM DE QUALQUER DOR

TARQUINO

DOR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Papéis

BANKETS

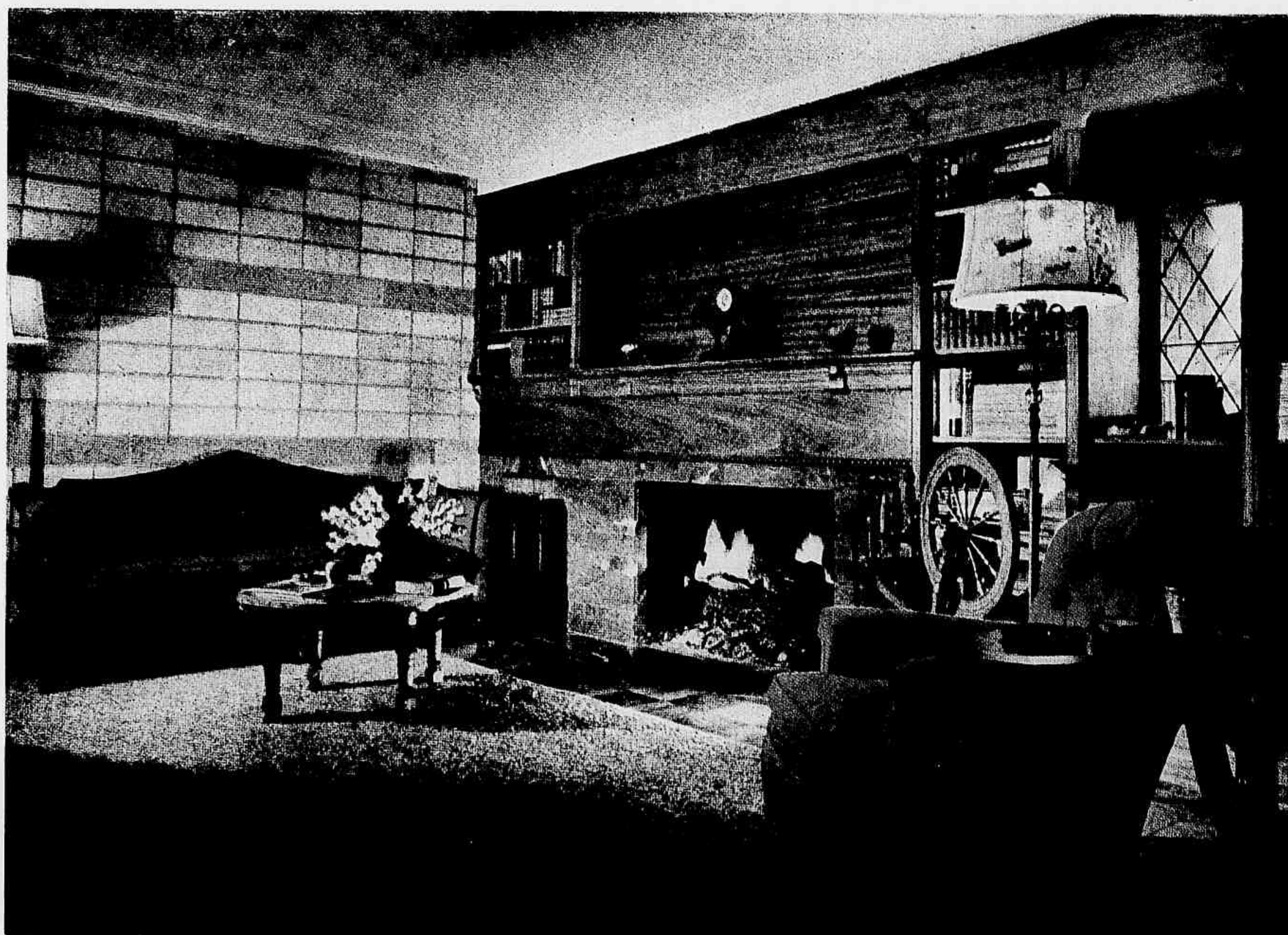


Números atrasados desta revista

Podem ser solicitados à redação: Rua Maranguape, 15, Rio, mediante vale postal ou pelo serviço de reembolso do Correio; também são encontrados em São Paulo, à Rua D. José de Barros, 323. Preço: Cr. 2.00.

O "ESPAÇO VITAL"





PARA A CASA DE CAMPO

O "bric-à-brac", cujo prestígio desapareceu com a entrada do século, e que chegou mesmo a ser considerado como um atestado de falta de arte e bom gosto, volta agora à moda, mais evolvido e mais divulgado.

Neste "living-room" de uma casa de campo norte-americana, podemos apreciar o efeito desta mistura de estilos e de épocas que, pelo contraste evidente, dá uma graça toda especial à peça. As estantes embutidas e as poltronas, em estilo puramente moderno, são aqui dispostas ao lado de estatuetas antigas, e uma velha roca de fiar enfeita um canto da sala.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA

MARCA

UNIES

REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 RUA DA CARIOCA 67-RIO

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



CIA. DE CIGARROS
SOUZA CRUZ

Epoca